

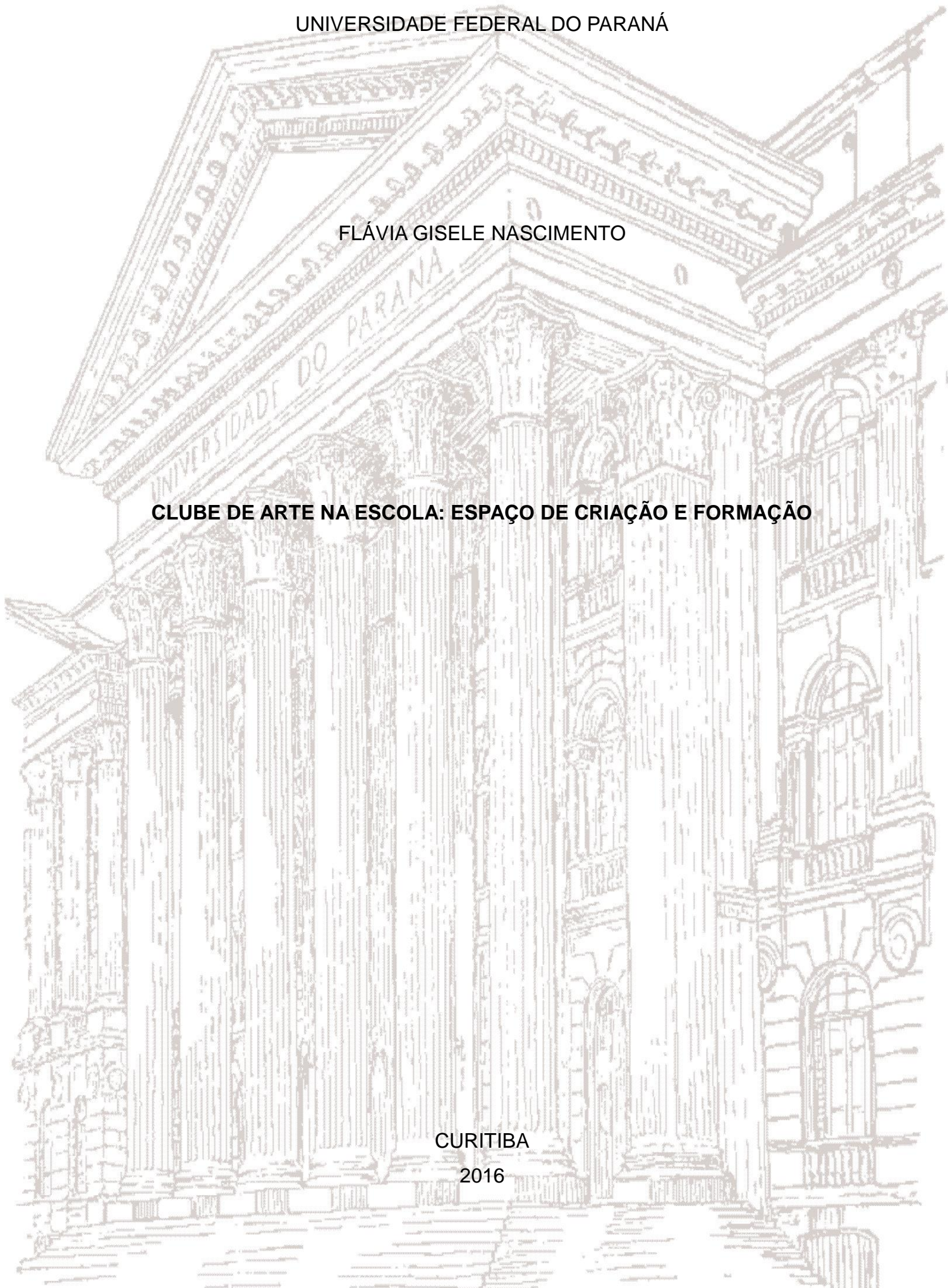
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

FLÁVIA GISELE NASCIMENTO

**CLUBE DE ARTE NA ESCOLA: ESPAÇO DE CRIAÇÃO E FORMAÇÃO**

CURITIBA

2016



FLÁVIA GISELE NASCIMENTO

**CLUBE DE ARTE NA ESCOLA: ESPAÇO DE CRIAÇÃO E FORMAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação: Teoria e Prática de Ensino, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Kátia Maria Kasper

CURITIBA

2016

Catálogo na Publicação  
Cristiane Rodrigues da Silva – CRB 9/1746  
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação – UFPR

Nascimento, Flávia Gisele

Clube de Arte na Escola: espaço de criação e formação. / Flávia Gisele Nascimento. – Curitiba, 2016.

115 f.

Orientadora: Profa. Dra. Kátia Maria Kasper.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná.

1. Ensino – Aprendizagem – Cartografia. 2. Educação – Devir.
3. Clube da Arte – Curitiba. I. Título.

CDD 373





UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ - SETOR DE EDUCAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em Educação: Teoria e Prática de Ensino

MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO

### TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO: TEORIA E PRÁTICA DE ENSINO, da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **FLÁVIA GISELE NASCIMENTO**, intitulada: "**CLUBE DE ARTE NA ESCOLA: ESPAÇO DE CRIAÇÃO E FORMAÇÃO**", após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua aprovação.

CURITIBA, 24 de Agosto de 2016.

Prof<sup>a</sup> KÁTIA MARIA KASPER  
Presidente da Banca Examinadora (UFPR)

Prof<sup>a</sup> MARIA ROSA RODRIGUES MARTINS DE CAMARGO Avaliador Externo  
(UNESP)

Prof. JEAN CARLOS GONÇALVES Avaliador Interno (UFPR)

JULIANA GISI MARTINS DE ALMEIDA Avaliador Externo (UFPR)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PPGE Teoria e Prática de Ensino  
Mestrado Profissional em Educação

## AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Kátia Maria Kasper, que acompanhou bem de perto toda essa travessia, esse devir-pesquisadora-cartógrafa, as potências da pesquisa e da escrita. E conectando com o poeta Manoel de Barros, “do lugar onde estou e já fui embora.” Agradeço imensamente pela sua abertura, sensibilidade, confiança, pelos encontros... Muito obrigada.

À banca examinadora, por terem aceitado o convite para participar desse processo de (de)formação e transformação. À professora Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo, pela sua disponibilidade, pela leitura cuidadosa do texto e pelas valiosas contribuições. À professora Juliana Gisi Martins de Almeida, por ampliar o meu olhar em relação aos espaços de criação, pelas pistas e pelas indicações de leitura. À Cláudia Madruga Cunha, pelos apontamentos e pelo aprendizado nas aulas do programa de mestrado. Ao professor Jean Carlos Gonçalves pelas aulas, pelas conversas e pelas sugestões.

Aos amigos e amigas do grupo de orientação coordenado pela professora Kátia Kasper, grupo composto por Murilo, Juliano, Denise, Geceoní, e em especial Pollyana e Emerson, pelas alianças produzidas, pela escuta, pelas palavras...

A todos(as) os(as) professores(as) do Programa de Pós-Graduação em Educação: Teoria e Prática de Ensino, em especial a professora Araci Asinelli-Luz, pela alegria contagiante.

Aos(as) amigos(as) Renate, Saray, em especial Luciano, por sempre me incentivarem a buscar uma formação na pós-graduação e pelos livros emprestados.

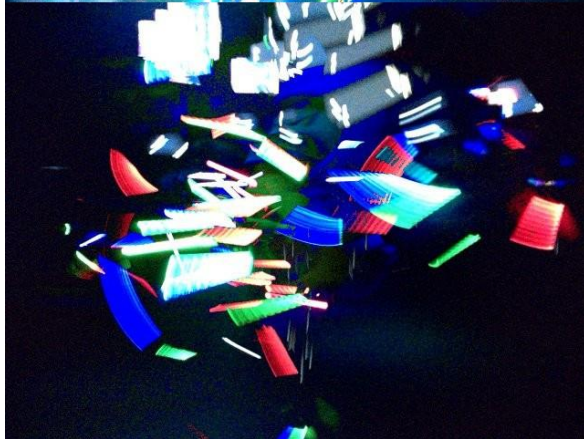
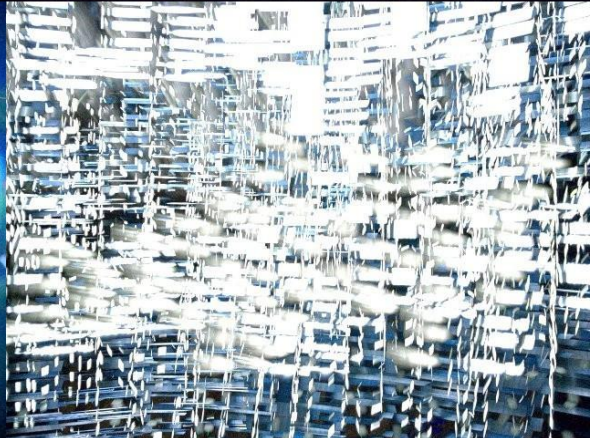
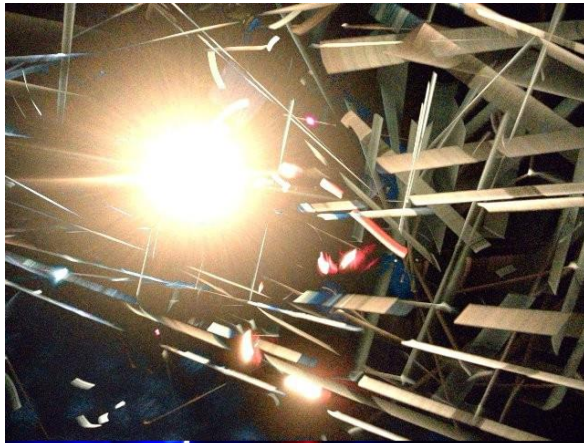
As leitoras e amigas Letícia(s), Gleimara, Andréia, Lorena, em especial Prila, que contribuíram com pontos, vírgulas, crases... para que o texto tivesse mais ritmo.

A Virginia Benevenuto pelo seu olhar e pela produção fotográfica de algumas imagens que compõe a pesquisa.

A minha família pelo apoio e paciência nos meus momentos de ausência.

A Lucas, meu companheiro, pelo amor, carinho e incentivo. Por contribuir com o trabalho na edição das imagens e na transcrição das entrevistas.

E não poderia deixar de agradecer a participação dos(as) integrantes do Clube de Arte nesta pesquisa: União, Esperança, Aprendizado, Criação, Alegria, Cultura, Amizade, Liberdade, Descobertas, Solidariedade, Manifestação, Companheirismo, Amor, Loucura e Expressão.



Acreditar no mundo é o que mais nos falta;  
nós perdemos completamente o mundo,  
nos desapossaram dele.

Acreditar no mundo significa principalmente  
suscitar acontecimentos, mesmo pequenos,  
que escapem ao controle,  
ou engendrar novos espaços-tempos,  
mesmo de superfície ou volume reduzidos.

**Deleuze**

## ESBOÇO

Esta pesquisa investiga processos experimentais de formação dos(as) participantes de um Clube de Arte, criado em um colégio público, na cidade de Curitiba. As atividades do clube ocorrem no contraturno escolar e o período investigado envolve desde sua criação em 2012, com especial destaque para as experimentações ocorridas no ano de 2015. O estudo cartografa a experiência de construção do Clube de Arte pelos(as) alunos(as) e pela pesquisadora, além dos desdobramentos que esses processos possibilitam para a formação de ambos. Compõem a pesquisa depoimentos dos(as) integrantes do clube, suas escritas no “Caderno de Descobertas” e suas produções artísticas. Busca-se pensar a constituição de um espaço de formação em que operam linhas, dentre elas, linhas de fuga (DELEUZE; GUATTARI, 1995) pensadas como aquelas que escapam dos modelos, dos padrões dominantes e hegemônicos de formação, voltando-se para a experimentação de outras possibilidades. Investigando os devires - da pesquisa, do clube, da cartógrafa, dos(as) participantes - pensados como processos de (trans)formação, criação...

Palavras-chave: Formação. Cartografia. Experiência. Linhas de fuga. Devir. Clube de Arte.



## SKETCH

This research investigates experimental formation processes of the participants of an Art Club, created in a public school in the city of Curitiba. The activities of the club take place after the regular school time and the period investigated starts on the moment of its foundation, in 2012, giving special emphasis on the trials that took place in 2015. The study maps the awareness-raising experience lived by the students as well as the researcher in the construction of the Art Club and how these processes contributed to their formation. The research is grounded in the impressions provided by the members of the Art Club, their writings documented in a 'Discovery report' as well as in their artistic production. It looks at the building of a formation environment in which lines play an important role, among them the lines of flight (Deleuze, Guattari, 1995), considered as those that escape from the models, from dominant and hegemonic standards of formation, turning to the experiment of other possibilities. Investigating the up comings - from the research, the club, the researcher, the participants - thought as processes of (trans)formation and creation.

Keywords: Formation. Cartography. Experience. Lines of Flight. Up coming. Art Club.

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

FOTOGRAFIA 1 – “A magia de Oz” I.....	04
FOTOGRAFIA 2 – “Sem título”.....	12
FOTOGRAFIA 3 – “Novos olhares” I.....	16
FOTOGRAFIA 4 – “Novos olhares” II.....	25
FOTOGRAFIA 5 – “A magia de Oz” II.....	32
FOTOGRAFIA 6 – Acervo do Clube de Arte I.....	36
FOTOGRAFIA 7 – Acervo do Clube de Arte II.....	39
FOTOGRAFIA 8 – Acervo do Clube de Arte III.....	44
FOTOGRAFIA 9 – União.....	47
FOTOGRAFIA 10 – Esperança.....	48
FOTOGRAFIA 11 – Aprendizado.....	49
FOTOGRAFIA 12 – Criação.....	50
FOTOGRAFIA 13 – Alegria.....	51
FOTOGRAFIA 14 – Cultura.....	52
FOTOGRAFIA 15 – Amizade.....	53
FOTOGRAFIA 16 – Liberdade.....	54
FOTOGRAFIA 17 – Descobertas.....	55
FOTOGRAFIA 18 – Solidariedade.....	56
FOTOGRAFIA 19 – Manifestação.....	57
FOTOGRAFIA 20 – Companheirismo.....	58
FOTOGRAFIA 21 – Amor.....	59
FOTOGRAFIA 22 – Loucura.....	59
FOTOGRAFIA 23 – Expressão.....	60
FOTOGRAFIA 24 – Acervo do Clube de Arte IV.....	66
FOTOGRAFIA 25 – Acervo do Clube de Arte V.....	72
FOTOGRAFIA 26 – Acervo do Clube de Arte VI.....	74
FOTOGRAFIA 27 – Caderno das Descobertas I.....	76
FOTOGRAFIA 28 – Caderno das Descobertas II.....	77
FOTOGRAFIA 29 – Caderno das Descobertas III.....	78
FOTOGRAFIA 30 – Caderno das Descobertas IV.....	79
FOTOGRAFIA 31 – Caderno das Descobertas V.....	80
FOTOGRAFIA 32 – Caderno das Descobertas VI.....	81

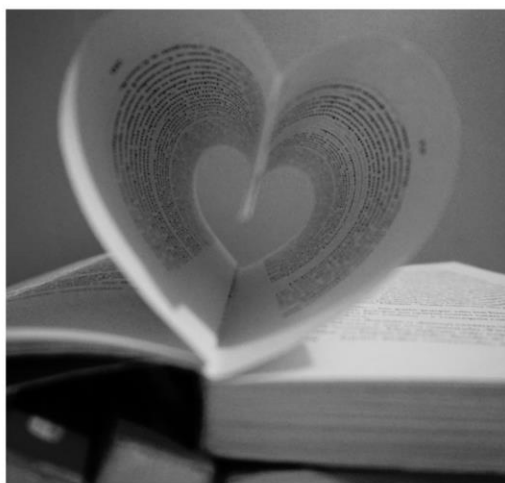
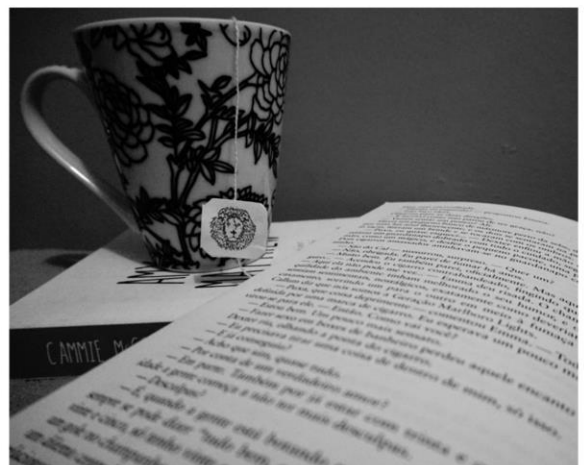
FOTOGRAFIA 33 – Acervo do Clube de Arte VII.....	84
FOTOGRAFIA 34 – “Novos olhares” III.....	88
FOTOGRAFIA 35 – “A magia de Oz” III.....	95
FOTOGRAFIA 36 – Acervo do Clube de Arte VIII.....	104
FOTOGRAFIA 37 – Acervo do Clube de Arte IX.....	113

## SUMÁRIO

<b>ABERTURA</b> .....	13
<b>CAMINHOS E ENCONTROS</b> .....	16
NO MEIO DE UM CAMINHO UM CLUBE DE ARTE .....	16
ESPAÇOS DE ENCONTROS .....	26
<b>PESQUISANDO E CRIANDO OU CRIANDO E PESQUISANDO</b> .....	33
CARTOGRAFIA E RIZOMA .....	33
PROCESSO DE FORMAÇÃO DA CARTÓGRAFA .....	36
O CORPO DA CARTÓGRAFA .....	37
Atenção .....	40
Olhar .....	41
Escutar .....	43
PROCEDIMENTO CARTOGRÁFICO .....	45
DISPOSITIVOS CARTOGRÁFICOS .....	63
NARRATIVIDADE E LINGUAGEM DA EXPERIÊNCIA .....	64
Diário de bordo .....	67
Diário de bordo – o processo .....	68
Diário de bordo – a escola .....	70
Diário de bordo – o clube .....	70
Diário de bordo – a professora/propositora/pesquisadora .....	71
Diário de bordo – momento da comida, da diversão e da arte .....	73
<b>PENSAR A CRIAÇÃO DOS DADOS</b> .....	75
CADERNO DAS DESCOBERTAS .....	75
AS FALAS E O CLUBE .....	82
Fugir do quadrado .....	82
Encontro com o outro .....	84
Encontro com a alegria .....	85
(De)formando e transformando .....	86
<b>ESPAÇO DE CRIAÇÃO E ESPAÇO DE FORMAÇÃO</b> .....	89
ESPAÇO DE CRIAÇÃO .....	89
Clube conectado .....	90
Cor-luz, cor-afeto, cor-aprendizado .....	91
Novos olhares .....	92



Linhas, pontos e manchas.....	96
Múltiplos olhares .....	97
Noite de Talentos.....	99
ESPAÇO DE FORMAÇÃO .....	100
Tempo, tempo, tempo.....	101
<b>ENSAIANDO O CAMINHO.....</b>	<b>105</b>
<b>INTERCESSORES.....</b>	<b>107</b>
<b>APÊNDICE 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....</b>	<b>114</b>



## ABERTURA

A maior riqueza do homem  
é a sua incompletude.  
Nesse ponto sou abastado.  
Palavras que me aceitam como sou - eu não aceito.

Não aguento ser apenas um sujeito que abre portas,  
que puxa válvulas, que olha o relógio,  
que compra pão às 6 horas da tarde,  
que vai lá fora, que aponta lápis,  
que vê a uva etc. etc.

Perdoai  
Mas eu preciso ser Outros.  
Eu penso renovar o homem usando borboletas.

**Manoel de Barros<sup>1</sup>**

Incompletude que nos convida a protagonizar processos de criação e formação. Processos que não têm regras ou um modelo a seguir, mas que são construídos no percurso.

Percurso em que precisamos estar abertos, expostos para vivenciar as experiências. Experiências que nos passam, nos tocam e nos transformam, conforme nos mostra Larrosa (2015).

Nessa perspectiva, precisamos pensar, sobretudo, dentro das escolas, em espaços de criação, de formação, de experimentação que não sigam receitas. Caroline Mitrovitch afirma que "não falta para a escola nem teoria e nem prática. O que falta é espaço para a experimentação, um espaço capaz de aceitar a dúvida e a incerteza como 'horizontes', isto é, como uma das 'perspectivas' do próprio saber." (MITROVITCH, 2011, p. 106). Quem sabe o que falte para a escola seja ocupar esses espaços, criando, traçando linhas de fuga, tornando-o um espaço para a experimentação.

Segundo Deleuze e Parnet (2004, p. 41), você sempre está "no meio de

---

<sup>1</sup> BARROS, Manoel de. **Retrato do artista quando coisa**. São Paulo: Leya, 2013. (Coleção Biblioteca Manoel de Barros).

alguma coisa”, no meio de um caminho, de um processo, de uma pesquisa. Durante o meu percurso de formação encontrei o Clube de Arte, clube criado em um colégio público na cidade de Curitiba, que tem uma estrutura física singular em relação a outros colégios. Um espaço em que se tornou possível experimentar, entre materiais, técnicas, temas, suportes, texturas, cores...

Espaço composto por diferentes integrantes, envolvendo diferentes linhas, tensões. O traçado de linhas de fuga nos parece importante. E elas me fazem fugir e então criar um projeto para pesquisar o próprio clube. Nesta pesquisa pensamos e investigamos os processos experimentais de formação dos(as) participantes do clube, bem como sua construção.

Pensando em acompanhar esses processos, optou-se por adotar a cartografia como perspectiva metodológica, conceito proposto por Gilles Deleuze e Félix Guattari na obra "Mil Platôs" (DELEUZE; GUATTARI, 1995) e indicado para acompanhamento de processos, como abordado por Virgínia Kastrup, Suely Rolnik, dentre outros(as) autores(as).

Em uma das aulas do mestrado, descubro com Kátia Kasper que muitas vezes na pesquisa aprendemos a olhar as regularidades e não as diferenças. A pesquisa me apresentou esse grande desafio, desafio de olhar, de escutar, de pensar o clube de outras maneiras. Nessa travessia, em vários momentos fiquei paralisada, olhando o rio, o mar, o caminho. Tinha medo, medo de errar. Aos poucos fui me atrevendo, experimentando, inventando.

A cartografia me convidou a essa abertura, a fazer a pesquisa com o corpo todo, a criar um corpo. Assim como no filme "Vermelho como o céu", quando o professor fala para Mirco, um menino que perdeu a visão em um acidente: "Você tem cinco sentidos. Por que usar só um deles?" A cartografia convida a pesquisadora a experimentar todos os sentidos, a preparar o seu corpo, tornando-o sensível às diferenças. A cartografia não tem um trilho a seguir, convida a sair dele. Convida também a criar, a experimentar, inclusive, uma escrita, possibilitando o ensaio.

Compor. Ensaiar. Traçado de linhas no encontro com produções de autores, filósofos, artistas, músicos, cineastas, dentre eles Jorge Larrosa, Gilles Deleuze, Félix Guattari, Claire Parnet, Virgínia Kastrup, Manoel de Barros, Italo Calvino, Arnaldo Antunes, João Jardim, Walter Carvalho...

O processo da pesquisa vai deixando marcas, formando, (de)formando e transformando a professora, a pesquisadora, a cartógrafa. Desenhando-a,



esculpindo, pintando-a...

A composição desta pesquisa é apresentada da seguinte forma:

Em “Caminhos e Encontros” descrevo os processos da minha formação, da construção do Clube de Arte e apresento as Escolinhas de Arte.

Em seguida, “Pesquisando e criando ou criando e pesquisando” aborda-se o método cartográfico, o conceito de rizoma (DELEUZE; GUATTARI, 1995); o processo de formação da cartógrafa, em especial o corpo; o processo da entrevista (depoimentos) – um procedimento cartográfico; os dispositivos cartográficos criados no percurso da pesquisa, e a experimentação da escrita. Escrita na forma de ensaio, ensaiando nos diários de bordos.

Na outra seção, “Pensar a criação dos dados”, pensa-se os dados criados na pesquisa, o “Caderno de Descobertas” – caderno em que os(as) participantes deixam registradas as suas impressões sobre o clube, a Arte, a vida; e as entrevistas (depoimentos) realizadas em novembro de 2015 com os(as) participantes do Clube de Arte.

Em “Espaço de criação e espaço de formação”, são abordadas as linhas que nos atravessam, em especial as linhas de fuga (DELEUZE; GUATTARI, 1995); as práticas experimentais desenvolvidas no clube, a noção da experiência e seus inimigos (LARROSA, 2014); os processos de formação; os traçados do devir (DELEUZE; PARNET, 2004).

E, em “Ensaando o caminho”, traça-se algumas linhas sobre os processos da pesquisa. Processos que estão em um constante devir, devir-clube, devir-cartógrafa, devir-pesquisa.

As fotografias que aparecem no trabalho foram produzidas pelos(as) integrantes do clube, pela pesquisadora e pela professora Virginia Mantovani Benevenuto.

Essa pesquisa se faz com os(as) participantes do clube e não sobre eles(as). União, Esperança, Aprendizado, Criação, Alegria, Cultura, Amizade, Liberdade, Descobertas, Solidariedade, Manifestação, Companheirismo, Amor, Loucura e Expressão - pseudônimos criados durante o processo da pesquisa, integram e compõem a pesquisa com seus depoimentos, que estão com a fonte em itálico, com suas escritas no “Caderno de Descobertas” e com suas produções artísticas que aparecem ao longo do trabalho.



## CAMINHOS E ENCONTROS

### NO MEIO DE UM CAMINHO UM CLUBE DE ARTE

A vida é arte do encontro  
Embora haja tanto desencontro pela vida

**Vinicius de Moraes<sup>2</sup>**

**Baden Powell**

Começo nosso encontro falando sobre alguns aspectos do meu processo de formação. Deleuze e Parnet afirmam o encontro como um dever. “Encontram-se pessoas (e por vezes sem as conhecer nem as ter jamais visto), mas também movimentos, ideias, acontecimentos, entidades.” (DELEUZE; PARNET, 2004, p. 17). Início pelo meio, nem pelo início e nem pelo fim, mas pelo meio. Pois “o que conta num caminho, o que conta numa linha, é sempre o meio, não o princípio nem o fim.

---

2 MORAES, Vinicius de; POWELL, Baden. **Samba da benção**. Disponível em: <<http://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/musica/cancoes/samba-da-bencao>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

Está-se sempre no meio de um caminho, no meio de alguma coisa.” (DELEUZE; PARNET, 2004, p. 41). Faço o relato a partir dos meus estudos no Ensino Médio, quando cursei o ensino Técnico em Prótese Odontológica, em um colégio público de Curitiba, do momento em que comecei a perder o interesse pelo curso.

Um dos motivos do desencantamento pelo curso foi devido aos processos de pesquisa e desenvolvimento dos trabalhos (dentaduras, pontes dentárias, entre outros) sempre serem os mesmos; não havia espaço para o erro e muito menos para a criação, pois buscava-se sempre a perfeição no resultado do trabalho.

Nesse período pensei em desistir do curso e só continuei porque meus pais me incentivaram a concluí-lo. Ao terminar o Ensino Médio, queria cursar uma graduação onde eu pudesse aprender e criar ao mesmo tempo. Algo em mim queria sair da regularidade, da generalização, da repetição e mergulhar na experimentação, por isso escolhi uma licenciatura em Artes Visuais. Desde o primeiro dia de aula me apaixonei pelo curso e foram quatro anos de muita aprendizagem, onde estudei várias técnicas, conheci vários artistas e apreciei várias obras. Pela primeira vez visitei um museu, uma galeria de arte, um espaço cultural e também foi a primeira vez que tive acesso a um computador, a uma máquina fotográfica e a uma filmadora.

Assim que terminei a graduação, trabalhei em diversos segmentos do ensino não formal, como monitora, docente de oficinas e de capacitações para professores da Educação Infantil. Em 2009, quatro anos após a conclusão da graduação, comecei a lecionar no ensino regular, em um colégio público da cidade de Curitiba.

O colégio atende novecentos alunos(as), do 6º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio. Os(as) alunos(as) que estudam lá vêm de diversas regiões do Brasil e de diferentes classes sociais. O ensino regular acontece no período da manhã e no contraturno são ofertadas diferentes atividades esportivas, artísticas e culturais.

A disciplina de Arte nessa instituição é ministrada somente nos 6º e 7º anos do Ensino Fundamental e nos 2º e 3º anos do Ensino Médio; sendo que no Ensino Fundamental, duas aulas semanais são destinadas à disciplina de Arte e no Ensino Médio, somente uma aula. Também se trabalha com a polivalência<sup>3</sup>, o ensino das quatro linguagens (Artes Visuais, Música, Teatro e Dança), e em cada bimestre é

---

<sup>3</sup> Segundo Nunes (2010, p. 5), "o que vemos na Educação Básica, é a predominância da polivalência, e em 90% das Escolas [...] um professor assume todas as linguagens da Arte, mesmo tendo formação em uma única linguagem."

abordada uma linguagem da Arte. Como minha formação é especificamente em Artes Visuais, procurei fazer vários cursos, inclusive uma pós-graduação em Teatro, para aprimorar meus conhecimentos nas outras linguagens.

Devido ao número reduzido de aulas de Arte e a necessidade de abordar várias linguagens, a articulação entre tempo e conteúdo não permite definir os mesmos. Os(as) alunos(as) precisam finalizar alguns trabalhos em casa ou comparecer no contraturno para terminá-los.

Em 2010, durante uma aula no 7º ano do Ensino Fundamental, um aluno sugeriu a criação de um clube de Arte no contraturno, e que eu, como a professora de Arte, promovesse essa ideia no colégio. Fiquei encantada com a ideia; porém, naquele período até o ano de 2011, eu coordenava um grupo de teatro do colégio. Mesmo assim, propus aos(as) alunos(as) e à direção do colégio o desenvolvimento daquela atividade, que, inicialmente, tinha como objetivo promover o desenvolvimento dos processos artísticos dos(as) alunos(as). Com o parecer favorável de ambos, em 2012 começamos a nos reunir.

No primeiro encontro do clube fizemos uma roda de conversa para verificar quais eram os interesses de cada aluno(a) em relação à Arte. O que gostariam de aprender ou aperfeiçoar? Quais seriam os temas abordados no desenvolvimento dos trabalhos artísticos? Que espaços culturais gostariam de visitar? A partir dessas respostas fomos criando o Clube de Arte ao longo desses anos. E no decorrer do percurso foram surgindo novas perguntas e respostas.

Os(as) integrantes do clube são estudantes do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental e dos 1º e 2º anos do Ensino Médio. A faixa etária varia de 11 a 16 anos de idade. É importante ressaltar que os(as) alunos(as) se envolvem de forma voluntária. Já tivemos a participação de vários meninos nos outros anos, em relação ao número de meninas, mas em 2015 somente um aluno participou do clube e em 2016, o número aumentou para quatro meninos.

O clube começou com poucos(as) alunos(as), o que já era esperado devido a grande quantidade de atividades ofertadas no contraturno do colégio, mas acabou tendo adesão e continuidade. E já são cinco anos de vigência.

Em 2016, frequentaram aproximadamente dezessete integrantes, oscilando para mais ou menos em alguns encontros. Uma integrante do clube participa desde 2012; outros(as) entraram nos anos seguintes, e outros(as) iniciaram em 2016. Os encontros acontecem às quintas-feiras, das 14h às 16h30min, duração que varia a



cada encontro.

Todas as atividades desenvolvidas no clube são gratuitas para os(as) participantes, muitas vezes elas acontecem na sala de Arte. Uma sala retangular, localizada no segundo andar do pavilhão de ensino, composta por duas portas, e, ao abri-las, avistamos várias janelas quadradas, mesas, armários, bancadas e uma pia enorme. A cor das paredes da sala é de tonalidade bege e nelas estão expostos alguns quadros com imagens de obras de diferentes artistas, associados aos trabalhos de mosaicos multicoloridos desenvolvidos pelos(as) alunos(as).

Além das atividades desenvolvidas neste espaço, utilizamos outras instalações do colégio, como o anfiteatro, a sala de informática, a sala ao ar livre, os jardins, entre outros. Também visitamos exposições, espaços culturais e ateliês de artistas. Assistimos à algumas peças dos festivais de teatro de Curitiba. Participamos de oficinas de gravura, de desenho, entre outras técnicas.

E para nos comunicarmos virtualmente, os(as) participantes do clube criaram grupos nas redes sociais, um no Facebook, em 2012 e outro no WhatsApp, em 2015.

Nesses cinco anos de clube, várias técnicas artísticas foram trabalhadas, como o desenho, a xilogravura, o mosaico, a colagem, o vitral, a pintura, o grafite, a fotografia (macrofotografia, light paint, edição de imagens...), o biscuit...

*Ah, eu gostei do clube porque a gente não ficou focado só numa área da Arte, a gente foi também para a fotografia, né? Para a pintura, desenho, foi pra vários campos... daí eu acho que é bom. (Depoimento de Solidariedade, 12/11/2015).*

*Eu gosto bastante porque a gente desenvolve várias áreas, entendeu? Da Arte, não foca apenas em uma coisa. E eu acho que essa amplitude que a gente tem, né? É melhor. (Depoimento de Amor, 17/11/2015).*

*A gente viu várias técnicas que eu nem sabia que existia... eu achei muito legal de fazer. Ah, aqui a gente faz vários tipos de coisas. A gente pinta, a gente também faz grafite, a gente mexe com tudo... com a madeira também. Tipo, a gente pode mexer, a gente pode até mexer com a parede. A professora falou que queria mudar a sala, né? A gente pode fazer tudo, tipo, é aberto pra nossa imaginação, né? (Depoimento de Aprendizado, 17/11/2015).*

*Aqui a gente desenha, a gente pinta, a gente faz coisa no computador. Tem tudo, né? É assim que eu tento convencer as pessoas para vir. (Depoimento de Alegria, 19/11/2015).*

*Ah, o Clube de Arte é um lugar que a gente se reúne. Então, os alunos do colégio, mais a professora de Arte. A gente se reúne, para poder trabalhar diferentes técnicas. Aí, geralmente, para falar que o clube é muito legal, eu falo que a gente já trabalhou com grafite. Daí todo mundo fica: Nossa, que legal, e tal. Então a gente fala: Nossa, a gente trabalhou com fotografia, com grafite, com mosaico... E daí são coisas bem diferentes... (Depoimento de Liberdade, 24/11/2015).*

A temática para o desenvolvimento dos trabalhos artísticos também é bem variada, tendo sido abordada desde as obras de William Shakespeare até o elemento água.

Também experimentamos diferentes materiais que a escola proporciona: desde a transparência do vidro à opacidade do papelão; da madeira que precisa ter “raiva para escavar” - artista Maria Bonomi – à delicadeza da massa do biscoito; da imprecisão da tinta do spray à precisão da pintura com estêncil; além de diferentes suportes, dimensões, texturas, cores; explorando as possibilidades de cada material, misturando-os, transformando-os, criando croquis, trabalhos artísticos...

Pensando com Suzana Vaz (2008, p. 65):

para cada material novo que era experimentado, eram também novas as possibilidades expressivas investidas sobre e diante dele. O contato das mãos com as diversas matérias era indicativo de sensações táteis múltiplas e prazerosas. Do frio ao morno, do liso ao áspero, passava a relacionar-me intimamente com os materiais que pareciam estar integrados ao meu corpo, misturando nossas temperaturas.

Vale ressaltar que as atividades desenvolvidas no clube têm enfoque nas Artes Visuais, mas também fazem conexões com outras linguagens, como o Teatro e a Literatura.

*Eu acho legal, porque a gente não só cria, mas também a gente vê outras manifestações artísticas. (Depoimento de Manifestação, 13/11/2015).*

O Clube de Arte participa de diversos eventos do colégio, como a Noite de Talentos, evento que tem diferentes modalidades, como: cantores, bandas, grupos de dança ou solo, grupos de teatro ou monólogo, exposição e atrações, e qualquer aluno(a), professor(a), pais, comunidade pode participar; a Noite Cultural, participam somente os(as) alunos(as) que fazem uma atividade artística no contraturno, evento que todo ano tem uma temática diferente e é apresentado em um teatro de Curitiba; a Feira de Ciências, Arte e Cultura, concursos de fotografia, desenho, logomarca, entre outros.

Há um momento em que temos que seguir algumas regras dadas pelo colégio, participando desses eventos, mas isso não atrapalha o processo dos(as) integrantes do clube, que se envolvem de forma voluntária e alegre, pois o clube é uma atividade que acontece no contraturno. Mas, atrapalharia o Ensino da Arte se os(as) alunos(as) que tem aulas no ensino regular tivessem que participar desses eventos, algo que acontece em muitas escolas, em que o objetivo das aulas de Arte é o de simplesmente realizar tarefas para as datas comemorativas.

*Eu gosto das coisas que a gente faz na Noite Cultural, é a parte que eu mais gosto do colégio, porque a gente faz as nossas exposições, coloca lá e as pessoas podem ver e participar também, como se fossem todo mundo do Clube de Arte ao mesmo tempo... participando... (Depoimento de Loucura, 13/11/2015).*

*É uma noite que tem os extraclasses aqui de tarde, né? Que são atividades extracurriculares, que são de vários tipos e daí as que têm alguma coisa voltada para a parte artística, daí junta todo mundo, faz uma apresentação pra Noite Cultural. Onde vai mostrar toda a essência do tema daquele ano. Daí tem a exposição, que é onde a gente participa, né? Do Clube de Arte. Tem as Danças, tem o Teatro, tem a Banda, tem o Coral, tem o Grupo de Livre de Música, que é onde eles tocam tudo que não tem na banda. Tem os professores, tem a equipe técnica, tem um monte de coisa... (Depoimento de Companheirismo, 13/11/2015).*

*É um evento que reúne vários setores da comunidade artística (risos) do colégio. Daí tem o Teatro, a Dança, o Clube de Arte, a Banda... e é um evento que atrai bastante o público relacionado ao colégio, né? Porque, não só pelos filhos, mas porque é divertido. E é bom valorizar os trabalhos dos alunos. Eles passam o ano*

*inteiro pensando, trabalhando e treinando. (Depoimento de Manifestação, 13/11/2015).*

*A gente também ajuda na Noite Cultural, o Clube de Arte faz exposições e fez com fotografia esse ano... e também fez com desenhos... e foi lá para o cenário. A gente faz um monte de coisas diferentes, relacionadas a Arte. E que também todo mundo, tipo, te ajuda. (Depoimento de União, 17/11/2015).*

*É um momento que você vê muitas coisas diferentes... (Depoimento de Amizade, 19/11/2015).*

*Pra Noite Cultural, a gente tem mais liberdade... assim, dentro do tema, aí cada um vai inventando coisas diferentes... devido a exposição ser maior, dá para a gente inventar coisa que nem é tão Arte, assim. Tipo, esse ano que a gente colocou um espelho, e as meninas fizeram chapéus, para o pessoal tirar foto em frente do espelho, assim.*

*Na Noite Cultural é mais livre, porque quem vai na Noite Cultural, geralmente vai porque gosta de Arte. Porque vai ver um espetáculo de Dança, de Teatro, de Música. E aí você pode fazer uma coisa que uma pessoa que está mais no meio, talvez ela compreenda.*

*Então, pra Noite Cultural, a gente foi tirar foto no Jardim Botânico, no ano passado. Aí estava um calor, estava todo mundo lá suando. Aí a gente foi fantasiado no Jardim Botânico, para tirar foto, que o tema era “Alice no país das Maravilhas”, né? Aí tinha lá, uma vestida de rainha, outra vestida de Alice, no meio do Jardim Botânico, aquele calor, todo mundo suando, assim. (Depoimento de Liberdade, 24/11/2015).*

*Esses eventos possibilitam mostrar os trabalhos desenvolvidos pelos(as) alunos(as), compartilhando as suas criações, ideias, pensamentos...*

*Exposição é divertido porque você pode mostrar o seu trabalho para outras pessoas. (Depoimento de Esperança, 12/11/2015).*

*Ah... todas as vezes nos esforçamos, mas tem vezes que aquela correria não*

*deu em nada... E chega no dia, nossa! A exposição está tão bonita e o resultado passa as minhas expectativas. (Depoimento de Companheirismo, 13/11/2015).*

*Eu achei bem legal aquela parte de montar, sabe? Gostei. Gostei de montar, tanto na Noite de Talentos, quanto na Noite Cultural. Colocar os tecidos, aí a gente colocava grampos, colocava os "negócios"...*

*Gostei também dessa cooperatividade, que a gente tinha lá. Uns fazendo as "coisinhas", aí outros fazendo isso... (Depoimento de Cultura, 24/11/2015).*

O Clube de Arte não tem a intenção de formar artistas, mas trabalha com o dispositivo da experimentação. Processo que tem um interesse especial nas contingências, no que não está programado. E nesse processo, não imaginava que o clube se tornaria ou se transformaria no objeto da pesquisa do mestrado, que iniciei em 2014 na Universidade Federal do Paraná.

Então, passados esses anos - de observação de todas as atividades desenvolvidas no clube, da motivação dos(as) integrantes e da consolidação do mesmo - percebi o clube não só como um espaço para aprender técnicas artísticas, mas um espaço de aprendizagem inventiva, que tem lugar para processos de invenção de si e do mundo. (KASTRUP; BARROS, 2012, p. 84). O que instigou-me a investigar como se dão os processos experimentais de formação dos(as) alunos(as) e da pesquisadora na construção do Clube de Arte.

Buscou-se pensar na pesquisa a constituição de um espaço de formação em que operam linhas, dentre elas, linhas de fuga – conceito pensado pelos filósofos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995) – que buscam escapar dos modelos, padrões dominantes e hegemônicos de formação, voltando-se para a experimentação de outras possibilidades.

Quando as(os) professoras(es) de Arte se queixam do comportamento dos estudantes, dizem que seria excelente se houvesse a possibilidade deles escolherem os conteúdos de Arte a serem abordados, atitude que transformaria a disposição para aprender. Isso ocorre no clube: aqueles que o frequentam desejam essa experiência.

Além disso, no clube os(as) alunos(as) não têm um tempo determinado para começar ou terminar seus trabalhos artísticos, não existe uma avaliação, um controle de frequência, os(as) alunos(as) estão naquele espaço porque escolheram



esse encontro. Amor, uma integrante do clube, diz que quase não temos momentos para encontrar a Arte e que no clube *“a gente pode achar o momento para fazer isso.”*

Solidariedade, outro integrante do clube, nos traz que: *“na sala de aula a gente não escolhe estar na sala que a gente está.... no clube a gente escolhe estar aqui... se eu falar não gosto de ninguém aqui, eu vou embora... eu posso sair do Clube de Arte. Na sala de aula não tem isso...”*

Conforme afirmamos com Caroline Mitrovitch, falta desenvolvermos na escola "espaço para a experimentação, um espaço capaz de aceitar a dúvida e a incerteza como 'horizontes', isto é, como uma das 'perspectivas' do próprio saber." (MITROVITCH, 2011, p. 106).

Pensar espaços da experiência formativa dentro da escola, para além das diretrizes (de uma educação maior). Espaço de experiências e experimentações que nos façam fugir de modelos, regras, normas, possibilitando o movimento, no qual não olhamos o fluxo da margem, de fora, mas somos levados por ele, movendo diversas linhas que compõem os processos de formação.

Como citado anteriormente, buscou-se construir a pesquisa com os(as) participantes do Clube de Arte e não sobre eles(as). Desse modo, criaram durante o processo de pesquisa os pseudônimos que aqui aparecem para cada um(a). Compõem a pesquisa com seus depoimentos, seus textos no “Caderno de Descobertas” e com suas produções artísticas.



## ESPAÇOS DE ENCONTROS

Um clube é um espaço de troca, no qual se reúnem pessoas de diferentes gêneros, idades, profissões... que estão ligadas por ideias, por interesses em comum, em um determinado local.

A bibliografia sobre Clubes de Arte ainda é bem restrita. Em uma pesquisa mais avançada sobre Clube de Arte na escola, não foi encontrado nenhum artigo, dissertação e/ou tese.

Pensando em buscar espaços institucionais que operaram com processos grupais de criação, veremos algumas Escolinhas de Arte do Brasil (EAB). O interesse deve-se ao fato delas terem sido um espaço onde ocorria a experimentação, com materiais, técnicas, métodos, processos...

Não pretendemos fazer uma análise histórica do ensino da Arte, nem traçar uma linha cronológica dos fatos ocorridos na EAB, pensando com Deleuze “lembramos de um gesto ou de um riso, mais que datas.” (DELEUZE, 1992, p. 105). Nos propomos a pensar as experimentações que aconteceram nesse espaço.

As Escolinhas de Arte do Brasil tinham como proposta a Educação pela Arte. A primeira escolinha foi criada em 1948, na Biblioteca Castro Alves, no Rio de Janeiro, e teve como um de seus fundadores o artista Augusto Rodrigues – pintor, desenhista, caricaturista e jornalista pernambucano, em um depoimento diz que sempre pensou em criar algo envolvendo o desenho da criança, que pudesse estimulá-la a desenhar livremente.

Mas a escolinha “não nasceu planejada, não teve fundação festiva, ao contrário surgiu como uma experiência simples, mas viva, nutrida desde o seu início pela inquietação de profissionais que buscavam afirmar o importante papel da arte na educação.” (LIMA, 2012, p. 456). O nome surgiu das próprias crianças que frequentavam o espaço, “amanhã eu venho à Escolinha” (RODRIGUES, 1980, p. 32).

O artista Rodrigues percebeu que as crianças faziam distinção da escola institucional e da que começaram a chamar de escolinha, “escolinha, no diminutivo, com o componente afetivo, uma era a escola onde ela iria aprender, a outra ela ia viver experiência, expandir-se, projetar-se.” (ibid, p. 32).

Os encontros na escolinha, inicialmente, aconteciam três vezes na semana e eram atendidas apenas crianças - aproximadamente vinte e cinco, de diferentes

idades. Elas tinham a possibilidade de experimentar livremente as diferentes técnicas de Arte, sem a interferência dos artistas e educadores em sua produção. Os responsáveis pela escolinha “acreditavam nessas atividades como válvula de escape para a liberação de energias, descarga das emoções e meio legal para expressar os sentimentos, quaisquer que fossem eles do ponto de vista social e moral.” (LIMA, 2012, p. 457).

A escolinha não tinha interesse em formar artistas e sim estimular a criança para o fazer artístico, não se tinha um horário rígido ou regras, também não era necessário fazer uma inscrição para participar das atividades.

Rodrigues conta que no início da escolinha os(as) professores(as) ficavam confusos(as) sobre esse comportamento aberto, livre com a criança.

Um dia, uma criança estava pintando com tinta branca sobre o papel branco. E a professora perguntou: O que eu faço? ‘Não faça nada, observe. Você sabe por que ela está pintando com tinta branca sobre o papel branco?’ Não. ‘Então espere e observe.’ Ela observou e disse que ele já tinha gasto um pote de tinta branca, só estava lambuzando. Eu comentei que seria bom ela observar mais, pois talvez houvesse alguma razão para isso. A criança continuava, já estava em um pote e meio, quando me aproximei dela, me abaixei e fiquei a seu nível – o que é sempre bom. Quando me abaixei, a incidência da luz era outra, e havia no branco, sobreposto ao branco, relevos e toda uma paisagem, casa, árvores, tudo, feitas só com uma tinta: branco. Havia um elemento de que a professora não tomou conhecimento: a luz, a incidência da luz. (RODRIGUES, 1980, p. 35).

Com o passar dos anos a escolinha começou a atender adultos, professores, artistas, estudantes de arte, pedagogia... com diversos cursos de arte-educação; suas atividades foram ampliadas para os finais de semana, e aconteciam no Parque Guinle (Laranjeiras).

A escolinha tinha como embasamento teórico o inglês Herbert Head, que influenciou a criação desse espaço quando trouxe uma exposição de trabalhos infantis para o Brasil; o americano John Dewey e o austríaco Viktor Lowenfeld, que tinham seus estudos voltados para a livre expressão.

Conforme afirma Ana Mae Barbosa, a ideia de livre expressão origina-se no expressionismo, “e defende que a arte não é ensinada, mas expressada, sendo a expressão do indivíduo o objeto principal de qualquer ação educativa nesse campo.” (1980 apud OLIVEIRA, 2012).

Oliveira complementa o pensamento de Barbosa, dizendo que a livre

expressão “consiste em viabilizar meios, como espaço, materiais diversos, sem amarrar, sem estar atrelado a cópias, ou retoques, porém com orientações técnicas do professor.” (OLIVEIRA, 2012, não p.).

Vários educadores, artistas nacionais e internacionais, simpatizantes visitaram a escolinha. Alguns deles(as) chegaram a ministrar cursos, dentre eles(as) a autora inglesa Seonaid Robertson, que em uma carta de despedida conta às suas alunas como foi esse processo de formação:

Nosso começo com o barro foi a mesma coisa: experimentar e descobrir, no próprio barro, alguma coisa de sua própria natureza e aquilo que ele, por si mesmo, nos mandava fazer. [...] não esquecerei aquela manhã em que deixaram de ser tão sérias e acadêmicas e se entregaram ao prazer de olhar e cortar os frutos e compartilharam do meu prazer com todas as coisas novas que estavam para ser descobertas dentro dos frutos. Vejam bem, com relação aos frutos brasileiros, sou como criança – tudo era novo e excitante para mim... [...] estou certa de que vocês notaram como nossas atividades passaram, naturalmente, de uma a outra... A educação, em lugar de um número isolado de disciplinas ou habilidades, pode ser um todo orgânico, se nós, educadores, a olharmos como tal... Porém, só se aprende a viver, vivendo. (apud RODRIGUES, 1980, p. 66).

A escolinha contava com o apoio de colaboradores, alguns do campo da educação especial como Helena Antipoff e Nise da Silveira; também foi tema de diversas reportagens daquela época: jornais, revistas, catálogos... registraram as atividades que aconteciam naquele espaço, as conversas com os(as) professores(as), com os(as) participantes, as exposições...

Dentre as várias reportagens, escolhemos a de Fernando Lobo, em Noite Ilustrada, de 12 de abril de 1949, que mostra um olhar sensível dos acontecimentos desse espaço:

É um grupo de crianças que desenha o que quer, a quem os professores apenas respondem às perguntas e nunca repreendem por erros ou faltas. Os que ensinam nada recebem, os que aprendem nada pagam. Quando a hora de terminar as aulas vem chegando, a criança se impacienta numa ânsia de que a aula se prolongue, para que os desenhos sejam terminados. Lembro-me de ter visto um menino do morro chamado Zacarias. Foi o primeiro a chegar e, a pretexto de limpar as mesas dos respingos de tinta, os pincéis, foi o último a sair. Zacarias é um menino de morro, pobre, e com várias expulsões nas escolas públicas. Mas ali, naquela, é o primeiro a chegar e o último a sair. (apud RODRIGUES, 1980, p. 40).



Em 1949, os(as) alunos(as) da escolinha criaram um jornalzinho chamado “Grilo”, que apresentava as atividades que eles(as) desenvolviam naquele espaço. A publicação teve circulação por dois anos e uma das reportagens foi “Os meus desenhos da dança”, feita pela aluna Irene Landau, que apresenta o seu processo de formação no desenho, na pintura e na vida:

Sempre no curso de pintura, quando eu pergunto a alguém: “Que é que você vai pintar hoje?”, a resposta é sempre a mesma: “Eu não sei, e você? Ah, já sei, para variar, você vai desenhar bailarinas”. E quando me perguntam: “Você tem alguma idéia para pintar um quadro?”, e eu respondo: “Ainda não”, sempre alguém diz: Então vai pintar bailarinas”. Todos na Escolinha gostam de balé, mas ninguém pinta balé. Por quê? Dizem que não sabem. Não sabem porque não querem. Eu também não nasci pintando bailarinas. Foi pouco a pouco e desenhando muito que consegui desenhar como desenho hoje. Eu não desenho bem, mas perto do que era antes! Aliás eu tenho certeza de que chegarei um dia a isto, se continuar desenhando, desenhando muito e sempre. (LANDAU, 1950 apud RODRIGUES, 1980).

A escolinha também teve um jornal chamado “Arte&Educação”, que era editado pelos seus fundadores e colaboradores. Devido ao sucesso desse espaço na Biblioteca Castro Alves, Rodrigues começou a expandir e apoiar a escolinha para outros territórios, como no bairro de Botafogo no Rio de Janeiro, nas cidades de Porto Alegre, Itapemirim, Recife, Brasília, São Paulo. O Movimento Escolinhas de Arte (MEA) chegou a aproximadamente 32 escolinhas.

Segundo Ricardo Carneiro Antonio, esse movimento de criação de escolinhas de arte a partir da década de 50, “acreditava que, oferecendo à criança a oportunidade de se expressar criativamente, estaria colaborando com a construção de um novo mundo baseado na tolerância e na paz após as duas guerras mundiais.” (ANTONIO, 2012, p. 20). Sendo que o sistema educativo convencional era contrário a essa proposta revolucionária de educar através da arte, as escolinhas eram pensadas como instituições dependentes desse sistema.

O artista Augusto Rodrigues visitou vários países, “tendo sempre a ideia de extensão dos ideais da EAB.” (LIMA, 2012, p. 460). Assim, foram abertas Escolinhas em Assunção (Paraguai), Buenos Aires e Rosário (Argentina) e Lisboa (Portugal).

Apesar das escolinhas atuarem em um espaço não-formal acabaram influenciando o ensino público, “trazendo resultados bastante positivos ao processo de ensino em geral, chegando algumas delas a serem consultoras para o sistema



escolar público.” (COSTA, 2005, p. 15).

Outras atividades institucionais que desenvolveram processos grupais de criação foram os ateliês, “em geral orientados por artistas que tinham como objetivo liberar a expressão da criança fazendo com que ela se manifestasse livremente sem interferência do adulto.” (BARBOSA, 2003, p. 3).

Podemos destacar alguns educadores e artistas envolvidos em processos grupais de criação, como: Theodoro Braga, Anita Malfatti, Mário de Andrade, Alberto da Veiga Guignard, Guido Viaro, Lula Cardoso Ayres e Suzana Rodrigues, seja com sua atuação em um ateliê, em uma fundação ou nos parques.

No Paraná, temos o Centro Juvenil de Artes Plásticas (CJAP), criado em 1953, dirigido pelo artista e educador Guido Viaro, instituição em funcionamento até hoje; e também o Curso de Artes Plásticas na Educação (CAPE), projeto empreendido pela Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Paraná (SEC), no período de 1964 a 1974, que tinha como objetivo especializar professores(as) para dirigir e organizar escolinhas de arte nas escolas primárias, no contraturno, e era sediado na Casa Alfredo Andersen – Escola e Museu de Arte, hoje denominado Museu Alfredo Andersen.

Inicialmente o CJAP funcionava no sótão da Escola de Música e Belas Artes do Paraná (EMBAP). Para participar as crianças faziam um teste nas escolas, e só depois do resultado eles(as) poderiam efetuar ou não a sua matrícula. O teste era aplicado pelo artista Guido Viaro e por um grupo de professores(as).

As crianças frequentavam o CJAP duas vezes por semana, no período da manhã ou tarde, e eram livres para pintar e desenhar o que quisessem. A faixa etária deles(as) variava entre 3 a 17 anos e eles(as) eram de diferentes classes sociais e origens étnicas.

Em um documento com o título “Finalidades do Centro Juvenil de Artes Plásticas”, Guido Viaro comenta a finalidade daquele espaço, que “não procurava formar artistas [...] mas de formar se possível, gente sensível” (apud JUNIOR; MEDEIROS, 2009), já em um depoimento Viaro fala sobre sua vivência em escolinhas de Arte:

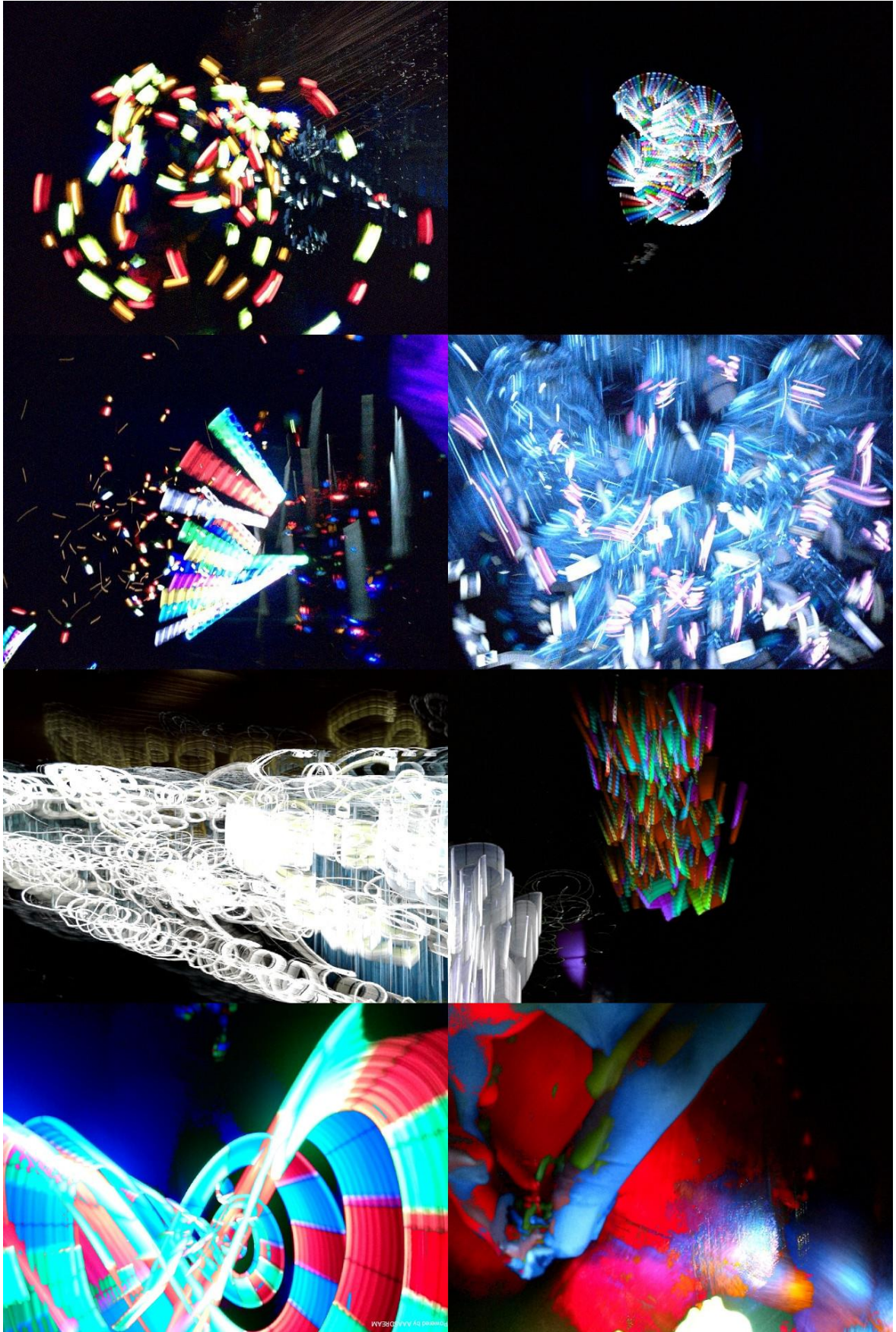
Gostei e sobretudo me senti bem porque estava junto com a mocidade, que me dá a sensação de prolongar minha própria vida – Escolinhas de arte não deveriam ser um rameirão como está atualmente ocorrendo, mas precisariam estar espalhadas nos quatro pontos cardeais da cidade para que seu acesso fosse facultado a

todos os filhos de gente pobre. Porque justamente os melhores elementos de nossas escolas são gente do bairro. – Gente, filho de gente pobre que jamais teve carinho ou praticamente nada, porque é aí que se encontra a verdadeira sensibilidade e a escola permite através da cor, da expressão, uma nova fuga. (VIARO, 1971 apud OSINSKI, 2008).

De acordo com Antonio, o empenho dos educadores envolvidos no MEA por todo o Brasil e, no Paraná, “o trabalho dos idealizadores do projeto de arte educação, contribuíram para que, a partir da lei 5,692/71, ‘a arte educação’ fosse transformada na atividade obrigatória ‘educação artística’ e conquistasse um lugar na escola fundamental.” (ANTONIO, 2012, p. 207).

Diferente das Escolinhas e dos atelieres, o Clube de Arte não tem um fundador, nem uma meta pré-determinada. Mas, o que estes espaços têm em comum são os encontros que eles proporcionam com pessoas, com ideias, com a Arte... “Um estado de encontro fortuito.” (BOURRIAUD, 2009, p. 25).

Arte que, segundo a definição do glossário de Nicolas Bourriaud (2009), “é uma atividade que consiste em produzir relações com o mundo com o auxílio de signos, formas, gestos ou objetos.” Para Deleuze (1992, p. 215), “a arte é o que resiste: ela resiste à morte, à servidão, à infância, à vergonha.” E tem como verdadeiro objeto criar agregados sensíveis.



## PESQUISANDO E CRIANDO OU CRIANDO E PESQUISANDO

### CARTOGRAFIA E RIZOMA

Eu já disse quem sou Ele.  
 Meu desnome é Andaleço.  
 Andando devagar eu atraso o final do dia.  
 Caminho por beira de rios conchosos.  
 Para as crianças da estrada eu sou o Homem do Saco.  
 Carrego latas furadas, pregos, papéis usados.  
 (Ouço arpejo de mim nas latas tortas.)  
 Não tenho pretensões de conquistar a ingloria perfeita.  
 Os loucos me interpretam.  
 A minha direção é a pessoa do vento.  
 Meus rumos não têm termômetro.  
 De tarde arborizo pássaros.  
 De noite os sapos me pulam.  
 Não tenho carne de água.  
 Eu pertenço de andar atoamente.  
 Não tive estudamento de tomos.  
 Só conheço as ciências que analfabetam.

**Manoel de Barros<sup>4</sup>**

A perspectiva metodológica adotada para pensar a construção do Clube de Arte foi a cartografia, sugerida para o estudo de objetos processuais, como é o caso. Na cartografia não se pensa em termos de coleta de dados, mas o que acontece é uma produção de dados.

Cartografia é um termo oriundo da Geografia, tratando, de modo geral, do estudo dos mapas. Deleuze e Guattari encontram, acham, capturam, roubam<sup>5</sup> esse termo, criando uma espécie de procedimento cartográfico, que “diferentemente do mapa é a inteligibilidade da paisagem em seus acidentes, suas mutações.” (ROLNIK, 1989, p. 62).

Os filósofos tratam a cartografia como um princípio de funcionamento do

<sup>4</sup> BARROS, Manoel de. **Livro sobre nada**. São Paulo: Leya, 2013. (Coleção Biblioteca Manoel de Barros).

<sup>5</sup> “Encontrar é descobrir, capturar, roubar. Mas não há um método para descobrir, apenas uma longa preparação.” (DELEUZE; PARNET, 2004, p. 17).

conhecer, e apresentam pistas sobre esse princípio ao longo de sua obra. (FARINA, 2008, p. 9).

O método cartográfico “vem sendo pensado, para investigações em diversas áreas, enquanto metodologia de pesquisa de acompanhamento de objetos processuais.” (BIERNASKI; NASCIMENTO; SANTOS; KASPER, 2015, p. 15228).

A cartografia investiga, mapeia, processos em curso, não pelo início, nem pelo fim, mas sempre pelo meio. Investigar, pensar, acompanhar e mapear os movimentos de um Clube de Arte, os processos de criação e formação dos(as) integrantes e da pesquisadora. E ao mapear conectar histórias, imagens, tempos, lugares...

Conforme Regis e Fonseca (2012, p. 273), “cartografar implica produzir uma diferença de natureza na forma como entendemos o fazer metodológico, realocando-o para uma posição de mobilização, maquinismo que lida com trajetos e devires e não mais com pessoas e objetos.”

A partir desse momento, a cartógrafa/pesquisadora/professora em processo de formação, assume a escrita no seu gênero, não de forma genérica, mas de maneira singular. Um eu (cartógrafa) composto por vários outros, pensando com os intercessores, que são essenciais para a criação da pesquisa. Segundo Deleuze, os intercessores podem ser pessoas, “mas também coisas, plantas, até animais [...] Fictícios ou reais, animados ou inanimados, é preciso fabricar seus próprios intercessores.” (DELEUZE, 1992, p. 156).

A partir desse momento são inseridos no texto recortes do diário de bordo da cartógrafa.

A cartógrafa em seu percurso, em sua pesquisa, é como uma andarilha que anda por territórios desconhecidos, sem fixar-se, sem ter uma direção definida, sem ter um ponto de chegada pré-definido. A pesquisa vai se fazendo no processo, pois:

não depende de um plano a executar, de um conjunto de competências a adquirir ou de uma lista de habilidades a aplicar em determinado campo pelo pesquisador. Em outra direção o método cartográfico questiona o modelo explicativo da realidade na produção de saberes, abrindo mão da linearidade e da causalidade em suas práticas. (FARINA, 2008, p. 9).

Em outras palavras o “cartógrafo não varia de método, mas faz o método variar.” (TEDESCO; SADE; CALIMAN, 2014, p. 94).

A cartografia é uma metodologia que não apresenta etapas prontas de como fazer a pesquisa; um protocolo a seguir para se chegar a uma conclusão; não é uma linha traçada, um trajeto que tem começo, meio e fim definidos previamente. Mas é um caminho a ser percorrido pela cartógrafa, “como uma aposta na experimentação do pensamento – um método não para ser aplicado, mas para ser experimentado e assumido como atitude. Com isso não abre mão do rigor, mas esse é ressignificado.” (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2012, p. 10).

Para isso, a cartógrafa precisa de “uma longuíssima preparação, mas sem método nem regras ou receitas.” (DELEUZE, PARNET, 2004, p. 19). Para em vez de resolver, reconhecer e julgar, descobrir, encontrar, roubar. (ibid, p. 19).

Em uma entrevista com a atriz Denise Fraga apresentada no programa Roda Viva, da TV Cultura, no dia 18 de janeiro de 2016, ela diz que Brecht propõe o teatro como coloca-se tachinhas na cadeira da plateia. Penso a cartografia como se fosse essas tachinhas que fazem a cartógrafa se movimentar, a experimentar, a compor, a criar, a inventar, uma escrita, um dispositivo, um corpo, um modo de vida, um mundo.

O percurso da pesquisa é composto por escolhas que a cartógrafa terá que fazer ao longo do caminho, escolhas que vão depender de cada momento, de cada situação. Percurso que investiga diferentes traços, linhas, movimentos, fazendo conexões, como um rizoma.

“A cartografia surge com um princípio do rizoma”. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 10). Este diferente da árvore e da raiz, que têm uma unidade, uma direção linear - opera com o múltiplo, com a multiplicidade.

Rizoma é um conceito formulado por Deleuze e Guattari, em sua obra Mil Platôs (1995). Alguns dos princípios do rizoma, segundo os autores: princípio de conexão: “qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo.” (ibid, p. 15). Princípio de heterogeneidade, de multiplicidade, de ruptura a-significante, de cartografia e de decalcomania.

O rizoma é um mapa aberto, com múltiplas entradas, composto por tramas e por diferentes linhas, “conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente.” (ibid, p. 22).

De acordo com Deleuze e Guattari (ibid, p. 37): “Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, *intermezzo*. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o



verbo 'ser', mas o rizoma tem como tecido a conjunção 'e... e... e...!.'"

Rizoma como a erva que cresce no meio e preenche os vazios. Rizoma como a trama que traça linhas e não pontos. Rizoma, erva, trama que fazem conexões com outras áreas, pensamentos, ideias...



## PROCESSO DE FORMAÇÃO DA CARTÓGRAFA

Na cartografia, a cartógrafa em sua travessia pela pesquisa está em constante processo de formação, de deformação e de transformação. A pesquisa é um processo de criação, em que a cartógrafa inventa pontes para fazer sua travessia: pontes de linguagem, a linguagem como criação de mundos.

Conectando o processo de formação da cartógrafa com o que Larrosa diz na entrevista feita por Alfredo Veiga-Neto, formação presume romper com as fronteiras “entre o que sabemos e o que somos, entre o que *passa* (e que podemos conhecer) e o que *nos passa* (como algo a que devemos atribuir um sentido em relação a nós



mesmos).” (VEIGA-NETO, 2007, p. 133). Formação que envolve um corpo, o corpo da professora, da pesquisadora, da cartógrafa. Formação que não tem um método mas apresenta pistas ao longo do percurso.

Assim como Larrosa nos apresenta a formação de um leitor para ler Nietzsche, podemos pensar a formação da cartógrafa. “A tarefa de formar um leitor é multiplicar suas perspectivas, abrir seus ouvidos, apurar seu olfato, educar seu gosto, sensibilizar seu tato, dar-lhe tempo, formar um caráter livre e intrépido... e fazer da leitura uma aventura.” (LARROSA, 2005, p. 27).

A cartografia convida a cartógrafa para essa abertura, a pensar, inventar, experimentar a pesquisa com o corpo todo, a criar um corpo.

Conectando com o filme “Em busca do caminho”, quando o personagem Daniel fala para o seu pai Tom, que a vida é para ser vivida e não escolhida, a cartografia é um caminho para ser experimentado e que não se sabe de antemão onde vai chegar. Caminho que não é percorrido sozinho, mas que é composto com o encontro de produções de diferentes autores, filósofos, artistas, músicos, cineastas.

Nessa travessia, já não consigo pensar como pensava, educar como educava, viver como vivia.

## O CORPO DA CARTÓGRAFA

O que pode um corpo?

**Deleuze<sup>6</sup>**

Pensar no corpo da pesquisadora/cartógrafa envolve “pensar a produção de um corpo atento e sensível, aberto àquilo que põe problema.” (PASSOS; KASTRUP; TEDESCO, 2014, p. 10).

Conforme Kasper (2011, p. 89): “Não sabemos de antemão o que pode um corpo, não sabemos o quanto podemos afetar e ser afetados. É necessário experimentar.” Experimentar, ensaiar, sentir...

“O corpo, nessa condição da experimentação, não é o que pensa - argumenta, negocia e luta por sentidos hegemônicos; ele força a pensar, e força a

---

<sup>6</sup> DELEUZE, Gilles. **Espinosa**: filosofia da prática. São Paulo: Escuta, 2002.

pensar aquilo que escapa ao pensamento. Um esforço de a experiência acontecer.” (AMORIN, 2013, p. 417). Experiência que desestabiliza, que tira a cartógrafa do eixo de equilíbrio, que afeta, que produz “novas maneiras de sentir”, pensar, agir... (DELEUZE, 1992, p. 203).

Desde que iniciei o mestrado comecei a pensar sobre o meu corpo, corpo de uma professora/pesquisadora/cartógrafa em formação, que nesse percurso vem se modificando, deixando de ser um corpo que às vezes era “estéril, obediente e abstrato”, para se abrir para um corpo “simpático, normal e humano”. (LARROSA, 2015, p. 78).

Em uma aula do mestrado em Educação da Universidade Federal do Paraná, Kasper nos trouxe, com Bruno Latour, a conexão do corpo que aprende a ser afetado<sup>7</sup> e que está aberto à experiência<sup>8</sup>.

Para Latour ter um corpo que aprende a ser afetado significa que “quanto mais você aprende, mais diferença existe.” (LATOUR, 2004 apud KASPER, 2011).

Já a experiência, segundo Larrosa (2015, p. 28) é “aquilo que 'nos passa', ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma.” E a partir do momento que a cartógrafa é transformada, ela começa a modificar o que está ao seu redor, a sua prática, a sua metodologia, a sua aula, enfim, a escola.

A experiência soa a finitude. Isto é, a um tempo e a um espaço particular, limitado, contingente, finito. Soa também a corpo, isto é, a sensibilidade, a tato e a pele, a voz e a ouvido, a olhar, a sabor e a odor, a prazer e a sofrimento, a carícia e a ferida, a mortalidade. E soa, sobretudo, a vida, a uma vida que não é outra coisa que seu mesmo viver, a uma vida que não tem outra essência que a sua própria existência finita, corporal de carne e osso. (LARROSA, 2011, p. 24).

Podemos estabelecer conexões entre o sujeito da experiência, tal como apontado por Larrosa e o sujeito articulado, conforme apontado por Latour e a cartógrafa. Essas conexões nós temos produzido em nosso grupo de estudos e orientação e nas aulas do mestrado. Outra conexão desse tipo está no artigo “Dos corpos sentados aos gestos em fuga: estatutos dos corpos em processos de formação” de Kasper (2011).

O sujeito da experiência é um sujeito aberto, vulnerável, sensível e singular.

---

7 LATOUR, 2008.

8 LARROSA, 2014.

O sujeito da experiência é um sujeito ex-posto. Do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de pôr-nos), nem a o-posição (nossa maneira de opor-nos), nem a im-posição (nossa maneira de impor-nos), nem a pro-posição (nossa maneira de propor-nos), mas a exposição, nossa maneira de ex-por-nos, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco. (LARROSA, 2014, p. 161).

O sujeito articulado é aquele que potencializa/treina o seu corpo, constrói seu corpo para aprender. Aprender

[...] a ser afetado pelos outros – não por si mesmo. Não há nada especialmente interessante, profundo, valioso num sujeito 'em si', isto é o limite da definição comum – um sujeito só se torna interessante, profundo, valioso, quando ressoa com os outros, é efetuado movido, colocado em movimento por novas entidades cujas diferenças são registradas em novos e inesperados meios. (LATOUR, 2004 apud KASPER, 2011).

Um corpo que aprende com o outro e não como o outro, que aprende a sensibilizar o corpo, tornando-o sensível às diferenças.

Mas Latour lembra-nos que “adquirir um corpo é um empreendimento progressivo que produz simultaneamente um meio sensorial e um mundo sensível.” (LATOUR, 2008, p. 40)

Experimentar um corpo, inventar, “criar outras maneiras de agir, sentir, pensar, relacionar-se.” (op. cit., p. 92).



## Atenção

A cartógrafa em seu processo de pesquisa precisa estar aberta e atenta para perceber o que muitas vezes era invisível. Nas palavras de Peter Pál Pelbart (1993, p. 53):

Como se esse invisível fosse essa camada que envolve e permeia as coisas, ou as duplica, ou que lhes dá espessura, ou leveza ou peso, ou as torna relevantes, miraculosas, fantásticas, inéditas, brutas, inertes [...] Sim, uma camada intensiva, que tem a ver com as imagens mas não deriva delas, que tem a ver com a linguagem mas não deriva dela. [...] assim como o relógio, configura uma imagem do tempo, mas não é o tempo, e mesmo a pintura de um relógio derretido, escoando, ainda é insuficiente para roçar, este invisível maior que é o tempo, e que às vezes um anjo de Wenders ou um fragmento de Blanchot ou uma sonata de Proust evocam mais de perto. (apud GIOVANELLA, 2008, p. 88).

Acontecem muitas coisas ao mesmo tempo no clube: diversos(as) alunos(as) trabalhando, pintando, desenhando, escrevendo, fotografando, recortando, alguns agrupados em mesa, outros(as) trabalhando em dupla, além da circulação de outros(as) alunos(as) do colégio que não participam do clube, que vão à sala ou em outros espaços só para espiar o que está acontecendo; falas em voz alta, bate-papo, cantoria, músicas do celular... Coloca-se com veemência a questão “de onde pousar a atenção durante a prática da observação cartográfica.” (KASTRUP, 2008, p. 188).

A cartografia convoca a cartógrafa a tirar o automatismo dos sentidos, a potencializá-los, a pensar em um corpo que experimenta, convidando-a a estar em constante processo de atenção, atenção não voltada para a busca de algo definido, mas que está aberta aos encontros. (KASTRUP, 2007b, p. 17).

Atenção não só como seleção de informações, mas que tem como foco a participação nos processos de criação da pesquisa. Conforme aponta Kastrup, a atenção:

enquanto processo complexo, pode assumir diferentes funcionamentos: seletivo ou flutuante, focado ou desfocado, concentrado ou disperso, voluntário ou involuntário, em várias combinações como seleção voluntária, flutuação involuntária, concentração desfocada, focalização dispersa, etc. (KASTRUP, 2012, p. 33).

Uma atenção voltada para o interior, sensível, aberta à experiência, aberta ao encontro, a qual faz parte da formação da cartógrafa e que pode ser composta por

quatro variedades, o rastreio, o toque, o pouso e o reconhecimento atento.

“Para o cartógrafo, o importante é a localização de pistas, de signos de processualidade. Rastrear é também acompanhar mudanças de posição, de velocidade de aceleração, de ritmo.” (ibid, p. 40).

O reconhecimento do toque às vezes leva um tempo para acontecer, e pode ter diferentes intensidades.

Através da atenção ao toque, a cartografia procura assegurar o rigor do método sem abrir mão da imprevisibilidade do processo de produção do conhecimento. [...] O gesto de pouso indica que a percepção, seja ela visual, auditiva ou outra, realiza uma parada e o campo se fecha, numa espécie de zoom. Um novo território se forma, o campo de observação se reconfigura. A atenção muda de escala. (ibid, p. 43).

No reconhecimento atento, a conexão sensório-motora é inibida. A memória e a percepção trabalham em conjunto. (ibid, p. 46). Atenção que requer “um tempo de espera em que se enfrenta um vazio, algumas vezes difícil de sustentar.” (KASTRUP, 2007a, p. 78). Um vazio que desestabiliza, que tira a segurança.

## **Olhar**

Cartografar o espaço em que a cartógrafa habita é um processo complexo, porque muitas vezes de tanto ver, não vemos mais. “O que nos cerca, o que nos é familiar, já não desperta curiosidade. O campo visual da nossa rotina é como um vazio.” (RESENDE, 1992, não p.).

A autora Colasanti nos faz um alerta sobre a nossa rotina: “a gente se acostuma. Mas não devia.” (COLASANTI, 1996, p. 9). Por isso, “devemos constantemente mudar a nossa visão, olhar as coisas sob um outro prisma.” Como bem diz o professor de literatura John Keating, personagem do filme “Sociedade dos Poetas Mortos”.

Olhar as coisas com o olhar do estrangeiro, que olha para os objetos, para as pessoas, para o espaço... como se fosse pela primeira vez, sem ter acostumado o olhar, ampliando “as condições do ver, sempre mais e mais.” (ZANELLA, 2012, p. 172).

Aprender a ver não com um único olhar, mas com múltiplos olhares, de

diferentes perspectivas. “Aprender a ver – habituar o olho à calma, à paciência, a deixar-que-as-coisas-aproximem-se-de-nós: aprender a aplacar o juízo, a rodear e abarcar o caso particular de todos os lados.” (NIETZSCHE, 1973 apud LARROSA, 2005).

No caso da cartógrafa “é nítido que não pode se tratar de reconhecimento automático, [...] mas de produzir conhecimento ao longo de um percurso de pesquisa, o que envolve a atenção e, com ela, a própria criação do território de observação.” (KASTRUP, 2007b, p. 20).

A cartógrafa necessita não de um olhar de detetive que tenta responder perguntas, mas de um olhar atento, sem intenções, curioso, de um olhar nem vertical, nem horizontal, mas oblíquo, tentando ver as coisas de outra maneira.

Para isso, o corpo está em constante processo da aprendizagem, que vê, e não apenas olha, os objetos e os(as) participantes da pesquisa. Pensando com Sade, Ferraz e Rocha (2014, p. 88):

os participantes da pesquisa não são apenas o alvo passivo das intervenções do pesquisador. A mudança de nomenclatura, já que falamos em participante, e não mais em sujeito (anônimo) de pesquisa, não é gratuita, pois implica que o dispositivo com o qual se trabalha abra espaço para que este possa indicar quais as questões importantes a serem colocadas para ele, podendo, então, assumir um lugar de coautoria na produção de conhecimento.

Os(as) participantes do Clube de Arte assumem um lugar de integrantes da pesquisa, com suas questões, suas escritas no “Caderno de Descobertas”, seus depoimentos e com suas produções artísticas que aparecem ao longo do trabalho.

Corpo que olha com um olhar desnaturalizado, olha como a personagem Ana do conto “Amor” de Clarice Lispector (2009), que após um acontecimento em seu percurso para casa, vê o Jardim Botânico como nunca tinha visto antes, com um olhar de estranhamento do cotidiano.

Segundo Moraes (2010, p. 26), “é no estranhamento do encontro com o outro que um pensamento pode advir. [...] o pensar envolve outras aventuras, encontros inusitados com o mundo.”

A cartografia convida a cartógrafa a olhar de uma maneira diferente; também propõe-se a olhar o que está fora de foco, como aborda brilhantemente o filme “Janela da Alma”, documentário dos diretores brasileiros João Jardim e Walter Carvalho, o qual apresenta as trajetórias, os percursos, os depoimentos de um

escritor, uma atriz, um poeta, um músico, um fotógrafo, um vereador... pessoas com um grau de deficiência visual ou sua totalidade, que mostram à sua maneira de ver o mundo e fazem pensar sobre como olhar não somente com a visão, mas com os outros sentidos. Nas palavras do diretor Walter Carvalho o documentário é “um ensaio sobre o olhar”.

Um dos entrevistados do filme é o fotógrafo Evgen Bavcar, que diz estarmos vivendo em uma cegueira generalizada. Temos muitas imagens prontas, “perdemos o olhar interior, é preciso ter o seu olhar e não ver com o olhar do outro”. Já um outro entrevistado, o cineasta Win Wenders, fala que precisamos ter uma visão seletiva para selecionar as informações. Outro entrevistado, o poeta Manoel de Barros fala sobre o olhar invisível, o olhar da imaginação, aquele que transvê.

## **Escutar**

A cartógrafa tem uma relação com a pesquisa não de apropriação, mas de escuta, em que se pode escutar o “inaudito” (LARROSA, 2005).

Nietzsche nos alerta: “faltam-nos ouvidos para escutarmos aquilo ao qual não se tem acesso a partir da vivência.” (NIETZSCHE, 1971 apud LARROSA, 2005).

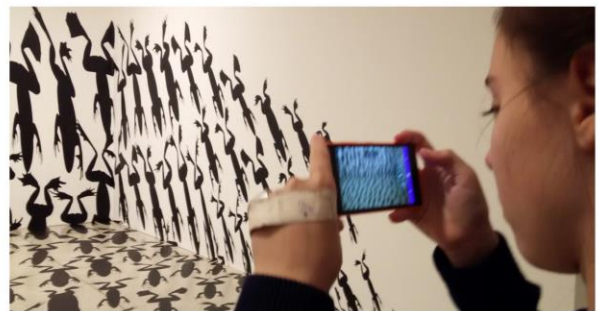
Escuta que exige uma presença, um outro modo de relação com o espaço.

A musicóloga e compositora francesa Pascale Criton no artigo “O ouvido ubíquo: escutar de outro modo”, nos traz algumas questões sobre a escuta: “como a escuta se agencia? Onde e como se posiciona a própria escuta? Como habitar um espaço de modo plural?” (CRITON, 2012, p.23-28).

Questões que fazem pensar em uma prática experimental da escuta, escuta que não exclui, nem separa a escuta cotidiana, mas se mistura e relaciona-se.

Conectando com Larrosa, escutar é dar o lugar da voz, voz que abre sulcos no ar e que se convertem em fendas abertas, abrindo espaço para “um vazio vivo e, por isso criador, fecundo.[...] escutar é se deixar dizer algo que não se busca e que não se quer, algo que definitivamente não depende de nossas perguntas.” (LARROSA, 2014, p.44).





## PROCEDIMENTO CARTOGRÁFICO

Nessa pesquisa foram realizadas entrevistas/depoimentos de quinze integrantes do Clube de Arte – alunos(as) do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio, de um colégio público da cidade de Curitiba.

Antes da conversa, foi elaborado um roteiro para que a entrevista movimentasse a cada encontro, a cada fala, a cada silêncio. “Silêncio como uma esperança, uma pausa necessária para ouvir o primeiro som, inédito, que ainda não conhecemos.” (SOUZA 2012, p. 88).

O roteiro da entrevista teve como referência o livro “Pistas do método da Cartografia” organizado pelos(as) autores(as) Passos, Kastrup e Escóssia (2012), mais especificamente o capítulo “Cartografar é acompanhar processos”, de Laura Pozzana de Barros e Virgínia Kastrup, no qual é apresentado o processo da pesquisa sobre o projeto “Elos na Rede”.

A partir das pistas das autoras, fomos esculpindo algumas questões e acrescentando outras, que abordassem os processos de formação dos(as) participantes na construção do Clube de Arte. E inicialmente foram desenhadas as seguintes questões, que não foram formuladas diretamente, mas nortearam a conversa: primeiramente agradeço-o(a) por ter aceitado participar desse encontro e gostaria que falasse um pouco sobre você, seu nome, idade, ano que estuda, quanto tempo está no clube e outras informações que achar interessante. Você já tinha participado de algum clube antes? Como você ficou sabendo sobre o Clube de Arte? Como foi para você entrar em contato com os(as) outros(as) alunos(as) que estavam no clube? O que gosta de fazer nesse espaço? Como vocês se organizam nesse espaço? O que você lembra do clube quando está em casa? Se você fosse daqui para outro lugar, o que você levaria? Como você contaria para um(a) amigo(a) o que tem nesse espaço? Como você vê o seu percurso no Clube de Arte? Para encerrar o nosso encontro, se você desejar, comente algum fato marcante que aconteceu no clube.

Questões que se desdobraram em outras no decorrer da conversa.

As entrevistas foram realizadas em novembro de 2015 e os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido também foram entregues nesse mesmo período.

Escolhemos a sala de Arte como o local de encontro, no qual aconteceriam as entrevistas, as conversas - local em que acontece a maioria das atividades do clube

e os(as) alunos(as) se sentem mais à vontade.

A disposição da sala de Arte contribui para a relação dos(as) alunos(as), entre eles(as) e com a professora. A sala tem apenas três mesas retangulares dispostas na diagonal, com várias cadeiras ao redor. Os(as) alunos(as) não estão divididos por carteiras, nem ficam em filas, mas ficam em grandes grupos ou em duplas, como cada aluno(a) achar melhor.

Sugerimos para os(as) integrantes pensassem nos pseudônimos com os quais apareceriam no texto da dissertação. Então, lançamos a questão para eles(as) e foram surgindo várias ideias, e a que a maioria deles(as) se identificou foi a de responder a questão com outra questão, na qual cada aluno(a) respondia: o que o Clube de Arte representa para você em uma palavra?

E assim foram surgindo os nomes inventados e são eles os que constam nas entrevistas: União, Esperança, Aprendizado, Criação, Alegria, Cultura, Amizade, Liberdade, Descobertas, Solidariedade, Manifestação, Companheirismo, Amor, Loucura e Expressão.

Abaixo, temos os relatos de como cada participante pensou o seu pseudônimo e algumas imagens que fazem conexão com o mesmo, imagens que foram pesquisadas na internet, em seu acervo pessoal ou que foram criadas por eles(as).

## **União**

Entrevista realizada no dia 17/11/15.

Tem 13 anos, está cursando o oitavo ano do Ensino Fundamental, gosta muito do clube, mas não o frequenta porque no mesmo dia tem Teatro, só que de vez em quando falta no Teatro para ir ao clube.

*Escolhi o pseudônimo União porque, eu acho, que foi a coisa mais importante que aprendi no clube. Todos os trabalhos, as exposições e as apresentações não poderiam ser feitas por uma pessoa só, precisamos de uma equipe unida. Uma equipe capaz de trabalhar junta, rir junta, se divertir junta e até mesmo surtar de nervosismo antes de algo importante. “A união faz a força” – uma frase clichê mas tão verdadeira e que se aplica totalmente a esse caso.*



Fonte: [https://c1.staticflickr.com/3/2620/3800337468\\_f3717a1754\\_b.jpg](https://c1.staticflickr.com/3/2620/3800337468_f3717a1754_b.jpg)

## Esperança

Entrevista realizada no dia 12/11/15.

Tem 14 anos, está cursando o oitavo ano do Ensino Fundamental, está e não está no clube faz um ano e meio, vai para o clube quando precisam dela.

*Escolhi esse pseudônimo, pois de todos os sentimentos a esperança é sempre o último que nos resta. A esperança é o que nos faz acreditar nas coisas, mesmo que todos digam que está errado. Quando se tem esperança parece que todos os nossos sonhos são possíveis.*



Fonte: <https://egosistema.wordpress.com/2011/10/19/esperanca/>

### **Aprendizado**

Entrevista realizada no dia 17/11/15.

Tem 14 anos, está cursando o oitavo ano do Ensino Fundamental e faz dois anos que participa do clube.

*Eu escolhi Aprendizado porque no clube de arte eu aprendi e melhorei minhas técnicas em relação à arte. Cada momento em que passei no clube aprendi coisas novas e fiquei sabendo mais da cultura brasileira. Tive a oportunidade de ir a museus e participar de concursos. Tenho muito que agradecer por tudo que aprendi.*





**Alegria**

Entrevista realizada no dia 19/11/15.

Tem 13 anos, está cursando o oitavo ano do Ensino Fundamental e faz dois anos que participa do clube.

*Alegria tem muito a ver com o clube, pois quando estou com qualquer tipo de problema venho para o clube e consigo me distrair, esquecer os problemas e me alegrar.*



## **Cultura**

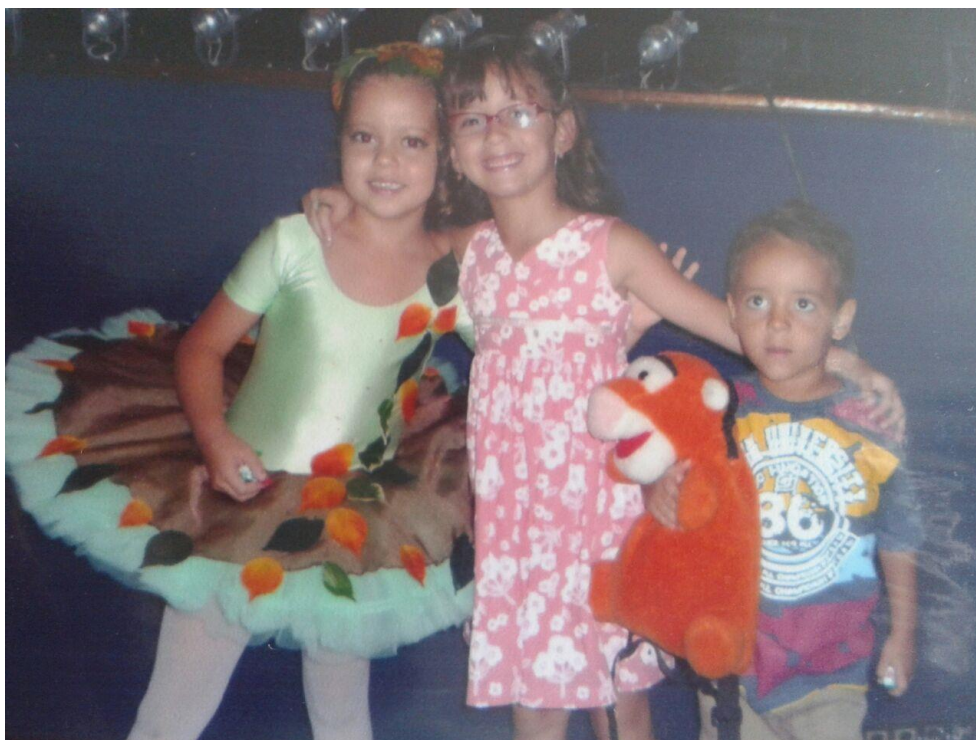
Entrevista realizada no dia 24/11/15.

Tem 14 anos, está cursando o primeiro ano do Ensino Médio e participa do clube há um ano e meio aproximadamente.

*Eu escolhi Cultura, pois acho que o Clube de Arte não é só um extraclasses que se repete cada semana. O clube é uma experiência única, que a cada aula nos acrescenta conhecimentos novos. A cada exposição visitada ou criada, a cada trabalho desenhado, pintado, colado, moldado, nos faz adquirir um pouco mais de cultura em nossas vidas.*







## **Liberdade**

Entrevista realizada no dia 24/11/15.

Tem 15 anos, está cursando o primeiro ano do Ensino Médio e tem muito orgulho de falar que foi a primeira a se inscrever no clube, já participa do mesmo faz cinco anos.

*Por que Liberdade? Não sei explicar ao certo, mas essa é uma palavra que gosto muito. Seja pela forma como é escrita (adoro palavras longas, que possuam a letra L), seja pelo seu significado.*

*Creio que, atualmente, é impossível uma pessoa ser totalmente livre, tendo em vista que convivemos em sociedade e devemos obedecer a várias regras.*

*Mas isso de sentir-se livre é fantástico.*

*Às vezes isso se dá quando estamos sozinhos, quando vamos a praia... mas dentre os vários 'sentir-se livre', o mais significativo, para mim, é o de expressar os próprios sentimentos através da arte. Nada se compara a pegar um papel em branco e ver ele ganhar vida com traços, cores, palavras. Não há nada igual a isso de materializar o abstrato e converter ideias vagas numa obra.*

*Além disso, acredito na ideia de que a arte nos acolhe com os nossos*

*sentimentos e desejos, e não nos julga por isso, o que nos dá uma vontade maior ainda de ingressar nesse meio. Não há muito como explicar ou justificar. Sou uma pessoa movida a arte e essa relação que ela tem com a liberdade simplesmente me fascina. Pensando melhor, acho que liberdade vem dessa minha vontade de sair por aí sem rumo observando tudo a minha volta, só para depois ter a sensação de transferir cada detalhe para o papel.*



## **Descobertas**

Entrevista realizada no dia 12/11/15.

Tem 14 anos, está cursando o oitavo ano do Ensino Fundamental e participa do clube há um ano e meio aproximadamente.

*Descobertas pelas técnicas novas que aprendi, as quais me inspiraram, entretanto, descobertas naquilo que encontrei em mim mesma, um pouco de paixão,*



*uma pitada de perseverança (porque haja paciência para montar um mosaico), e mais um pouco de deslumbre. Aquilo que parecia tão difícil, trazer uma satisfação tão grande quando terminado. Descobri com boas risadas grandes tesouros, quer seja na arte, quer seja nas pessoas que fazem-a.*



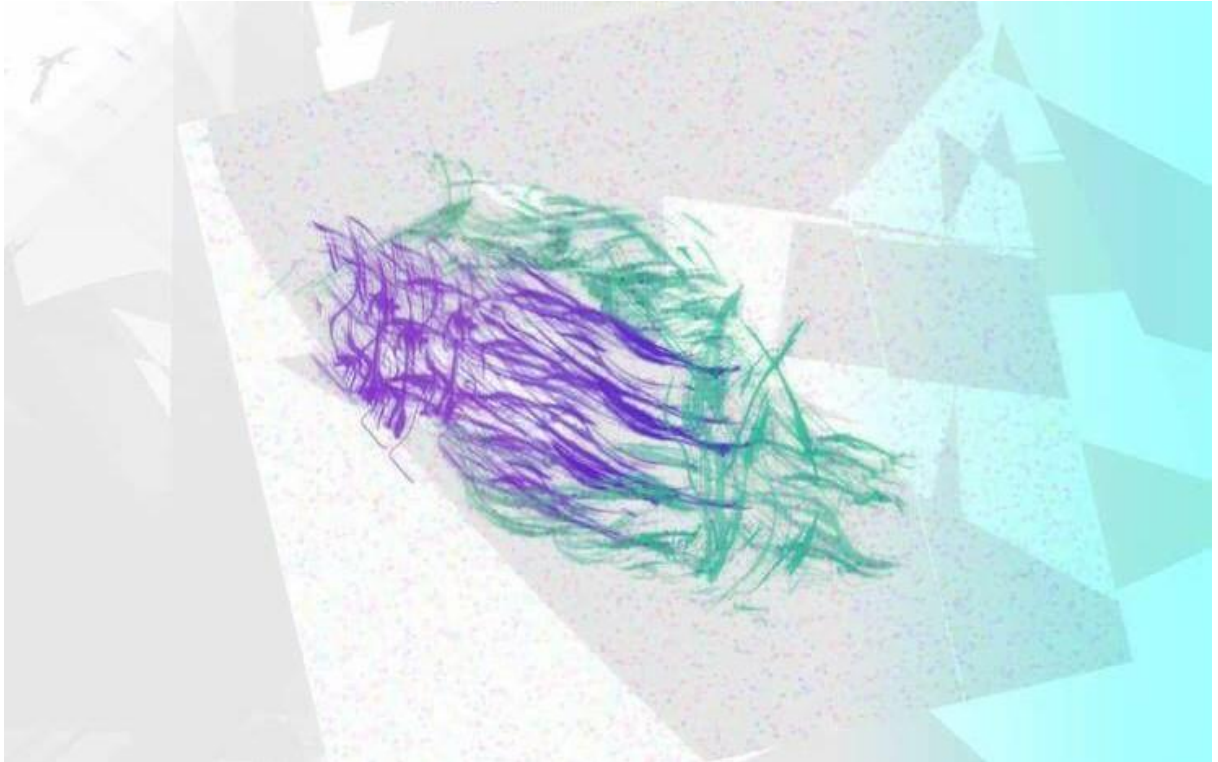
## Solidariedade

Entrevista realizada no dia 12/11/15.

Tem 16 anos, está cursando o segundo ano do Ensino Médio e faz um ano e três meses que participa do clube.

*Eu escolhi Solidariedade porque foi uma das coisas que me chamou a atenção no Clube de Arte. Todos tentavam se ajudar na hora de realizar os trabalhos e sempre alguém estava disposto a fazer um pouquinho além do esperado para ajudar o próximo.*

*Nunca faltou ajuda ou material na hora de fazer alguma coisa, graças à solidariedade de todos.*



### **Manifestação**

Entrevista realizada no dia 13/11/15.

Tem 16 anos, está cursando o segundo ano do Ensino Médio e entrou esse ano no clube.

*A arte tem valor em si própria, mas quando se posiciona frente ao mundo adquire, para mim, uma importância muito maior. Ela pode servir como manifestação, uma maneira de fazer com que todos sejam ouvidos, talvez por isso tantas vezes foi censurada.*



Fonte: <http://escapismogenuino.com/a-foto-do-famoso-beijo-do-muro-de-berlin/>

## Companheirismo

Entrevista realizada no dia 13/11/15.

Tem 14 anos, está cursando o oitavo ano do Ensino Fundamental e faz três anos que participa do clube.

*Pensei muito antes de escolher meu pseudônimo. Como o objetivo principal da escolha dele era representar em uma palavra o que o clube de arte é para mim.*

*Pensei em muitas coisas, mas com certeza o que mais me marcou da convivência no clube foi a maneira dos integrantes do clube se interagirem, poderia muito bem ter descrito como solidariedade, pois sempre um ajuda o outro quando precisa, mas lá não parece ser um simples ajudar, damos sempre muitas ideias, conversamos muito sobre tudo, sempre estamos animados, tudo isso nos faz funcionar como um time, o que me fez pensar que Companheirismo é a melhor palavra pra descrever o clube pra mim, já que, acredito eu, não faríamos nem a metade do que produzimos nesse clube sem a companhia e apoio de todos.*



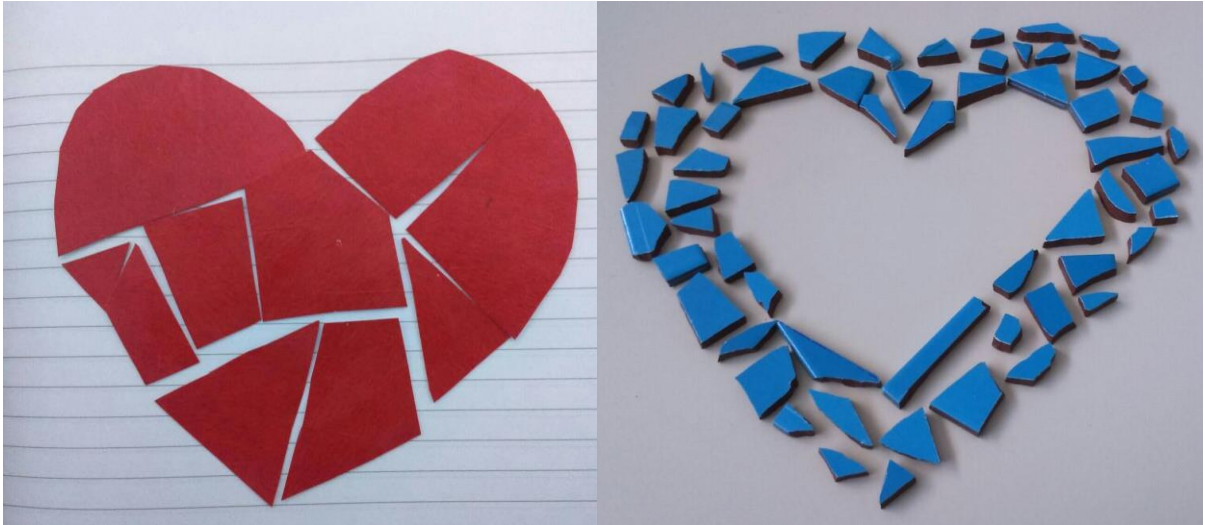
## Amor

Entrevista realizada no dia 17/11/15.

Tem 13 anos, está cursando o oitavo ano do Ensino Fundamental e faz três anos que participa do clube.

*O que me levou a pensar nesse pseudônimo é que... não só a forma como fui tratada por todos, mas sim o que produzimos ali, um ambiente alegre, a onde todos trabalham em harmonia e união. Os momentos bons são os que levamos para a vida toda, e eu fiz parte dessa história.*



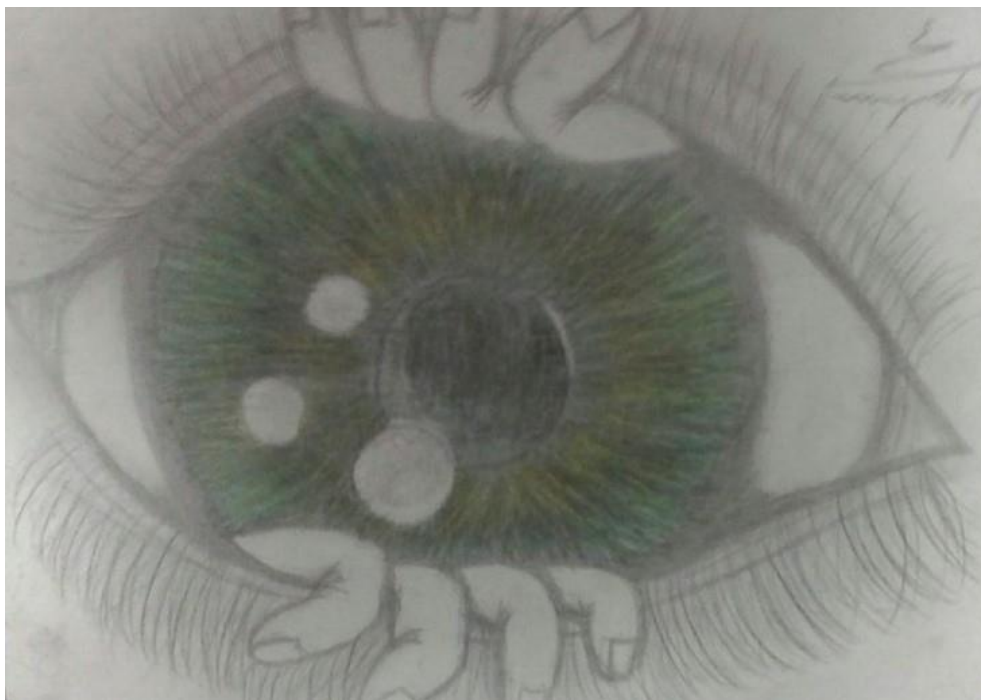


## Loucura

Entrevista realizada no dia 13/11/15.

Tem 13 anos, está cursando o oitavo ano do Ensino Fundamental e participa do clube faz um ano.

*Eu escolhi o pseudônimo Loucura pois eu diria que é uma das palavras que mais me define, além de muitas outras. Quem me conhece já sabe, mas isso é uma coisa boa, porque me faz feliz e faz as pessoas ao meu redor felizes também.*

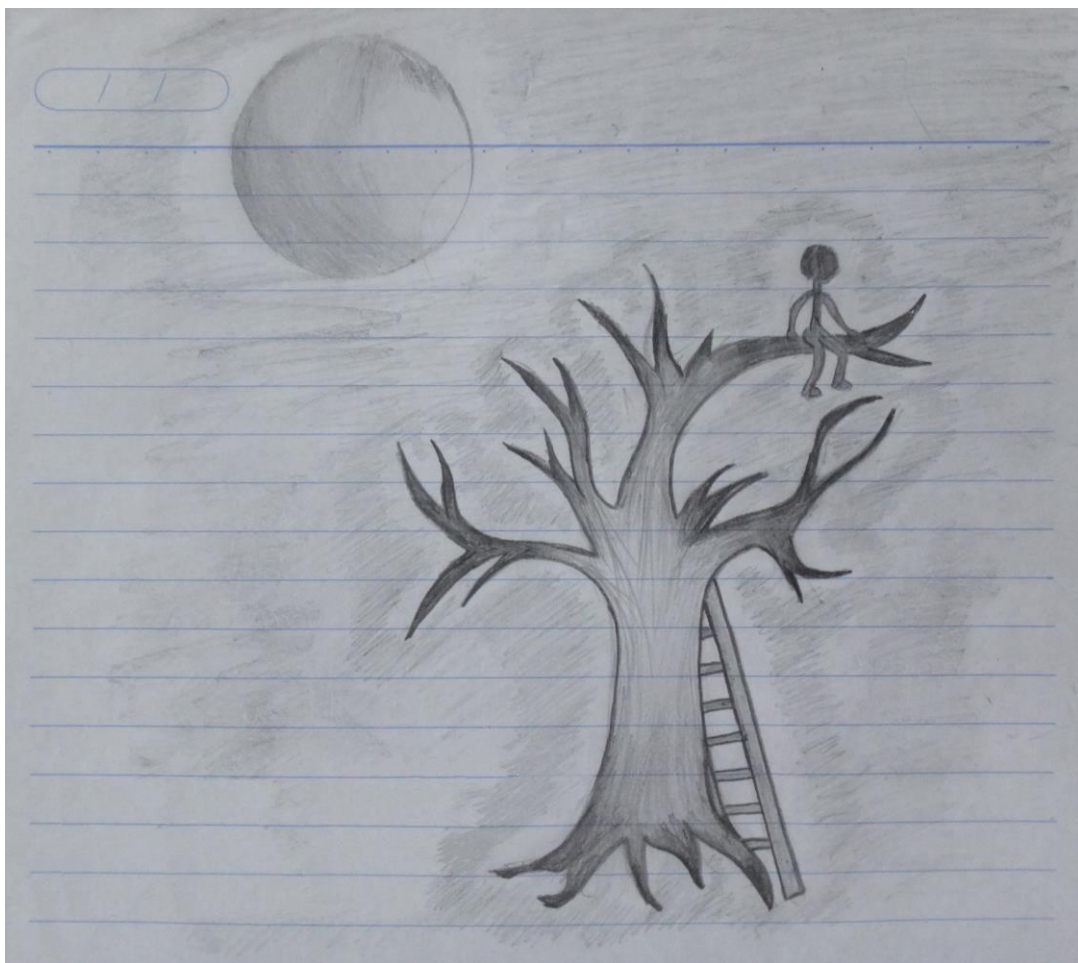


## Expressão

Entrevista realizada no dia 20/06/16.

Tem 15 anos, está cursando o primeiro ano do Ensino Médio e faz dois anos e meio que participa do clube.

*O período em que participei do Clube de Arte, percebi que a cada trabalho que a gente deveria realizar, nós sempre precisávamos colocar um pouco de nós no trabalho, e sempre procurar o que aquilo significava para a gente.*



Souza em sua abordagem sobre entrevistar afirma que: “Entrevistar é lançar um olhar ao outro, tentar ver e atravessar o obscuro do instante, encontrar a questão ainda não formulada e ter a paciência de esperar o tempo do outro.” (SOUZA, 2012, p. 88).

A entrevista como procedimento cartográfico, não visa exclusivamente coletar informações ou conteúdos das experiências de cada sujeito, mas tem como objetivo promover um encontro, uma conversa, uma abertura à experiência.

Como indica Tedesco, Sade e Caliman (2014, p. 110), “a entrevista segue linhas rizomáticas, mais do que linhas arborescentes, binarizantes. A entrevista busca proliferar a questão mais do que obter informação.”

A cartógrafa no diálogo com o(a) participante precisa estar atenta para não eliminar as variações da fala, estar atenta para promover a abertura e não o fechamento das questões, estar atenta para movimentar as questões investigadas, estar atenta para a experiência do dizer.

A cartografia requer que a escuta e olhar se ampliem, sigam para além do puro conteúdo da experiência vivida, do vivido da experiência relatado na entrevista, e inclua seu aspecto genético, a dimensão processual da experiência, apreendida em suas variações. (ibid, p. 95).

Na entrevista a cartógrafa precisa estar aberta ao inesperado, pois é um dispositivo que possibilita aberturas ao compartilhamento de experiências, tornando o que era aparentemente invisível em visível.

Diversas foram as situações imprevistas, no processo dessa pesquisa. Durante a entrevista com a Amizade, ela começou a chorar porque lembrou da sua terra natal, das saudades que tinha da cidade, da escola, das amizades que deixou lá. Fiquei assustada com a situação, não sabia se parava a entrevista para dar um abraço, para enxugar as suas lágrimas, para confortá-la ou se esperava acabar a entrevista para fazer isso.

A formação da cartógrafa não é feita apenas pela teoria, mas se faz sempre por inscrição corporal. (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2012).

“A cartografia introduz o pesquisador numa rotina singular em que não se separa teoria e prática, espaços de reflexão e de ação. Conhecer, agir e habitar um território não são mais experiências distantes umas das outras.” (ALVAREZ; PASSOS, 2012, p. 149).

Nesse processo de formação da cartógrafa surgem várias questões, dentre elas: “Como estarmos atentos, abertos e sensíveis ao presente, forçados a pensar e a criar enquanto fazemos pesquisa?” (POZZANA, 2014, p. 48).

Por mais que tivesse me preparado para aquele encontro, com leituras dos

livros, dos artigos, das anotações feitas nas reuniões de orientação, nas conversas com os(as) amigos(as) do mestrado, naquele momento estava ansiosa, insegura, indecisa, com dúvidas, com medo de errar.

Tinha ciência da importância do silêncio entre as falas, do ouvir, de estar aberta. Lembrava-me das sessões de Reiki, em que a fisioterapeuta falava da importância da respiração para diminuir a ansiedade, mas na hora do encontro pareciam muitas coisas para lembrar e colocar em prática, pois a entrevista não é um processo simples.

Nas primeiras entrevistas fiquei um pouco presa ao roteiro que tinha elaborado com questões abertas, mas nas seguintes, aos poucos procurava não ler mais as perguntas e nem seguir a sequência; fomos tecendo uma conversa para tornar aquela entrevista um diálogo descontraído, divertido, possibilitando assim uma abertura para o(a) participante fugir da questão, e quem sabe criar outras questões.

Aos poucos, comecei a perceber as variações nas falas dos(as) alunos(as). Tentava não dirigir aquela conversa, tentava não ser uma repórter de telejornal que com suas perguntas prontas busca informações. (TEDESCO; SADE; CALIMAN, 2014, p. 105). Mas sim uma pesquisadora/cartógrafa que promove um diálogo com aqueles meninos e meninas. Procurava incentivá-los(as) a falar com suas próprias palavras, tentava seguir as pistas que os(as) participantes deixavam no ar, tentava intervir, modular, criar fendas em seus relatos, para quem sabe, promover a construção da experiência no decorrer da entrevista.

Mas muitas vezes deslizei e percebi-me fazendo o processo contrário. Entre possíveis acertos e erros, fomos construindo uma conversa.

Cada conversa, cada diálogo, cada encontro, promoveu, promove momentos de alegria, alegria e muita gratidão<sup>9</sup>.

Encontros, conversas, processos que estão sempre no meio, não tem um fim, sempre fica uma vibração ecoando em cada participante que passou por ali.

---

9 ANTUNES, Arnaldo. **Antes**. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/arnaldo-antunes/antes.html>>. Acesso em: 01 dez. 2015.

## DISPOSITIVOS CARTOGRÁFICOS

O método cartográfico requer para operar “procedimentos concretos encarnados em dispositivos.” (KASTRUP; BARROS, 2012, p. 76).

O dispositivo é caracterizado pela sua:

capacidade de irrupção naquilo que se encontra bloqueado para a criação, é seu teor de liberdade em se desfazer códigos, que dão a tudo o mesmo sentido. O dispositivo tensiona, movimenta, desloca para outro lugar, provoca outros agenciamentos. Ele é feito de conexões e, ao mesmo tempo, produz outras. (ibid, p. 90).

Para Foucault, o conceito dispositivo, para Deleuze e Guattari, agenciamentos. Agenciamentos que não buscam origens perdidas ou rasuradas, mas pegam as coisas onde elas crescem, pelo meio: rachar as coisas, rachar as palavras. (DELEUZE, 1992, 109). Rachar um clube. Rachar um clube de arte. Rachar um clube de arte na escola. Buscando a formação do novo.

E para isso, nessa pesquisa foram criados dispositivos, agenciamentos, como: o diário de bordo, o “Caderno das Descobertas”, as entrevistas/depoimentos e fotografias produzidas pelos(as) integrantes do clube, pela pesquisadora e pela professora Virginia Mantovani Benevenuto, dispositivos que criam outros dispositivos.

Optamos em apresentar as fotografias buscando uma composição e tentando fugir um pouco de uma mera ilustração. Por isso não aparecem coladas a um texto escrito que diz a respeito daquela imagem e também evitamos colocar legenda para evitar redundâncias. É também uma proposta estética. As fotos referem-se à visita ao Museu Oscar Niemeyer, ao Solar do Barão, à Gibiteca de Curitiba, ao atelier da artista Marília Dias, atividades desenvolvidas na sala de Arte, à produção de fotografias feitas no Jardim Botânico - Curitiba, trabalhos artísticos dos(as) integrantes do clube...

Tentamos seguir a pista de Farina (2008, p. 11),

há que se inventar os instrumentos de investigação capazes de ir mais além das formas burocráticas de registro e processamento de dados. Há que se ir mais além do relato sobre as experiências no campo: há que se configurar uma maneira de dizer capaz de expressar a força da experiência.

## NARRATIVIDADE E LINGUAGEM DA EXPERIÊNCIA

Nem toda palavra é  
 Aquilo que o dicionário diz  
 Nem todo pedaço de pedra  
 Se parece com tijolo ou com pedra de giz  
 ...  
 Descobrir o verdadeiro sentido das coisas  
 É querer saber demais  
 Querer saber demais.  
**O Teatro Mágico**<sup>10</sup>

Na academia muitas vezes encontramos pesquisas com uma escrita muito formal, mas seguimos Nóvoa (2015, p. 17), para quem a “escrita acadêmica não é apenas um modo de apresentar dados ou resultados, é sobretudo uma forma de expressão pessoal e até de criação artística.”

De acordo com Clarice Lispector (1999, p. 254): “É na hora de escrever que muitas vezes fico consciente das coisas, das quais, sendo inconsciente, eu antes não sabia que sabia.”

A propósito da escrita, Deleuze apresenta uma tripa definição: “escrever é lutar, resistir; escrever é devir; escrever é cartografar.” (DELEUZE, 2005, p. 65).

No estudo “Um novo cartógrafo” que Deleuze faz sobre as obras de Foucault, ele apresenta que o mesmo nunca considerou a escrita como um objetivo, como uma finalidade e “é exatamente isso que faz dele um grande escritor e que instila uma alegria cada vez maior naquilo que escreve, um riso cada vez mais evidente.” (ibid, p. 39).

A escrita na pesquisa cartográfica tem a ver “com agrimensar, cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir.” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 13).

A cartografia é um método que envolve processos de criação, dos dados da pesquisa, de um corpo, da cartógrafa, de uma escrita, que muitas vezes é escrita na linguagem do ensaio, ensaio que “coloca fronteiras em questão.” (LARROSA, 2003, p. 106).

---

10 O TEATRO MÁGICO. **Sonho de uma flauta**. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/o-teatro-magico/sonho-de-uma-flauta.html>. Acesso em: 01 de junho de 2016.

Poder-se-ia dizer, talvez, que o ensaio é o modo experimental do pensamento, o modo experimental de uma escrita que ainda pretende ser uma escrita pensante, pensativa, que ainda se produz como uma escrita que dá o que pensar; e o modo experimental, por último, da vida, de uma forma de vida que não renuncia a uma constante reflexão sobre si mesma, a uma permanente metamorfose. (LARROSA, 2004, p. 32).

A escolha por esse tipo de escrita não é casual, mas sim por ser uma das “linguagens da experiência”. (ibid, p. 31).

É sempre um desafio para a cartógrafa escrever um ensaio, criando palavras “extraordinárias”, sem usar as palavras “vazias”. (DELEUZE; PARNET, 2004, p. 13). Ensaio que foge de uma linguagem mecanizada, de palavras abstratas, da língua dos deslinguados, criando, reinventando uma nova linguagem, uma linguagem que faz gaguejar.

Mas como gaguejar na sua própria língua? Como ser um estrangeiro na sua própria língua?

Deleuze e Parnet (ibid, p. 14) deixam algumas pistas, uma delas é que “devemos ter uma língua menor no interior da nossa língua. Devemos fazer da nossa própria língua um uso menor.”

Uma língua menor, uma orelha menor, para falar e ouvir o inaudito, “para captar as harmonias mais delicadas”. (LARROSA, 2005, p. 33). Para estar aberta às revelações. Para fazer dançar a pesquisa, sem ter uma coreografia pronta, mas que vai criando a cada passo, a cada movimento, sem ter um ritmo definido, uma dança de alegria, de paixão, de prazer, uma dança que começa pelo meio e que não tem um tempo para acabar. Fazer dançar as palavras, os pensamentos, a vida.





## Diário de bordo

As primeiras observações do Clube de Arte como objeto de pesquisa foram muito difíceis para mim. Vieram à tona várias questões de como olhar esse espaço de uma maneira diferente. Como ampliar a escuta? O que anotar no diário de bordo? E sem ter respostas prontas para estas questões, fui experimentando diferentes maneiras de estar e compor aquele espaço.

Registrando no diário de bordo o processo da pesquisa, o processo de construção do Clube de Arte, de formação da cartógrafa, dos(as) participantes... com palavras, desenhos, recortes, textos... escrevia o que mais me tocava naquele momento em que estava em campo ou fora dele.

Segundo Larrosa (2006, p. 189), “a escrita do diário responde a necessidade de conservação, ainda que saibamos que a escrita não conserva a experiência, e sim suas marcas.”

No primeiro encontro do clube como objeto de estudo fiquei com a impressão que não tinha acontecido muita coisa, talvez nada de espetacular.

Mas eu sentia estar em contato com uma experiência nova, que não sabia ainda nomear. Seguimos. Hoje, consigo considerar esta impressão como algo positivo, um solo sensível de onde brotam palavras intensas, relações concretas e uma vida se fazendo. (POZZANA, 2010, p. 93).

O diário de pesquisa, o diário de campo, o diário de bordo pode ser considerado também um relato de formação da pesquisadora, da cartógrafa aprendiz. Aposto nisso e busco a forma de ensaio para a escrita.

Nas palavras de Larrosa o ensaio pode ser considerado às vezes “como escritas da experiência”, e mais especificamente, ainda, como “escritas autobiográficas da formação”. (LARROSA, 2006, p. 187).

Como todo processo da cartografia não se tem um modelo de diário a seguir, cada cartógrafo(a) vai criando, inventando uma maneira de escrever, ensaiar, fabular o seu processo.

Dessa forma, o registro da pesquisa, ganha função de dispositivo “não propriamente para concluir o trabalho ou apresentar seus resultados finais, mas como disparador de desdobramentos da pesquisa.” (BARROS; PASSOS, 2012, p. 173).

De acordo com Rolnik é tarefa do(a) cartógrafo(a):

dar língua para afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias. O cartógrafo é antes de tudo um antropófago. (ROLNIK, 1989, p. 15).

Até então os processos de criação para mim se faziam apenas com materiais, cores, texturas, planos, linhas, sons, movimentos, luz... Na mistura, no traçado, no recorte, na composição, não imaginava que poderia fazer isso com as palavras. A composição da escrita nessa pesquisa promoveu encontros de autores, filósofos, cineastas, músicos, poetas, artistas...

Pensando com Geceoní Jochelavicius:

Buscamos compor não só na escrita, como também na pesquisa, elementos que enriqueçam a trama da produção acadêmica. Como a água que flui, desviando seu curso conforme encontra obstáculos, assim também busca-se numa prática cartográfica, usar a potência desses fluxos para que a pesquisa aconteça num processo de devir criativo. (JOHELAVICIUS, 2015, p. 21).

## **Diário de bordo – o processo**

Preciso escrever e nada sai, estou no caos, estou na frente de uma tela em branco sem saber o que fazer, deve ser essa a mesma sensação que alguns alunos(as) sentem quando estão na frente de uma folha A4 e precisam criar um desenho, uma pintura, uma gravura...

Preciso pescar as palavras na travessia desse percurso, mas pescar não as palavras mais utilizadas, as desgastadas, mas as que tenham novos sentidos.

Estou como os poetas na casa de palavras, do sonho de Helena Villagra, que “andavam em busca de palavras que não conheciam, e também buscavam palavras que conheciam e tinham perdido.” (GALEANO, 2015, p. 19).

E qual língua vou usar? Quem sabe a “língua das coisas” como bem fazia Manoel de Barros.

Nesse processo, a todo momento vem uma imagem em minha mente, a

chácara do meu falecido avô, um terreno que tinha algumas árvores, alguns animais (bois, vacas e porcos), pequenas plantações de uva, milho, café, mandioca e ao final da extensão do terreno habitava um grande perigo para mim, um trapiche feito de pedaços de madeira de diferentes formas. Não era muito grande e também não tinha muita estabilidade. Começava na extensão de terra e terminava em um rio de águas escuras e às vezes claras, calmas e às vezes agitadas, e que tinha do outro lado terras e árvores, que pela distância mais pareciam manchas. Olho para o rio e tenho um certo receio de me jogar, preciso atravessar esse rio, nadar, mergulhar sem ter uma direção pré-determinada, só que tenho medo do perigo que está por vir.

Mas na pesquisa, como bem diz Kasper (2007, não p.): “É preciso coragem para se deixar levar, ir sem ter a segurança de antemão, sem o controle. Não dá para só entrar no jogo sabendo no que vai dar.” Embaralhar as fronteiras, resistir, re-existir, experimentar, criar mundos e novas maneiras de habitá-lo.

Pensar o que pode uma pesquisa. O que pode um clube? O que pode a Arte? O que pode um clube de Arte dentro/fora de um espaço institucional? Pensar sobre os processos de construção do clube, as práticas experimentais e os processos de formação. Mas como delimitar um percurso de cinco anos do clube? Que caminhos percorrer?

Sinto-me como o senhor Palomar, personagem criado pelo autor Italo Calvino. Ele está a observar o mar, a princípio ele delimita como objetivo a observação de uma onda, mas percebe que essa onda envolve outras ondas e vários aspectos de formação que variam continuamente, então pensa em traçar um quadrado de 10 metros de mar com uma linha imaginária, mas ele sente dificuldade em fixar os limites desse quadrado, porque entre o quadrado acontecem muitas coisas que ele não havia imaginado, após um tempo ele acaba se afastando da praia mais nervoso de quando tinha chegado, e “mais inseguro acerca de tudo.” (CALVINO, 1994, p. 8).

E novamente evoco Nóvoa:

Sim, é preciso assumir riscos. Se passarmos a vida a evitá-los, renunciaremos à possibilidade de produzir algo interessante, com significado para nós e para os outros. O que importa, na ciência, é a capacidade de ver de outro modo, de pensar de outro modo. Se repetirmos o mesmo, encontraremos o mesmo. Sem transgressão não há descoberta, não há criação, não há ciência. (NÓVOA, 2015, p. 15).

## **Diário de bordo – a escola**

Como é difícil sair da roda-viva da escola, fugir da burocracia, criar espaços de criação.

A pesquisa faz com que a professora saia da inércia, e comece a pensar e escrever sobre todo esse processo, faz com que ela tenha voz, pois muitas vezes no cotidiano escolar a sua voz quase não tem espaço.

Antes de iniciar o mestrado, a minha relação com a escrita na escola era a de: preencher os diversos documentos e registrar as atividades desenvolvidas no site e na revista do colégio, nunca havia pensado em criar um diário de bordo para registrar e acompanhar os processos de criação e formação dos(as) meus(minhas) alunos(as). Somente quando iniciei os meus estudos é que vi como é importante escrever sobre esse processo para pensar sobre esse percurso de formação.

A pesquisa criou um incômodo em mim, que me provocou a mudar e reinventar o meu cotidiano.

Olho o clube de uma outra maneira, olho como os movimentos das dunas, que mudam de lugar, mas que estão no mesmo espaço. Espaço para criar, inventar e experimentar.

Segundo Nóvoa (2015, p. 14), “a investigação ou é criação ou não é nada.”

É preciso percorrer caminhos diferentes, deixar espaços para o vazio.

E, como ressalta o artista paranaense Hélio Leites, “o grande barato é o processo, o fazer. É no fazer que está o aprender e é aprendendo que a gente cresce.” (apud PIRES, 2010, p. 26).

## **Diário de bordo – o clube**

As vezes penso o clube como uma caverna de Platão ao avesso<sup>11</sup>, pois naquele espaço não precisamos seguir a maioria das regras, hierarquias que estão

---

<sup>11</sup> Em sua dissertação de mestrado, Murilo Azevedo, cria o termo “povo do avesso”. “Povo do avesso! Por que não uma escola do avesso? Por que não possibilitar experimentações no cotidiano escolar nas quais os estudantes possam ocupar um lugar de protagonistas, definindo rumos, modos, companheirismos, constituição de equipes, juntamente com professores?” (AZEVEDO, 2014, p. 95).

postas lá fora.

Não temos conteúdos a seguir, nem avaliações a serem aplicadas, não temos notas a serem lançadas. Nosso tempo não é programado para desenvolver as atividades, os trabalhos.

Também não é um espaço em que os(as) alunos(as) criam raízes, no qual eles(as) são obrigados(as) a ficar, pelo contrário, ele está em constante movimento, criando tramas, linhas e conexões com outros espaços, com outras áreas... como no rizoma.

Procuramos trabalhar com o clube-rizoma e não com o clube-raiz. O processo de tomada de decisões muitas vezes não segue uma cadeia hierárquica (direção, supervisão, professora...), decidimos entre os(as) participantes o que vamos aprender, fazer, conhecer... não trabalhamos com modelos, com a reprodução, mas a cada encontro vamos experimentando.

Clube-rizoma composto por diferentes integrantes, cada qual com suas histórias, idade, gênero, ano de estudo, naturalidade, cultura, trajetória, e é nessa mistura que temos a sua potência.

E ao longo desses anos fomos criando maneiras de fazer, de conhecer, de sentir o mundo.

### **Diário de bordo – a professora/propositora/pesquisadora**

O clube é um espaço que convida, que permite, a professora, a propositora, a pesquisadora, a sair do controle na relação com o(a) aluno(a), com o(a) integrante do clube.

Deixo de lado o medo de perder o controle, deixo de lado o medo de experimentar uma técnica, um material, uma ideia... sem saber onde se vai chegar... Deixo de lado o medo de conhecer outros mundos, pois conforme Kasper (2011, p. 82):

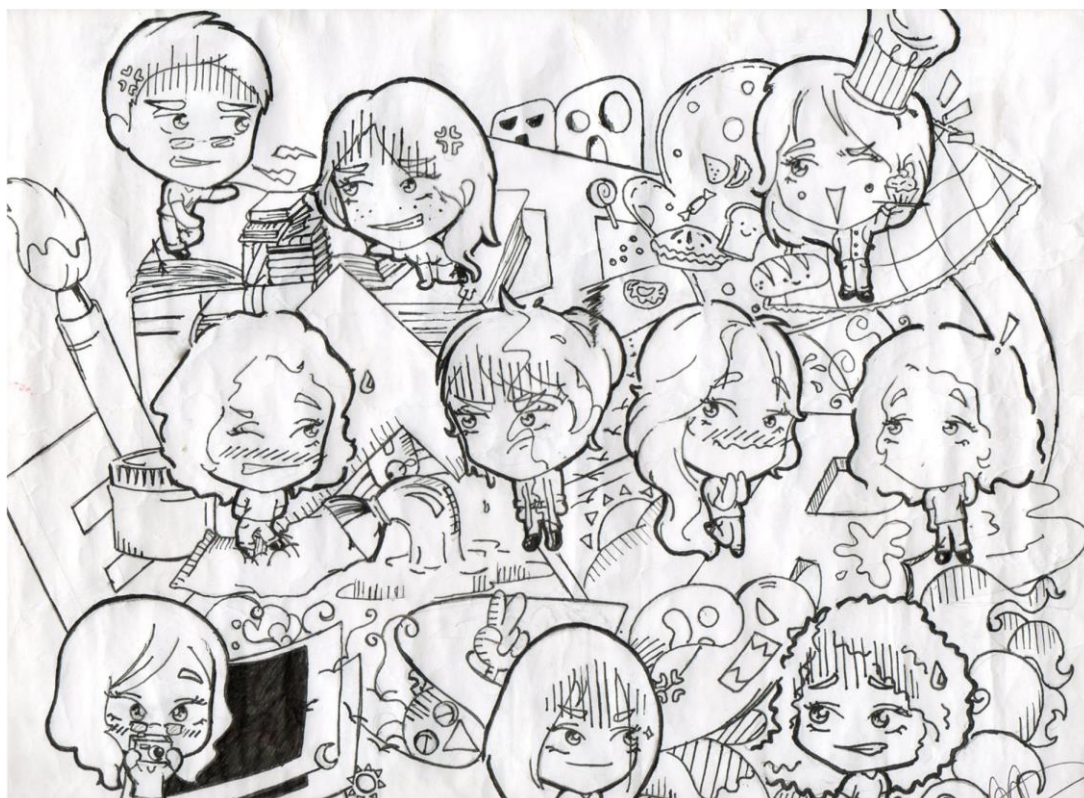
Esses medos podem nos aprisionar, dificultando nossa abertura para o novo, para o inesperado, para o outro. Não se trata de pregar o descontrole, mas de entender que a obsessão pelo controle pode inviabilizar possibilidades de novas experiências, aprisionando-nos nas formas conhecidas. O que pode nos impedir de aprender.



Então, muitas vezes me vejo aprendendo/ensinando/criando técnicas/temas que nunca tinha visto até então, ou técnicas/temas que não tinha domínio, aprendendo/ensinando/criando junto com os(as) integrantes do clube, cada um(a) trazendo sua contribuição de como desenvolver aquela técnica, aquele trabalho artístico, aquele tema. Dessa forma, quebrando a maneira tradicional de uma aula, de uma oficina, de um curso. Inventamos nossos percursos naquele espaço. Será que esses seriam os caminhos do maestro ignorante?

O maestro ignorante, o maestro que ensina o que não sabe com base axioma da igualdade das inteligências, o único maestro que emancipa sem emancipar, pela simples proclamação da liberdade, começa desmontando o dispositivo pedagógico da explicação. (LARROSA, 2014, p. 277).

Caminhos que fazem da professora uma propositora, uma pesquisadora, uma inventora. Caminhos que mudam o seu modo de ver, pensar e ensinar. Caminhos que fazem da aula a construção de uma conversa sobre algo comum. (LARROSA, 2014).





## Diário de bordo – momento da comida, da diversão e da arte

Bebida é água!

Comida é pasto!

Você tem sede de quê?

Você tem fome de quê?

A gente não quer só comida

A gente quer comida, diversão e arte

A gente não quer só comida

A gente quer saída para qualquer parte

**Titãs<sup>12</sup>**

Esse é um momento muito esperado por todos, pois nessa hora vamos compartilhar não só as ideias, os pensamentos, o aprendizado, mas também o alimento.

Momento que foi destacado por quase todos(as) nas entrevistas. Momento que não estava pautado, mas surgiu fortemente e fez pensar a importância de tal momento.

Momento de saborear as delícias que algum(a) integrante do clube preparou, ou que sua mãe fez, ou que comprou no mercado, muitas vezes poucos minutos antes de ir para o clube.

Momento de curiosidade para saber o que cada um trouxe para comer, momento de rir das atrapalhadas de alguns(as) alunos(as) na hora de servir o alimento, momento de experimentar sabores e aromas, momento de estarmos juntos, momento que deixa marcas...

*Marca os copinhos de café... eu achava muito legal quando tomava "refri" no copinho de café. Eu fiquei com saudades esses dias. Então... a gente bagunça tudo, porque a gente não tem prato, garfo, nada... vai pegando tudo na mão, igual uma criança comendo, uma bagunça, mas é legal... (Depoimento da Descobertas, 12/11/15).*

---

<sup>12</sup> TITÃS. **Comida**. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/titas/91453/>>. Acesso em: 01 jun. 2016.

*Tinha uma aluna que toda vez no lanche ela derrubava refrigerante... isso ficou marcado. E aí cada vez que alguém derruba refrigerante, a gente fala: a aluna passou por aqui. [...] Teve uma vez, que um aluno trouxe linguiça com farofa. Quando é um lanche à tarde você leva um bolo, um pãozinho... e daí ele me traz linguiça com farofa. Primeiro ele trouxe pizza, e daí o pessoal gostou. Aí no outro dia ele veio com a farofa, todo mundo comeu e achou uma delícia, mas a gente achou bem esquisito. (Depoimento da Liberdade, 24/11/15).*

*Quando está todo mundo terminando bem... eh, vamos lanchar aqui... aí todo mundo se reúne... (Depoimento do Solidarietà, 12/11/15).*



## PENSAR A CRIAÇÃO DOS DADOS

Não ponha nunca o saber na frente do sentir.

**Hermeto Pascoal<sup>13</sup>**

Os dados criados no percurso da pesquisa não foram criados para julgar, validar, organizar a pesquisa, mas, para pensar, conectar, compor a pesquisa.

Pensando com Juliano dos Santos (2015, p. 73), “não pretendemos avaliar, nem interpretar os processos que ocorrem nesses espaços, muito menos generalizar, normatizar ou prescrever. Interessam-nos as composições, as diferenças e as singularidades que podem ter sido produzidas.”

## CADERNO DAS DESCOBERTAS

Caderno em que os(as) participantes do Clube de Arte deixam registradas as suas impressões sobre esse espaço, a Arte, a vida...

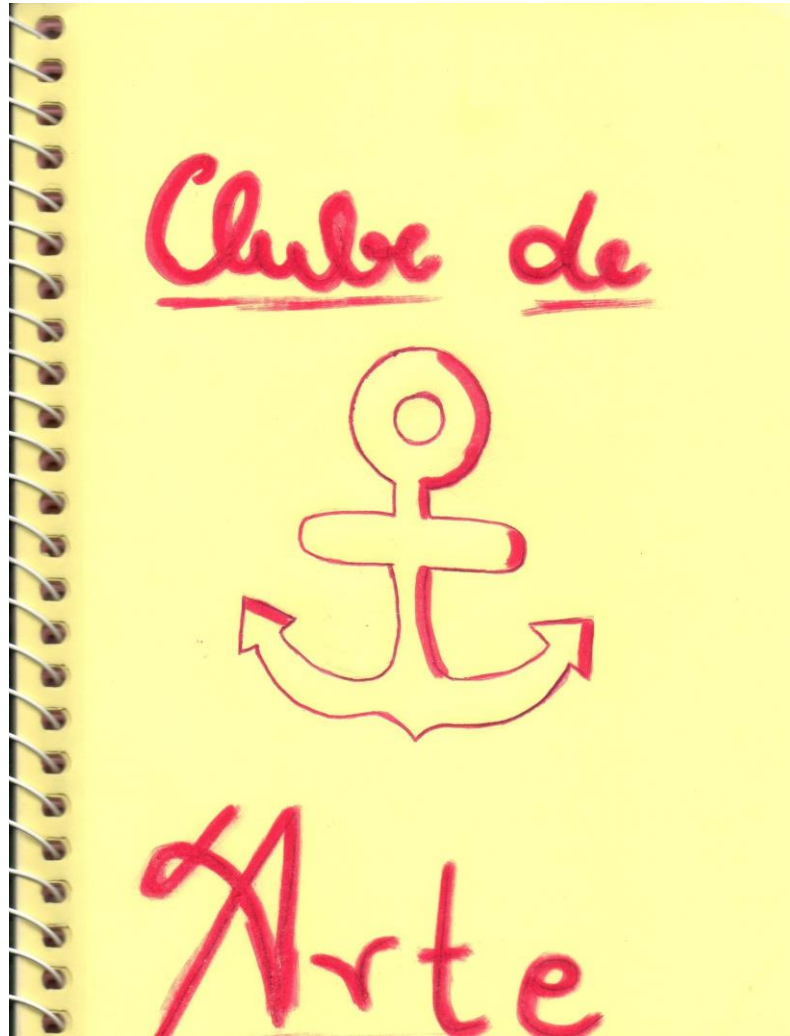
Esse nome surgiu depois de uma discussão no grupo do WhatsApp. Pensamos que nome daríamos para aquele caderninho colorido, surgiram várias ideias, e a que maioria dos(as) alunos(as) votou, foi que a partir daquele dia o caderninho colorido seria chamado de “Caderno das Descobertas”.

Em cada semana de 2015, um(a) participante levava para casa o “Caderno das Descobertas”, um caderno que não tem regras, os(as) alunos(as) poderiam deixar seus registros, pensamentos, marcas, impressões da maneira que achassem mais interessante, com a escrita, colagem, desenho e de outras formas. Não foi determinado nem um número de páginas e nem uma sequência para os registros.

E nesse momento da pesquisa surgem algumas questões: que páginas do “Caderno das Descobertas” apresentar? Apresentar as que mais me tocaram? E como apresentá-las? Sem resposta para as questões, vou caminhando, compondo, experimentando...

---

<sup>13</sup> TV BRASIL. **Hermeto Pascoal fala sobre sua trajetória na música**. Disponível em: <<http://tvbrasil.ebc.com.br/tags/hermeto-pascoal>>. Acesso em: 22 jun. 2016.



Espaço que não se criam raízes, mas que se fica por um tempo. O tempo para ficar quem decide é cada integrante do Clube de Arte, pois ali só permanece quem quer.

*Acho que uma coisa que marca bastante... deixa eu pensar... acho que foram as mudanças das pessoas, porque, tipo, começou com um grupo e foi tipo: entrando e saindo, entrando e saindo, entrando e saindo, depois tinha um grupo totalmente diferente. Então acho que foi conhecer pessoas novas e ver tipo essa dinâmica... não foi um negócio que começou assim e terminou assim... mas foi mudando. (Depoimento da Descobertas, 12/11/15).*

Espaço, que antes de iniciar a pesquisa do mestrado, a cartógrafa pensava que estava em um porto, mas no processo de formação foi lançada em alto mar.



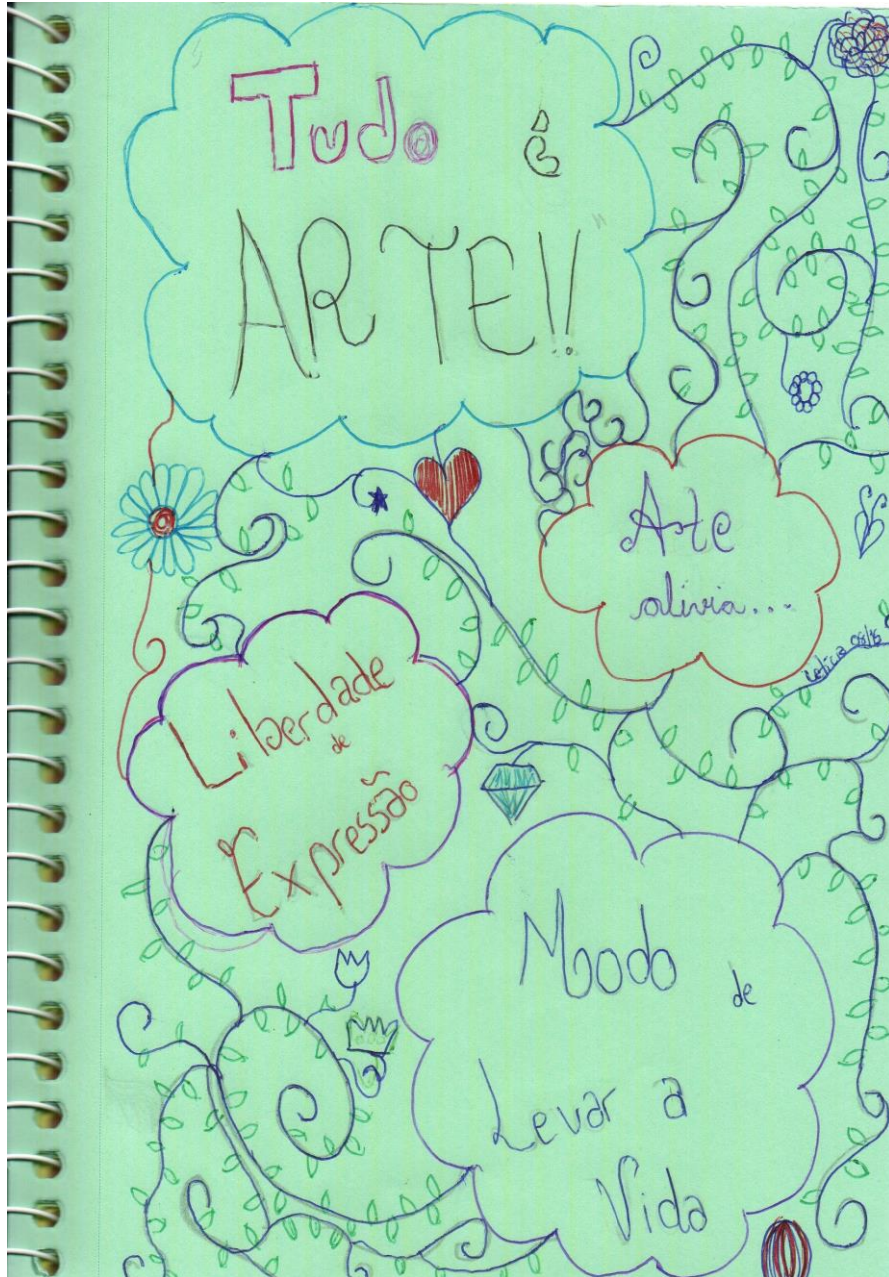
Em uma outra página, um(a) integrante do clube escreve os pensamentos de alguns escritores e artistas:

“Se importe menos, viva mais.” “Se não desse errado, não seria eu.” – Clarice Falcão.

“Choramos ao nascer porque chegamos a este imenso cenário de dementes.”  
 “Ser grande, é abraçar uma grande causa.” – William Shakespeare.

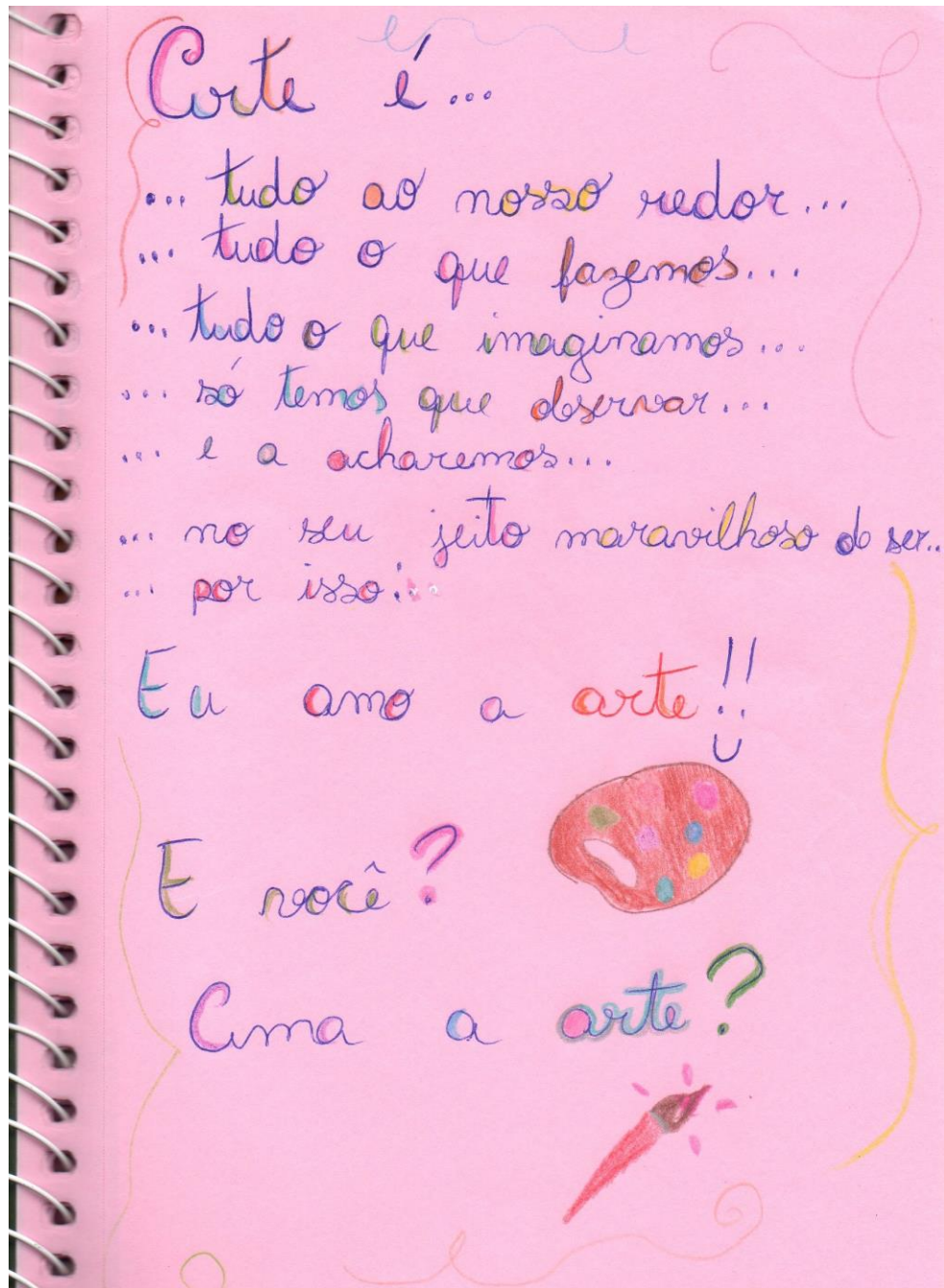
“A arte diz o indizível; exprime o inexprimível, traduz o intraduzível.” “Quando eu pensar que aprendi a viver, terei aprendido a morrer.” – Leonardo da Vinci.





Arte que alivia. Podemos fazer conexão com a peça “A vida de Galileu” de Bertolt Brecht, que traz a questão “seremos ainda cientistas, se nos desligamos da multidão? Vocês trabalham para quê? Eu acredito que a única finalidade da ciência está em aliviar a cansaça da existência humana.” (apud FORJAZ, 2015, p. 12)

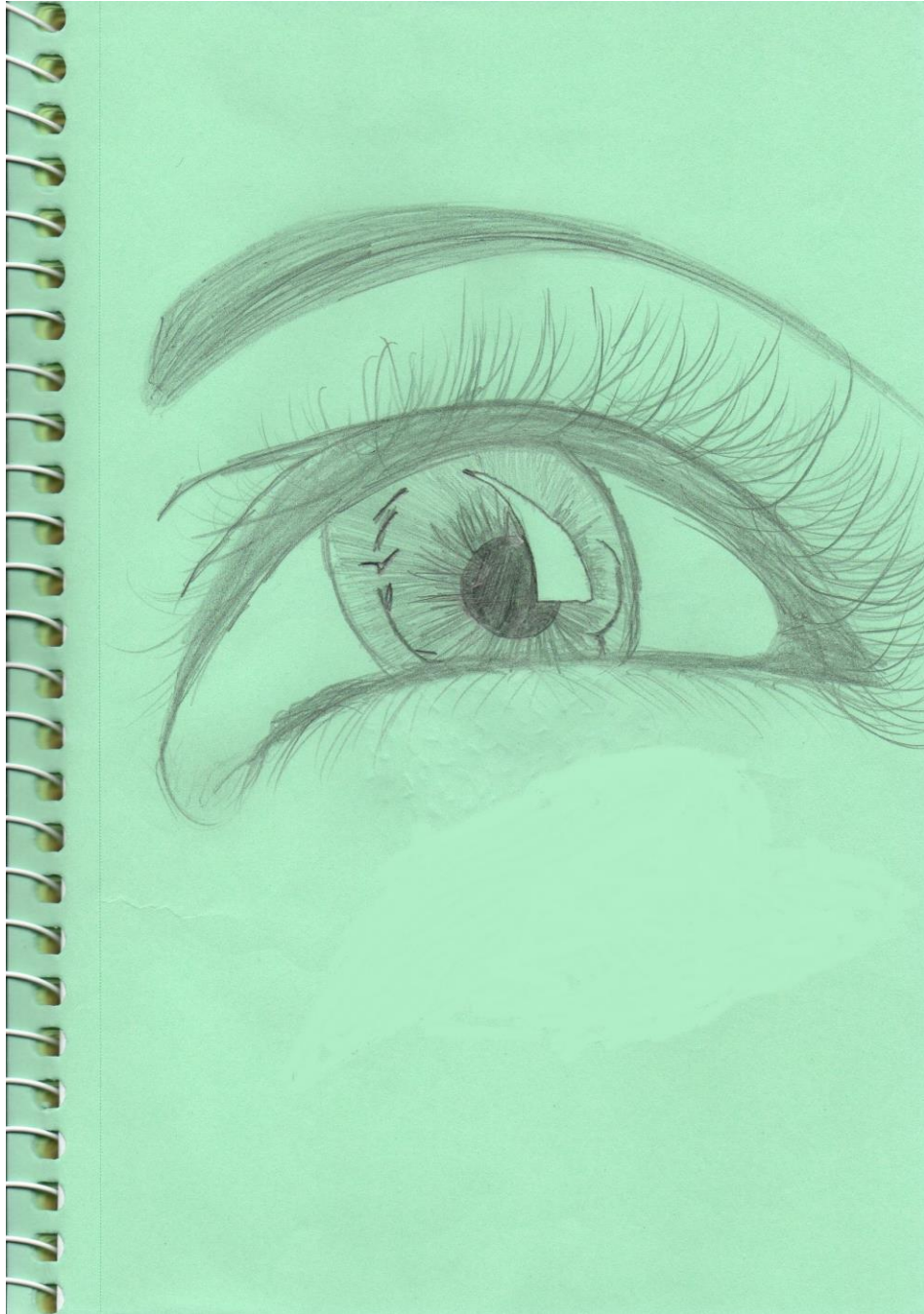
Quem sabe a da Arte também?



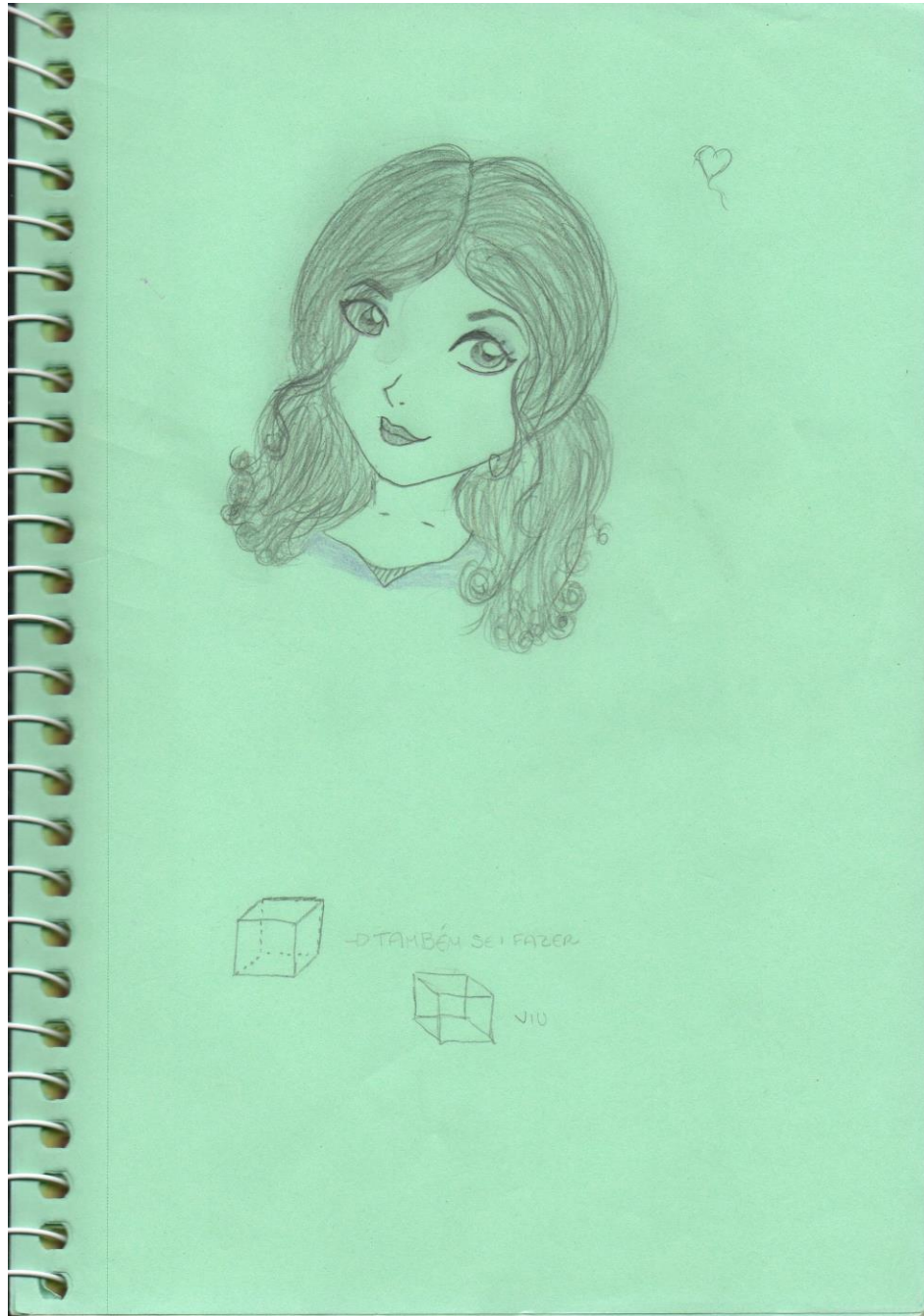
Arte que segundo um(a) integrante do clube, que escreveu a lápis na última página do “Caderno de Descobertas”, é *uma coisa que não se aprende mas se pratica*.

Fazendo, refazendo, tentando, experimentando... explodindo a sala, o clube, a vida com manchas, cores, linhas, texturas, sons, cheiros...





Olhar que conecta e evoca o depoimento de Manoel de Barros, no documentário “Janelas da Alma”. “O olho vê, a lembrança revê as coisas, e a imaginação é a imaginação que transvê, que transfigura o mundo, que faz outro mundo, para o poeta e o artista de um modo geral. A transfiguração é que é a coisa mais importante do artista.”



*A arte é profunda e nos afunda na complexidade e na criatividade do autor, que nos faz refletir e compreender de variados modos. (Escrita da integrante Amor).*

*A arte está ao nosso redor. Basta somente você procurá-la. Pois quem procura sempre acha, e quem acha faz. Faz o que? Faz arte. (Escrita da integrante Loucura).*

## AS FALAS E O CLUBE

Quando escuto, escrevo, olho para os depoimentos, surpreendo-me com a multiplicidade de pensamentos, caminhos, encontros, desencontros... que se revelam. Depoimentos que fazem tremer. Depoimentos que fazem a cartógrafa parar por um bom tempo no caminho e perguntar: como compor a pesquisa com essa multiplicidade de linhas? Como traçar um mapa desse dispositivo? Por onde começar?

Denise Pereira em sua dissertação apresenta uma pista:

a ideia é de um entrelaçamento, entre as diferentes vozes que compõem essa pesquisa, para não tentar responder as questões e inquietações iniciais apenas, mas tentar buscar relações, das diferentes linhas-fios que nos ajudam neste exercício de pensamento. (PEREIRA, 2015, p. 59).

### Fugir do quadrado

A entrevista, o depoimento, a conversa com Descobertas me fez pensar nas diferentes linhas que compõem a escola, desde as mais duras, passando pelas mais flexíveis até as mais sinuosas - que segundo Deleuze essas são as primeiras, as outras derivam dela. Descobertas apresenta em seu depoimento, de uma maneira orgânica, conceitos que levei meses tentando compreendê-los.

*Geralmente as pessoas que gostam de Arte não seguem tanto uma lógica... assim... algo tanto dentro do padrão... eu não gosto de fazer coisas quadradinhas... quando eu vou escrever uma redação... não consigo fazer uma redação, tipo quadradinha nos parâmetros que eles pedem... eu até sei fazer isso... mas eu não faço... faço, tipo... sei lá... com coisas do além... vou escrevendo tudo... as vezes eu não tiro nota porque eu exagerei...entendeu... então eu gosto de Arte por causa disso... porque a gente não precisa ficar no quadradinho... no padrão... a gente pode expandir as ideias..*

Expandir as ideias fugindo do quadrado, sem necessariamente sair dele,

mudando a sua forma, dobrando, pintando, dando uma nova cor, possibilitando deslocamentos através da imaginação. Imaginação que aparece de diferentes formas nos depoimentos da Descobertas, Companheirismo, Amor e Aprendizado.

*Quando eu vejo o clube, eu acho muito legal, porque eu imagino as pessoas sorrindo, fazendo coisas doidas, tipo... sei lá, bagunçando mesas e... isso eu acho legal. Eu levaria esse negócio mesmo, tipo, artístico das pessoas não serem quadradas. Não consigo imaginar um clube todo mundo sentado, bonitinho, arrumado, mas um negócio todo bagunçado, colorido, coisas divertidas...*

*Eu contaria que a gente aprende várias técnicas, que a gente tem pouca teoria e muita prática - que isso é uma coisa muito boa. (Depoimento da Descobertas, 12/11/2015).*

*A gente faz um monte de coisa que eu nem imaginava que um dia eu iria ter chance de fazer... Nossa, eu amei fazer o clube. (Depoimento da Companheirismo, 13/11/2015).*

*Eu acho que gosto de expressar realmente, assim, na Arte o que eu gosto, entendeu? Eu acho que é isso, assim. Porque eu gosto de realmente fazer aquilo que está em mim, e não, por exemplo, de fazer aquilo que aquela pessoa fez.*

*A senhora, né, dá uma ideia pra gente, pra gente... digamos, florescer, né? Pra gente criar aquilo que a gente imagina. Então, assim, a gente senta uma aqui, uma ali... daí a gente começa a fazer... uma da ideia pra outra... então é uma coisa assim... livre, entendeu? É bem... assim, faça o que você quiser, é tipo isso. Só que... com um tema focado, né? (Depoimento da Amor, 17/11/2015).*

*Porque no clube a gente aprende isso, tipo quando a gente vai desenhar algo, nós temos que ter imaginação para pensar em algo. Acho que isso também pode ser um significado da Arte. Ter imaginação. Porque sem imaginação não dá para fazer muita coisa. (Depoimento da Aprendizado, 17/11/2015).*

## Encontro com o outro

Nesses cinco anos de Clube de Arte tivemos diferentes encontros. Encontros com objetos, materiais, artistas, obras de arte, pessoas, e em especial com os(as) integrantes do clube. Foi no contato com o outro que aprendemos juntos.

*Uma coisa bem positiva do clube é que todo mundo é bem ligado, é divertido, você pode ser você mesmo no clube, porque todo mundo é bem diferente. (Depoimento da Esperança, 12/11/2015).*

*Acho que eu levaria esse sentimento que tem aqui... de amizade, assim... que todo mundo é bem ligado, assim... não vi nenhuma desavença dentro do clube de... como ah, eu não gosto de fulano... como geralmente há na sala de aula.*

*É isso... que todo mundo é integrado com o outro, né? Todo mundo tenta se ajudar... principalmente que eu lembro que ficava: Ah, o que você achou? Ah, por que fizeram aquilo e isso? Ah, é lápis de cor... Ah, pega aquela cor ali, está muito escura. Daí cada um ajudando o outro.*

*Mas o que marca também é, assim, uma coisa que fica é a solidariedade, todo mundo ajuda um ao outro... (Depoimento da Solidariedade, 12/11/2015).*

*Eu lembro da Loucura, assim, ela toda alegre... e eu sou mais... "zem"... mas é bom você encontrar pessoas diferentes, assim... Aprendi bastante com ela também. Com a Liberdade também... que ela é toda cultural.... Daí, foi bom. (Depoimento de Manifestação, 13/11/2015).*



## Encontro com a alegria

Espinosa apresenta que há os maus encontros, que diminuem nossa potência de pensar e agir – intitulado de tristeza, e há os bons encontros, que aumentam nossa potência de pensar e agir – intitulado de alegria. A educação, o clube, a arte pode promover encontros alegres e encontros tristes, mas sempre encontros. (GALLO, 2008, não p.).

Alegria diferente do riso. “Alegria que nos coloca em movimentos.” (KASPER, 2004, p. 32).

Alegria que é relatada em vários depoimentos. Sendo, que não se pode afirmar que o clube promoveu somente encontros alegres, mas o que temos nesses depoimentos são algumas marcas que eles deixaram.

*Uma ideia geral da alegria de todos os dias que a gente tinha aqui no clube, de coisas que aconteceram. Eh... de tudo que a gente fez, assim, das experiências que eu tive do... nossa, das gargalhadas que a gente deu... meu Deus ... cinquenta é trabalho e cinquenta a gente rindo... A gente ri um monte aqui. (risos) (Depoimento de Companheirismo, 13/11/2015).*

*Eu diria que se fosse pra - como eu já disse para um monte de gente na verdade - eu diria que é uma coisa muito legal. Que é uma maneira de você, além de conhecer novas pessoas, fazer uma coisa divertida com elas... que seja divertido para você. Por exemplo... pelo menos pra mim, Arte é muito divertido de fazer... eu adoro fazer isso. Tem gente que não gosta de desenhar, tem gente que não gosta de tirar foto. Não sei como tem gente que não gosta de tirar foto... Meu Deus. Daí... mas eu acho que eu diria para as pessoas que seria uma experiência nova, uma experiência diferente da que ela já fez. Seria legal... aí todo mundo se reúne e a gente faz... loucuras. (risos) (Depoimento da Loucura, 13/11/2015).*

*Lembranças muito boas. Bastante carinho, diversão também... risadas... é.... eu levaria bastante conhecimento também. (Depoimento da Amor, 17/11/2015).*

*Aqui também é uma diversão também, né? Não é, tipo, a gente também sai*



*para os museus, a gente ia até para o Botânico, para tirar fotos... Isso era muito legal. A gente se divertia, a gente fazia passeios... a gente até via filmes, a gente até levava lanches, fazia pipoca, e essas coisas. A gente sempre comia... Era mais que uma diversão que a gente se... diverte. (Depoimento da Aprendizado, 17/11/2015).*

### **(De)formando e transformando**

O processo de formação nos pede uma abertura, abertura “para o que não sabemos. Para o que não depende do nosso saber nem de nosso poder, nem de nossa vontade. Para o que só pode se indeterminar como um quem sabe, talvez.” (LARROSA, 2015, p. 75). E ao mesmo tempo que somos formados, somos deformados e transformados pela forma e pelos outros.

Nos depoimentos da Companheirismo, Manifestação, Amor e Aprendizado podemos acompanhar esses processos.

*Foi um espaço muito bom de aprendizagem aqui.*

*Eu costumo contar de como que a gente passou o tempo, assim, se divertindo, rindo, e dando ideia... de como... como a gente trabalha as coisas, assim... como foi a minha visão de tudo, das técnicas, de participar, e coisas assim... É... de como foi a experiência de mexer com uma coisa que eu nunca tinha visto, só tinha visto em imagem. É... eu vou contando, mas as experiências que eu acabei tendo durante o clube. Eh... é uma coisa meio mágica, assim, para quem sempre foi retraída num canto, antes de entrar no clube.*

*Eu vou entrar no clube, porque vai me ajudar a ter um pouco mais de criatividade, de umas coisas assim pra amplificar as minhas ideias malucas...*

*Esse percurso foi um monte de surpresas, assim, um monte de coisa legal... um monte de... ah, só sei que foi muito legal mesmo, mesmo... (Depoimento da Companheirismo, 13/11/2015).*

*A gente se encontra... se reúne na sala... a gente senta nas mesas e... a professora apresenta as ideias, a proposta, ela dá algumas direções e deixa a critério dos alunos, né? O trabalho... É bom, assim... porque a gente pode realmente ter a liberdade de fazer o que a gente pensou na nossa mente... sem ser algo muito*



específico.

*Eu acho que eu aprendi bastante até... (risos) porque eu acho que a gente aprende a... se soltar mais... justamente por tentar novas coisas... Assim, se eu... fosse tentar em casa, por exemplo, só tiraria foto, nem pensaria em desenhar, sabe? E as vezes pode ser uma coisa boa.*

*Eh... é mais, tipo, um desafio, assim. Como a gente vai fazendo outras coisas, além da zona de conforto, é bom para exercitar nossa habilidade de criação. (Depoimento da Manifestação, 13/11/2015).*

*Porque eu não posso fazer outra pessoa gostar de uma coisa que só eu experimentei. Por exemplo uma laranja, se você não provar, você não saberá se ela é boa ou não, né? Então você precisa provar pra sentir...*

*Por exemplo, no desenho também... eu desenhava tudo errado. Eu considero, assim, que eu desenhava muito mal. Por exemplo, já me ajudou em algumas ideias, né? Assim... Eu não tinha tantas ideias. Eu era bem criativa, mas assim, eu não sabia expor minhas ideias. Agora eu sei expor minhas ideias. Eh... por exemplo, eu desenhava mal, como eu havia dito antes, e assim, eu fui melhorando, assim com o tempo... com o tempo (riso)... (Depoimento da Amor, 17/11/2015).*

*Ah, a gente senta, (riso) aí a professora, tipo... você... você fala, tipo: Ah, o que vocês queriam fazer, né? Aí a gente dá umas ideias... Aí o que a maioria gostar, aí a gente sempre faz. Mas é aberto pra gente... a gente que escolhe o que a gente quer fazer. Aí isso é legal também, porque a gente pode, tipo, ter a curiosidade de alguma coisa, a gente pode experimentar... fazer... (Depoimento da Aprendizado, 17/11/2015).*



## ESPAÇO DE CRIAÇÃO E ESPAÇO DE FORMAÇÃO

Aprendi com Rômulo Quiroga (um pintor boliviano):

A expressão reta não sonha.

Não use o traço acostumado.

A força de um artista vem de suas derrotas.

Só a alma atormentada pode trazer para a voz um  
formato de pássaro.

Arte não tem pensa:

O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.

É preciso transver o mundo.

Isto seja:

Deus deu a forma. Os artistas desformam.

É preciso desformar o mundo:

Tirar da natureza as naturalidades.

Fazer cavalo verde, por exemplo.

**Manoel de Barros<sup>14</sup>**

Clube de Arte na Escola: espaço de criação e espaço de formação, “há um E entre os dois que não é nem um nem outro, nem um que devém o outro, mas que constitui precisamente a multiplicidade.” (DELEUZE; PARNET, 2004, p. 47).

Multiplicidade de processos... processos de criação, de formação e transformação.

## ESPAÇO DE CRIAÇÃO

Um livro, uma aula, um clube, o pensamento, as pessoas são compostos por diferentes linhas e há pelo menos três linhas emaranhadas. (ibid, p. 152). Temos as linhas molares, duras, ou sedentárias, de segmentos bem determinados, que são binárias (classes sociais, sexo, idade, entre outros) e podem operar de forma dicotômica (se não é bonito é feio, se não é branco é preto, se não é claro é escuro, se não é quadrado é redondo...). Também temos as linhas “mais flexíveis que são as

---

<sup>14</sup> BARROS, Manoel de. **Livro sobre nada**. São Paulo: Leya, 2013. (Coleção Biblioteca Manoel de Barros).

linhas moleculares, migrantes, que traçam pequenas modificações, mas nem por isso menos precisas. As linhas que levam para uma nova trajetória desconhecida e imprevisível são as linhas de fuga, de ruptura, nômades.” (BIERNASKI; NASCIMENTO; SANTOS; KASPER, 2015, p. 15229).

As linhas de fuga são simples, abstratas, mas são as mais complicadas e sinuosas de todas.

De certa forma dir-se-á que, numa sociedade, o que está em primeiro são as linhas, os movimentos de fuga. Porque estes, longe de serem uma fuga para fora do social, longe de serem utópicos ou mesmo ideológicos, são constitutivos do campo social, do qual trançam a inclinação e as fronteiras, todo o devir. (DELEUZE; PARNET, 2004, p. 163).

As linhas coexistem, havendo reprodução, mas também criação.

A cartografia tem como objeto o estudo dessas linhas, principalmente as linhas de fuga.

Linhas de fuga que fogem dos modelos, do previsto, da burocracia, da receita, do método... “é sempre numa linha de fuga que se cria, certamente não porque se imagina ou se sonha, mas pelo contrário porque é aí que se traça o real, e que se compõe um plano de consistência. Fugir, mas ao fugir, procurar uma arma.” (ibid, p. 164).

Fugir dos modelos, das receitas, do previsto... encontrar uma arma para penetrar em um espaço de normas, de regras, de hierarquias, de ordens, de autoridades, de competências e habilidades.

## **Clube conectado**

No dia 17 de agosto de 2012, Detalhe<sup>15</sup>, um aluno que não participa mais do clube teve a ideia de criar um grupo no Facebook para o Clube de Arte. Outras conexões se tornaram possíveis. Nesse novo espaço começamos a postar “coisas” que achávamos interessantes, algumas ideias de técnicas, temas para criarmos os trabalhos artísticos, divulgar eventos que estavam acontecendo na cidade, avisos para os próximos encontros, fotos das atividades desenvolvidas no colégio, das exposições, de um pôr-do-sol ou de uma flor que o(a) aluno(a) viu, registrou e

---

<sup>15</sup> Pseudônimo sugerido pelo aluno.

compartilhou com o grupo.

Nesse espaço também jogamos conversa fora, como qual presente que cada um quer ganhar de amigo secreto, comentários sobre os monitores das exposições, algum(a) aluno(a) avisando que esqueceu o uniforme em algum lugar...

No dia 15 de maio de 2015, Aprendizado criou um grupo na rede social, era o WhatsApp; com este ficamos com uma comunicação mais próxima e rápida. Esse meio permitiu uma comunicação quase que instantânea, isso porque muitos(as) alunos(as) faziam os seus experimentos em casa e já mandavam as fotos para mostrar o trabalho, no Facebook isso não acontecia com tanta frequência.

Através dessas redes de comunicação nossas relações se multiplicaram. Ficamos mais próximos, mais conectados. O clube se multiplicou, criou um novo território, um território virtual.

### **Cor-luz, cor-afeto, cor-aprendizado**

Em 2014, contei aos(as) alunos(as) sobre um curso rápido de vitral que havia feito e que gostaria de compartilhar com eles essa nova técnica, mas que eu não tinha domínio da mesma, pois o curso foi apenas de três dias. A proposta era de aprendermos e experimentarmos juntos. E eles toparam.

Para conhecer um pouco mais sobre a técnica fizemos uma pesquisa na internet e assistimos alguns vídeos publicados no site YouTube.

Essa técnica que desenvolvemos no decorrer de alguns meses, consiste em traçar linhas em um vidro com uma tinta especial 3D, geralmente na cor preta, prata ou branca, e entre os espaços pintar com uma tinta líquida de vitral, de diferentes cores. Mas muitas vezes quando as linhas não estão bem fechadas as cores fogem.

Fizemos e refizemos várias vezes o processo. E num determinado dia uma cor fugiu no trabalho da Expressão. Ela estava desenvolvendo o seu trabalho e de repente percebeu que não tinha fechado bem a linha que formava o desenho e as cores começaram a se misturar, então deu um grito chamando a Aprendizado que estava ao lado. A Aprendizado ajudou-a a “arrumar o trabalho” e quando terminaram, as duas alunas ficaram com um brilho nos olhos por ver o trabalho artístico “recuperado”. Então, uma falou para a outra: “Eu te amo!”. E se abraçam. Eu estava próxima da cena e fiquei alguns instantes sem reação, fui contagiada pelo



acontecimento, senti uma alegria imensa, meus olhos se encheram de lágrimas e nesse momento tive a noção da potência de um Clube de Arte.

*Eu nunca usei vitral na minha vida, e eu fiz vitral aquele dia. Não saiu lindo, mas foi legal, foi divertido de fazer. (Depoimento de Esperança, 12/11/15).*

*Nunca imaginei que iria mexer com vitral... (Depoimento de Companheirismo, 13/11/15).*

*A gente estava vendo e daí eu via assim... que era do vitral, que era uma catedral, né? E daí eu falei: Nossa, eu sei fazer vitral, porque eu lembrei da aula. Aí minha mãe falou: Como assim, né? Porque eu tinha esquecido de contar pra ela. Aí eu expliquei... e assim, o meu pai também... Eles ficaram muito felizes, né... Porque, poxa, é uma ideia assim... que a gente pode compartilhar. São momentos assim, que a gente pode mostrar o que a gente aprendeu e que a gente entende sobre aquilo. (Depoimento de Amor, 17/11/15).*

*Vitral, que eu já vi em várias... tipo, igrejas, essas coisas, só que nunca tinha feito nada disso. Achei bem legal a experiência. (Depoimento de Aprendizado, 17/11/15).*

*Como é que é o nome? O vitral. É vitral?*

*O vidro... aquilo era muito legal também. Demorei para conseguir, mas achei muito legal. Estão todos no meu quarto... Tudo nas minhas estantes, porque eu tenho estantes em cima da cama, né? (Depoimento de Alegria, 19/11/15).*

## **Novos olhares**

Em “O livro dos abraços”, Eduardo Galeano escreve sobre a função da arte a partir do ensaio de uma experiência, no qual o pai leva o filho para descobrir o mar, e quando o menino se depara com o mar, fica anestesiado de tanta emoção e pede para o pai ajudá-lo a olhar.



Uma das práticas experimentais do Clube de Arte tinha como objetivo olhar a escola como se a visse pela primeira vez, olhar de uma maneira diferente, olhar de uma forma macrofotográfica, que olha os pequenos detalhes da paisagem, que olha o que as vezes é invisível no cotidiano.

Em 2015, antes de iniciarmos a prática conversamos sobre algumas técnicas fotográficas, sobre o olhar, sobre o colégio, sobre a importância de sair do lugar comum, de explorar outros ângulos, outros efeitos... Também assistimos um vídeo sobre “Macrofotografia” em que o fotógrafo Juarez Silva falava sobre o seu processo de criação e mostrava alguns de seus trabalhos.

No outro encontro os(as) alunos(as) trouxeram suas máquinas fotográficas, celulares, ipad, entre outros aparelhos eletrônicos para registrarem os seus olhares sobre o colégio.

Naquele dia fiquei um pouco distante dos(as) participantes do clube, porque cada dupla, ou trio, foi para diferentes espaços do colégio, mas ao mesmo tempo senti muito próxima deles, pois senti uma imensa alegria de vê-los explorando o colégio com seus novos olhares.

Após o registro fotográfico, os(as) alunos(as) baixaram suas fotos em casa, selecionaram as que mais gostaram, e encaminharam por e-mail.

Com essas fotos, montamos uma exposição virtual que mostramos em um evento do colégio, no qual a plateia ficou admirada com os trabalhos dos(as) alunos(as), que foram desenvolvidos em pouco tempo e sem aparelhos profissionais.

Também disponibilizamos as fotografias no site da instituição.

No último encontro dessa atividade, olhamos todos os registros e discutimos sobre o processo.

*Olha, eu acho que eu trabalhei muito a fotografia aqui... eu não gosto muito de tirar foto, eu não gosto muito das minhas fotos, porque eu tiro muito normal, normal, sabe?*

*Daí no Clube de Arte, a Manifestação, principalmente, tentou despertar essa minha visão mais diferente, entende? De tentar tirar foto de coisa pequena. Ou então, ângulos mais diferentes, ou de cima ou de baixo, não só da altura que estou.*

*Eu acho que isso me ajudou bastante na fotografia. (Depoimento do Solidariedade, 12/11/15).*

*Eu gosto de pintar porque a gente pega os detalhes das coisas. E isso acontece também na foto. Eu quero ganhar de Natal uma câmera, daquelas boas, que dá para trocar de lente, para você poder ver o foco das coisas, os detalhes. Acho isso muito bonito. (Depoimento da Loucura, 13/11/15).*

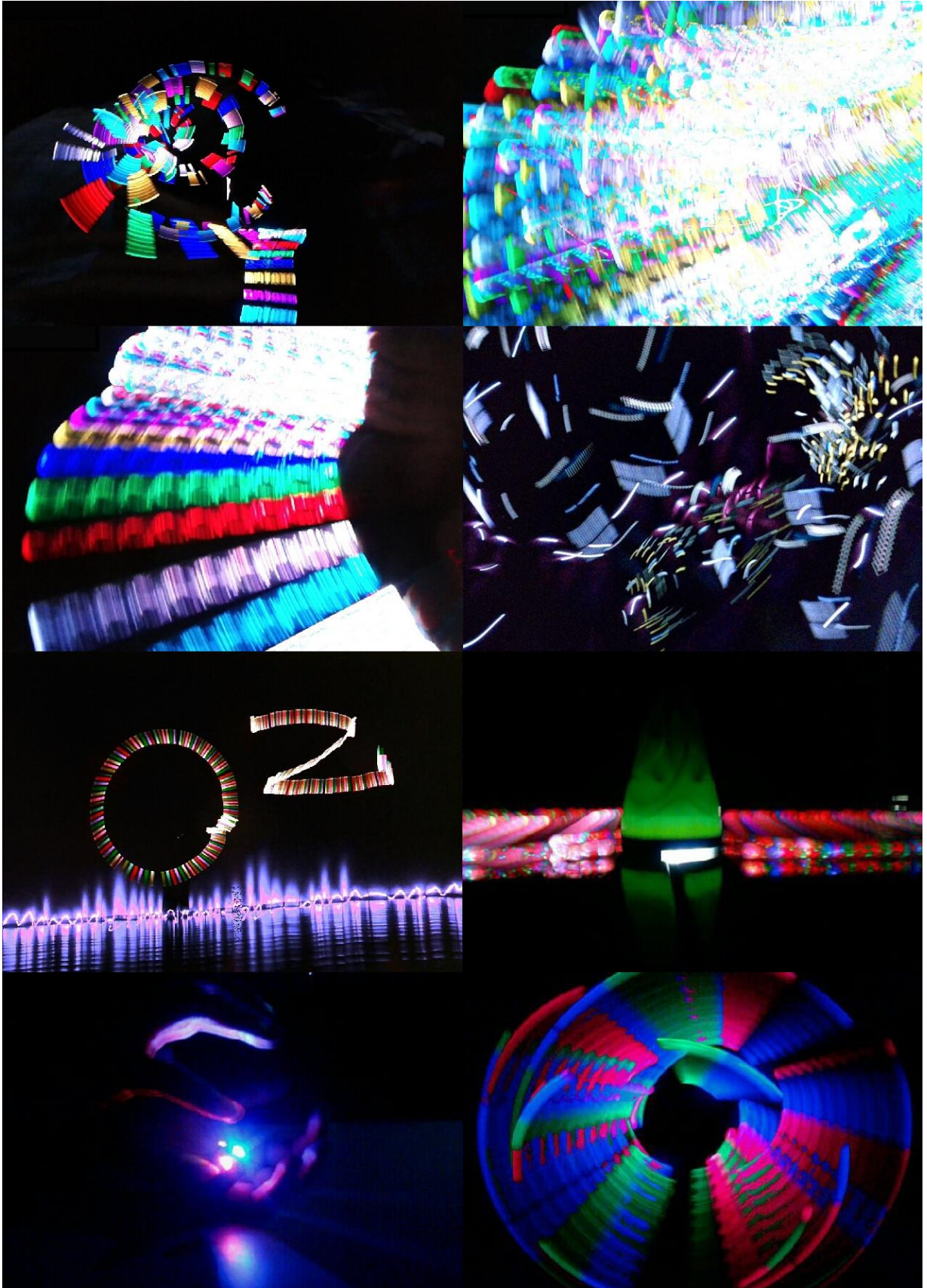
*Eu acompanho vários blogs, assim, de fotografia, e daí me chama atenção. Acho legal. Você pode registrar um momento específico e tem todo um trabalho por trás, né? É interessante. (Depoimento da Manifestação, 13/11/15).*

*Eu acho que o que eu aprendi com fotografias, seria legal para levar para um outro lugar. Assim, ter uma lembrança mais nítida do lugar que eu iria. (Depoimento da Liberdade, 24/11/15).*

*Sempre que tem uma fotografia eu lembro muito do clube. Então é tipo uma das coisas que pega bastante. (Depoimento da Descobertas, 12/11/15).*

*Eu lembro de fotografia, que me marcou, porque a gente saía aqui embaixo e ia tirar foto. Aí eu achava bem legal.*

*A gente tirava mais de pinheiros, a gente fazia meio que uma Arte com os "negócios" tudo molhado e fazia os "negócios" e tirava foto. (Depoimento da Cultura, 24/11/15).*



## Linhas, pontos e manchas

Trabalhamos várias técnicas no clube, algumas delas já havia estudado, outras já tinha desenvolvido um trabalho na época da faculdade ou em algum curso, mas uma técnica que nunca tinha trabalhado, era o grafite. Nem imaginava que as latas de spray tinham vários bicos...

É difícil controlar uma lata de spray, que certas vezes quando operamos o bico sai uma linha grossa e por outras vezes sai uma linha fina, as vezes sai um ponto que soma a outros e forma uma linha ou uma mancha.

Ponto a ponto, linha a linha, mancha a mancha, fomos construindo uma forma, um caminho, criamos outras maneiras de desenhar e de pintar.

Todos juntos começamos a criar um novo mundo: mancha aberta, mancha mista, mancha ao acaso, mancha invisível e outras mais que nem lembro mais. Vários pontos, linhas, manchas e outros mais que se invente. (MACHADO, 1998).

*Eu gostei muito quando fizemos grafite, que a gente usou uns sprays. Tipo... não foi aquele negócio que a gente aprende, nossa... vamos cortar papel e revista, foi algo, tipo... muito mais legal. E assim, deu para eu tirar um aprendizado, então, isso eu gostei bastante, e eu gosto desses negócios, tipo... que mostrem a personalidade... não que eu tenha um monte... (risos)*

*Eu gostei muito de grafite... Porque... gente, grafite é muito legal. (risos) Fora que eu sujei todo o meu suéter. Então, foi muito legal, foi muito divertido, porque... a gente foi lá fora e daí tinha um negócio gigante para fazer, e tal...*

*A minha concepção de grafite era a pichação. Então eu só imaginava que o povo só pichava. Então, eu realmente só via aquelas letras estranhas, lá. Aqueles códigos Morse lá... (risos) E quando eu fui fazer mesmo, eu descobri que não era só isso, que tinha alguma coisa diferente, porque eu já tinha visto as pessoas fazendo, mas eu não era muito ligada nisso.*

*Então quando eu fui fazer, eu descobri o que era, e achei muito legal, porque são tintas spray e coisa que você mexe, tipo, com tudo... é um negócio grande... não gosto de coisas muito minuciosas, assim, pequena, porque eu tenho muita dificuldade, assim, professora... (risos)*

*Quando é um negócio maior, assim, dá para fazer mais coisas. Eu gostei*

*bastante... dá para explorar mais, não precisa ser tão minucioso. Tão detalhadinho, assim. Porque pintar, professora, socorro... (risos) fica tudo borrado. (Depoimento de Descobertas, 12/11/15).*

*Olha, eu cheguei aqui com um objetivo. Eu vi muito mais coisa do que eu estava esperando. Por exemplo, achei que eu nunca iria tocar numa latinha de grafite... e eu fiz... a gente fez tanto desenho com grafite, assim... é... foi, foi muito legal.*

*Eu cheguei aqui pensando... ah... a gente só vai dar umas ideias, assim, pra fazer umas exposições, com umas ideias diferentes... nunca imaginei que iria mexer com vitral, que eu ia mexer com latas de spray para grafite. (Depoimento de Companheirismo, 13/11/15).*

*O grafite, porque você está mexendo com tinta. (riso) ... aí, tipo, você pode meio que explorar novas coisas, porque normalmente quando você pinta alguma coisa em casa e tal... sempre usa tinta normal, né?*

*Aí... é uma coisa diferente, uma coisa nova. (Depoimento de União, 17/11/15).*

*Adoro grafite! (Depoimento de Alegria, 19/11/15).*

*O grafite a gente trabalhou, uma coisa que fora do colégio, do clube, assim, a gente nunca teria a oportunidade de fazer. Foi muito legal. Então a gente começou... papelão, aí desenho estêncil, e pega na tinta. Uma emoção muito legal... aquele cheirinho, assim, da tinta. (Depoimento de Liberdade, 24/11/15).*

## **Múltiplos olhares**

Durante esses cinco anos de clube, pelo menos uma vez ao ano vamos visitar um museu na cidade de Curitiba, para promover encontros. “Afinal de contas, ir a um museu envolve um encontro com as obras, consigo mesmo e com as pessoas.” (KASTRUP, 2010, p. 43).

Em 2015, fomos duas vezes ao Museu Oscar Niemeyer. E nesse meu processo de formação do mestrado, da pesquisa... comecei a observar mais os(as)

participantes do clube, e fui percebendo nessas visitas a multiplicidade dos olhares dos(as) integrantes.

Olhar que olha pela primeira vez aquele espaço, que pela primeira vez tem acesso a um museu, a um ponto turístico da cidade, a um espaço cultural, olhar que tem um imenso encantamento que perpassa para todo o corpo, olhar que registra cada segundo para depois compartilhar com os(as) amigos(as) e a família.

Olhar que olha de uma outra maneira, pois já tinha visto aquele espaço, mas não tinha olhado compartilhando ideias, comentários, risos... com os(as) amigos(as), com o(a) monitor(a), com a professora.

Olhar que faz conexão com o que aprendeu em sala de aula, olhar que relaciona com outras áreas, com outros conhecimentos.

Olhar que “melhora, melhora o meu”<sup>16</sup>.

*Quando a gente sai e vai para exposição acho que é diferente... é bom porque a gente expande seus horizontes.... Também é divertido. (Depoimento de Manifestação, 13/11/15).*

*Quando a gente foi no museu do Barão, eu lembro que a gente foi na Gibiteca, né? Aí eu fui no sábado passado também. Porque eu convidei meu pai e minha mãe, assim, porque minha irmã estava viajando. Daí a gente foi lá, foi bem legal.*

*Aí eles ficaram vendo as exposições... Eu fiquei lendo turma da Mônica. (risos)*

*Porque assim, eu já tinha ido várias vezes, né? E é legal poder compartilhar, né? Mostrar... nossa, já vim aqui, é muito legal, olha que legal. Aí tinha aquela exposição dos heróis, né? Aí eu contei uma vez para o meu pai e ele se interessou também. Então, assim, várias coisas que a gente vê são pequenas assim... mas, você vê que reflete nas outras pessoas. (Depoimento de Amor, 17/11/15).*

*Eu gostei daquela primeira viagem lá do MON, né? Fora a parte que eu esqueci a máquina fotográfica dentro do ônibus. Eu levei uma bronca e tanto da minha mãe quando eu cheguei em casa, mas tudo bem.*

---

16 ANTUNES, Arnaldo. **O seu olhar**. Disponível em: <<https://letras.mus.br/arnaldo-antunes/91707/>>. Acesso em: 01 dez. 2015.



*Em compensação, quando eu estava falando do Solar do Barão: Nossa Senhora, quanta foto, Amizade. (riso) (Depoimento de Amizade, 13/11/15).*

*Tem gente que não gosta, mas eu gosto. Porque eu nunca vou, então... quando eu vou, eu acho muito legal. Eu gosto de ver fotos e as pinturas. Também tem as esculturas que são muito loucas. (Depoimento de Loucura, 13/11/15).*

*A visita do museu, aquela das esculturinhas, que eu não sei o nome?*

*Nossa, aquilo é muito legal.*

*Oxi, estava cheio de detalhes, assim. Coisa muito difícil de fazer, cara... aquilo lá é muito detalhado. (Depoimento de Alegria, 19/11/15).*

## **Noite de Talentos**

Em 2009, na biblioteca do colégio existia uma caixinha, chamada “caixinha das sugestões”, onde os(as) alunos(as) depositavam bilhetes com ideias e críticas sobre o colégio. No final de cada semana esses bilhetes eram lidos pelo diretor do colégio, e em um deles estava escrita a sugestão de uma aluna, de criar um evento em que os(as) alunos(as), os(as) professores(as) e funcionários(as) do colégio pudessem mostrar os seus talentos. O diretor gostou muito dessa ideia e solicitou que a coordenadora e professora de Arte criasse um projeto desse evento.

Como nunca tinha organizado um evento desse porte, fui pesquisar na internet e com professores(as) de outros colégios como organizaria ou desorganizaria esse evento. Após a aprovação do projeto, chegou o momento de convidar os(as) alunos(as) a participarem. A adesão deles(as) foi muito grande. Tanto que, no ano seguinte, passamos a organizar dois eventos por ano.

A primeira versão do evento foi uma surpresa para todos, pois muitos conheceram o(a) músico(a), o(a) cantor(a), o dançarino(a), o(a) artista plástico, o ator e a atriz que existia dentro de cada aluno(a). O auditório em que aconteceu o evento lotou e o sucesso foi tamanho que, em 2016, já está na 10<sup>o</sup> edição. Cultura em seu depoimento refere-se à Noite de Talentos:

*Acho que é para mostrar, tipo o que a gente tem, o que combina com a gente,*

*sabe? Para mostrar o nosso... o nosso ver da Arte, por exemplo.*

Liberdade fala sobre o processo de criação e montagem de um trabalho artístico no evento:

*Teve uma vez também que dois alunos estavam fazendo uma exposição para a Noite de Talentos. E aí a professora falou: Preciso de um nome para a exposição. E... é muito difícil você achar nome para o trabalho que você faz. Você criou lá, legal. E nome? E agora? O que a gente vai colocar de nome?*

*Eles não falaram para a professora, e ficaram se "enrolando"... e faltou comunicação. E aí no fim das contas eles queriam que fosse liberdade, porque era uma gaiola de passarinho, e dessa gaiola, dentro tinha um monte de origami daqueles de cisne.*

*E aí tinha um monte dentro da gaiola, e alguns fora, na mesa, assim, super bonita a exposição. Ah, não... vai ser liberdade. Só que isso depois que a professora já tinha impresso o papel, e aí tinha saído liberdade programada, que não tinha nada a ver com a exposição. (risos)*

*Ficou um nome muito sem sentido... mas aí todo mundo: Nossa, que interessante o jogo do título. Como é que vocês conseguiram? (risos) Aí a gente sempre lembra disso também.*

## ESPAÇO DE FORMAÇÃO

Um dos teóricos que está nortando os estudos é Jorge Larrosa, pois ele traz uma noção de experiência bem específica, já que no campo educacional tal palavra é muitas vezes utilizada de forma indiscriminada e excessivamente, “sem ter consciência plena de suas enormes possibilidades teóricas, críticas e práticas.” (LARROSA, 2011, p. 4). Conforme o autor, a experiência “soa como 'aquilo que nos acontece, nos sucede'.” (LARROSA, 2015, p. 25)

Jorge Larrosa também apresenta em seus estudos os inimigos da experiência, como o excesso de informação, de opinião, de trabalho; a falta de silêncio, de memória e de tempo.

## **Tempo, tempo, tempo...**

Tempo de sentar juntos. Tempo sem cobrança. Tempo de jogar conversa fora. Tempo de não controlar o tempo. Tempo para experimentar. Tempo para rir. Tempo para sair do local que está sem sair do lugar. Tempo de quebrar as regras. Tempo de fugir dos modelos. Tempo de inventar um novo tempo.

No clube não há uma preocupação em controlar o tempo, como acontece na disciplina de Arte no ensino regular. Alguns alunos(as) terminam em um encontro os trabalhos, outros levam semanas e outros meses para concluir o mesmo, até chegarem a um resultado que eles(as) considerem interessante, muitas vezes não como imaginavam.

Não existe um conteúdo programático organizado de antemão a ser seguido e nem um processo de avaliação. Dessa forma, o processo de trabalho de cada aluno(a) é respeitado; os temas e as técnicas são escolhidos em conjunto com os(as) alunos(as) e, assim, eles(as) podem se aprofundar em cada técnica, fazer e refazer quantas vezes quiserem os seus trabalhos artísticos. Além disso, podem testar diferentes materiais e técnicas sem a preocupação de obter um produto final.

Acredito que sem essa preocupação com o tempo, quem sabe o clube possa proporcionar aos(as) alunos(as) uma experiência, pois a falta de tempo é sua inimiga, como defende Larrosa:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível no tempo que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que acontece, aprender a lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2015, p. 25).

No ambiente escolar, cada vez mais temos atribuições burocráticas (reuniões, preenchimento de documentos, entre outros) e essas atividades acabam não nos deixando afetar pela alteridade, pelo que não está previsto. E o excesso de trabalho também é um inimigo da experiência, como elenca Larrosa. Nesse momento, a professora precisa combater a homogeneização.

[...] talvez seja a hora de deixar de insistir na verdade das coisas e começar a criar as condições para a pluralidade do sentido. Parece-me que o papel do professor é fazer com que a pluralidade de sentidos seja possível. E isso é dar sentido de contingência, de relatividade e, enfim, de liberdade. (VEIGA-NETO, 2007, p. 147).

Como bem destaca Larrosa e Kohan (2015), no prefácio do livro Tremores, “a educação como transformação do que sabemos, não para transmitir o já sabido.” No artigo “Experiência e alteridade em educação” Larrosa afirma ainda que:

Em educação dispomos de inúmeros saberes mais ou menos experientes, mais ou menos especializados, mais ou menos úteis. Mas talvez nos falte um saber para a experiência. Um saber que esteja atravessado também de paixão, de incerteza, de singularidade. Um saber que dê um lugar a sensibilidade, que esteja de alguma maneira incorporado a ela, que tenha corpo. Um saber, além do mais, atravessado de alteridade, alterado e alterável. Um saber que capte a vida, que estremeça a vida. (LARROSA, 2011, p. 26).

Pensando a formação não como algo rígido, fixo, previsível, com modelos prontos, mas “como um devir plural e criativo, sem padrão e nem projeto, sem uma ideia prescritiva de seu itinerário e sem uma ideia normativa, autoritária e excludente de seu resultado.” (LARROSA, 2013, p. 12).

“Devir nunca é imitar, nem fazer como, nem uma sujeição a um modelo, seja ele de justiça ou de verdade. Não há um termo de que se parte, nem um ao qual se chegue ou ao qual se deva chegar.” (DELEUZE; PARNET, 2004, p. 12).

Devir envolve experimentar e não interpretar. Devir envolve criação e não imitação. Devir envolve desenhar linhas de fuga.

Penso o devir como o processo de criação do desenho “Touro” (1945) do artista Pablo Picasso, que vai se tornando cada vez mais sóbrio, mais econômico, mais simples.

Devir é fazer com, inventando novas forças, novas armas... e assim como a experiência em Larrosa, é única para cada pessoa. “O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repedita.” (LARROSA, 2015, p. 32). Devir que inicia sempre pelo meio.

Meio extremo de afirmar a diferença, de diferenciar o que difere, de fazer com que nos tornemos cada vez mais diferentes do que somos e distantes do que éramos; mais plurais por singularidade, mais singulares por comunidade de ser, fazendo coexistir, vibrar e ressoar em nós o que difere; meio de fazer com que nos diferenciemos cada vez mais não apenas dos outros, mas sobretudo de nós mesmos. (FUGANTI, 2012, p. 76).

A pesquisa, a cartógrafa, o clube a cada encontro tornam-se diferente de si, processo de formação em que não se reconhece mais o que era antes, pois não se tem uma “identidade real nem ideal.” (LARROSA, 2005, p. 67).

Dessa forma amplificando os devires, devir-pesquisa, devir-cartógrafa, devir-clube... Devir como um processo de formação, de transformação e reinvenção de si.

É muito interessante quando Larrosa faz a relação de formação com uma viagem, “uma viagem aberta em que pode acontecer qualquer coisa, e na qual não se sabe onde se vai chegar, nem mesmo se vai chegar a algum lugar.” (LARROSA, 2013, p. 52). O teórico explora várias obras do escritor austríaco Peter Handke, explanando sobre esse assunto, e diz que: “A viagem handkeana de formação é, mais propriamente, uma viagem de desaprendizagem ao fim da qual o mundo aparece aberto e disposto para ser lido de outra maneira.” (ibid, p. 10).

Temos essa análise abordada de uma outra forma no filme “180 Degrees South: Conquerors of the Useless”, um documentário que narra a viagem que Jeff Johnson fez até a Patagônia, entre 2007 e 2008, inspirada na lendária viagem de Yvon Chouinard. Na produção cinematográfica, o personagem de Jeff Johnson, diz que: “As melhores viagens respondem a questões, que, ao começar, você nem pensava em perguntar.”

Uma viagem não de busca, mas de abertura ao imprevisível, de iniciação ao vazio, que se abre para dentro, “um vazio que se há de fazer de si mesmo, interrompendo o sempre demasiado cheio de saber e detento o sempre demasiado ansioso do buscar.” (LARROSA, 2014, p. 44).

Em um dos livros de Larrosa, “Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas”, o autor faz uma análise de algumas obras de Rousseau e cita alguns fragmentos das mesmas, mostrando como é difícil sair do óbvio da escrita, como é difícil fugir das técnicas, como é complicado lutar com a linguagem que recebemos; enfim, como o processo de criação é doloroso. E sob essa ótica, penso também como é difícil para a professora sair das aulas tradicionais, lutar contra a rotina e as burocracias escolares.

Nesse contexto, o que temos no Clube de Arte são aulas e encontros, que geram expectativas e proporcionam a experiência da amizade. Nas palavras de Larrosa (2013, p.139), “essa curiosa forma de comunhão com os outros que chamamos de amizade.”





## ENSAIANDO O CAMINHO

O filósofo Kierkegaard me ensinou que cultura  
é o caminho que o homem percorre para se conhecer.  
Sócrates fez o seu caminho de cultura e ao fim  
falou que só sabia que não sabia de nada.

Não tinha as certezas científicas. Mas que aprendera coisas  
di-menor com a natureza. Aprendeu que as folhas  
das árvores servem para nos ensinar a cair sem  
alardes. Disse que fosse ele caracol vegetado  
sobre pedras, ele iria gostar. Iria certamente  
aprender o idioma que as rãs falam com as águas  
e ia conversar com as rãs.

E gostasse mais de ensinar que a exuberância maior está nos insetos  
do que nas paisagens. Seu rosto tinha um lado de  
ave. Por isso ele podia conhecer todos os pássaros  
do mundo pelo coração de seus cantos. Estudara  
nos livros demais. Porém aprendia melhor no ver,  
no ouvir, no pegar, no provar e no cheirar.

Chegou por vezes de alcançar o sotaque das origens.  
Se admirava de como um grilo sozinho, um só pequeno  
grilo, podia desmontar os silêncios de uma noite!

**Manoel de Barros<sup>17</sup>**

Caminho...

Caminho que inicia pelo meio e sempre se está no meio.

Caminho em que encontramos pedras, rachamos as pedras e criamos outras  
pedras.

Caminho como uma viagem de formação, que se forma, deforma e  
transforma.

Caminho que convida a criar um corpo, um corpo atento, um corpo aberto.

Caminho em que a cartógrafa, a pesquisadora, a professora, a mediadora vira

---

<sup>17</sup> BARROS, Manoel de. **Memórias Inventadas**: as infâncias de Manoel de Barros. São Paulo: Planeta do Brasil, 2010.

do avesso. O avesso visível.

Caminho em que somos afetados, em que se aprende a rir de si mesmo.

Caminho composto por diferentes emoções, como a ansiedade, a tristeza, o medo, a alegria, a coragem, a paixão.

Caminho que atravessamos e somos atravessados.

Caminho intenso, potente.

Caminho onde encontramos diferentes linhas, imagens, cores, sons, cheiros...

Caminho como um processo. Caminho devir.

Caminho que convida a fugir do caminho e criar linhas de fuga.

Caminho que pede para olhar o que está fora de foco.

Caminho que seguimos e não julgamos, pensamos e não explicamos, criamos e não refletimos, experimentamos e não interpretamos.

Caminho em que não traçamos uma reta, mas traçamos uma transversal, uma diagonal.

Caminho que por vezes desviamos, andamos, corremos, saltitamos, dançamos...

Caminho por caminhos desconhecidos, indeterminado, perigoso.

Caminho em que de repente paramos...

Mas depois de um tempo voltamos a caminhar.

Caminho em que travamos uma guerra sem batalha contra os inimigos da experiência, em especial o inimigo tempo e o inimigo excesso de trabalho.

Caminho composto por aulas, conversas e encontros.

Caminho solitário, mas também partilhado, de amizade pelo pensamento. E nesse percurso, em especial, acompanhada por de Barros, Deleuze, Larrosa, Latour, Kasper, Parnet, Guattari, Pelbart, Rolnik, Kastrup...

Caminho que deixa marcas.

Caminho que responde algumas questões e deixa muitas outras no ar.

Caminho que nesse momento faz uma pausa no movimento, mas que é preciso seguir mapeando, cartografando, descobrindo, inventando...

## INTERLOCUTORES

180 DEGREES SOUTH: Conquerors of the Useless. Direção: Chris Malloy. Estados Unidos: Woodshed Films, Magnolia Home Entertainment, 2010. 1 DVD (85 min), color.

ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. (Org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. 2. ed. Reimp. Porto Alegre: Sulina, 2012.

AMORIN, Antonio Carlos. Três crianças a compor um plano para o currículo. **Currículo sem fronteiras**, v. 13, n. 3, p. 411-426, set./dez. 2013.

ANTONIO, Ricardo Carneiro. **Um oásis de sombra e luz em cada escola**: as escolinhas de arte e a formação do homem do futuro (1960-1970). Curitiba: Ed. UFPR, 2012.

AZEVEDO, Murillo Pereira. **Processos experimentais de formação**: entre educação, ciências e vídeos. 121 f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e em Matemática) - Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

BARBOSA, Ana Mae. Arte educação no Brasil: do modernismo ao pós-modernismo. **Revista Digital Art&**, São Paulo, n. 0, out. 2003. não p.

BARROS, Laura Pozzana; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. (Org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. 2. ed. reimp. Porto Alegre: Sulina, 2012.

BARROS, Regina Benevides; PASSOS, Eduardo. Diário de bordo: de uma viagem-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. (Org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. 2. ed. reimp. Porto Alegre: Sulina, 2012.

BIERNASKI, Emerson; NASCIMENTO, Flávia Gisele; SANTOS, Pollyana Aguiar Fonseca; KASPER, Kátia Maria. Cartografia, currículos, invenção: pesquisando processos educacionais. In: EDUCERE: Congresso Nacional de Educação, 12., 2015, Curitiba. **Anais XII EDUCERE, III SIRSSE, V SIPD – Cátedra UNESCO e IX ENAEH**, Curitiba: PUCPR, 2015. p. 15227-15235.

BOURRIAUD, Nicolas. **Estética relacional**. Tradução de: BOTTMANN, Denise. São Paulo: Martins, 2009.

CALVINO, Italo. **Palomar**. Tradução de: REIS, João. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

COLASANTI, Marina. **Eu sei, mas não devia**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996. p. 9.

Disponível em: <[http://www.releituras.com/mcolasanti\\_eusei.asp](http://www.releituras.com/mcolasanti_eusei.asp)>. Acesso: em 01 dez. 2015.

COSTA, Fabiola Cirimbelli Búrigo. A contribuição do Movimento Escolinhas de Arte em Santa Catarina. **Revista NUPEART**, Florianópolis, v. 8, p. 11-27, 2010.

CRITON, Pascale. O ouvido ubíquo: escutar de outro modo. **Cadernos de Subjetividade**, São Paulo, n. 14, p. 23-31, 2012.

DELEUZE, Gilles. **Conversações, 1972 - 1990**. Tradução de: PELBART, Peter Pál. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

\_\_\_\_\_. **Foucault**. Tradução de: DUARTE, Pedro Elói. Lisboa: Ed. 70, 2005.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de: GUERRA NETO, Aurélio; COSTA, Célia Pinto. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. 1 v.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Tradução de: CUNHA, José Gabriel. Lisboa: Relógio D' Água, 2004.

EM BUSCA DE UM CAMINHO. Direção: Emilio Estevez. Espanha, Estados Unidos: Disney, 2012. 1 DVD (123 min), color.

FARINA, Cynthia. **Arte e formação: uma cartografia da experiência estética**. In: 31ª Reunião Anual da ANPED. Caxambu, 2008. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GE01-4014—Int.pdf>>. Acesso em: 01/10/14.

FORJAZ, Cibeles. **Galileu Galilei**. São Paulo, 2015. 1 fôlder.

FUGANTI, LUIZ. Devir. In: FONSECA, Tania Mara Galli; NASCIMENTO, Maria Lúvia; MARASCHIN, Cleci. (Org.). **Pesquisar na diferença: um abecedário**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Tradução de: NEPOMUCENO, Eric. Porto Alegre: L&PM, 2015. (Coleção L&PM POCKET).

GALLO, Silvio. **Eu, o outro e tantos outros: educação, alteridade e filosofia da diferença**. Recife, 2008. Disponível em: <<http://www.gajop.org.br/justicacidade/wp-content/.../Eu-o-outro-e-tantos-outros-Sílvio-Gallo.pdf>>. Acesso: em 25 jan. 2016.

GIOVANELLA, Alessandra. Invenções cartográficas - uma poética da criação... imagens cotidianas. In: CORRÊA, Ayrton Dutra. (Org.). **Cartografias contemporâneas da arte-educação**. Santa Maria: UFSM, 2008.

JANELA DA ALMA. Direção: João Jardim; Walter Carvalho. Brasil: Ravina Filmes, Copacabana Filmes e Produções, 2001. 1 DVD (73 min), color.

JOHELAVICIUS, Geceoní Fátima Cantéli. **Poética do inutensílio e experiência:**

tramas de uma educação menor. 122 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação: Teoria e Prática de Ensino, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

JÚNIOR, Moysés Kuhlmann; MEDEIROS, Ceres Luehring. O Centro Juvenil de Artes Plásticas e a formação de arte-educadores na década de 1950. **Revista Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 9, n. 27, maio/ago. 2009.

KASPER, Kátia Maria. Dos corpos sentados aos gestos em fuga: estatutos dos corpos em processos de formação. **Revista da Faculdade de Educação**, Mato Grosso, ano IX, n. 15, jan/jun. 2011.

\_\_\_\_\_. Educação? Formação? Subjetivação? - Reinventar-se na experimentação, ou de como se chega a ser o que se é contra o que se é, rindo de si mesmo. In: Congresso de Leitura no Brasil, 16., 2007, Campinas. **Anais do 16º Cole**, Campinas: UNICAMP, 2007. não p.

\_\_\_\_\_. **Experimentações Clownescas**: os palhaços e a criação de possibilidades de vida. 412 p. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

KASTRUP, Virgínia. A invenção na ponta dos dedos: a reversão da atenção em pessoas com deficiência visual. **Psicologia em revista**, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 69-90, jun. 2007a.

\_\_\_\_\_. Experiência estética para uma aprendizagem inventiva: notas sobre a acessibilidade de pessoas cegas a museus. **Informática na educação: teoria & prática**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 38-45, jul/dez. 2010.

\_\_\_\_\_. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. **Psicologia & Sociedade**, 19(1), 15-22, jan/abr. 2007b.

\_\_\_\_\_. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. (Org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. 2. ed. reimp. Porto Alegre: Sulina, 2012.

\_\_\_\_\_. O lado de dentro da experiência: atenção a si mesmo e produção de subjetividade numa oficina de cerâmica para pessoas com deficiência visual adquirida. **Psicologia Ciência e Profissão**, 28(1), 186-199, 2008.

KASTRUP, Virgínia; BARROS, Regina Benevides de. Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. (Org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. 2. ed. reimp. Porto Alegre: Sulina, 2012.

LARROSA, Jorge. A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 29, n. 1, p. 27-43, jan./jun. 2004.

\_\_\_\_\_. Ensaio, diário e poema como variantes da autobiografia: a propósito de um "poema de formação" de Andrés Sánchez Robayna. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. (Org.). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Rio Grande do Sul: EDIPUCRS, 2006.

\_\_\_\_\_. Experiência e alteridade em educação. **Revista Reflexão e Ação**. Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 04-27, jul./dez. 2011.

\_\_\_\_\_. **Linguagem e educação depois de Babel**. Tradução de: FARINA, Cynthia. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. (Coleção educação: experiência e sentido).

\_\_\_\_\_. **Nietzsche & a educação**. Tradução de: VEIGA, Semíramis Gorini da. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

\_\_\_\_\_. O ensaio e a escrita acadêmica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 28, n. 2, p. 101-115, jul./dez. 2003.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. Tradução de: VEIGA-NETO, Alfredo. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

\_\_\_\_\_. **Tremores: escritos sobre experiência**. Tradução de: ANTUNES, Cristina; GERALDI, João Wanderley. 2. ed. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. (Coleção educação: experiência e sentido).

LATOUR, Bruno. Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre ciência. In: NUNES, João Arriscado; ROQUE, Ricardo. (Org.). **Objectos impuros: experiências em estudos sobre a ciência**. Porto: Edições Afrontamento, 2008.

LIMA, Sidney Peterson F. de. Escolinha de Arte do Brasil: movimentos e desdobramentos. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 21., 2012, Rio de Janeiro. **Anais**. Rio de Janeiro: ANPAP, 2012. p. 454-466.

LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

\_\_\_\_\_. Amor. In: \_\_\_\_\_. **Laços de família: contos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

MACHADO, Ana Maria. **Ponto por ponto**. São Paulo: Beriadis & Vertecchia, 1998. (Coleção andorinha).

MACROFOTOGRAFIA: Juarez Machado. Direção: Mariana Cronenberger. São Paulo: Rede SescSenac de Televisão, 2001. 1 DVD (24 min), color.

MITROVITCH, Caroline. **Experiência e formação em Walter Benjamin**. São Paulo: UNESP, 2011.

MORAES, Marcia. PesquisarCom: política ontológica e deficiência visual. In: MORAES, Marcia; KASTRUP, Virgínia. (Org.). **Exercícios de ver e não ver: arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual**. Rio de Janeiro: Nau, 2010.



NÓVOA, António. Carta a um jovem investigador em Educação. **Investigar em Educação**, II série, n. 3, 2015.

NUNES, Ana Luiza Ruschel. O ensino de arte na educação básica. In: CONFAEB, 20., 2010, Florianópolis. **Anais**. Florianópolis: CEAD/UDESC, 2010, p. 1-16.

OLIVEIRA, Myriam Fernandes Pestana. Escolinha de Arte de Cachoeiro de Itapemirim – ES: ideais e atitudes do Movimento Escolinha de Arte do Brasil. In: CONFAEB Arte/Educação: corpos em trânsito, 12., 2012, São Paulo. **Anais**. São Paulo: Instituto de Artes – UEP, 2012, não p.

OSINSKI, Dulce Regina Baggio. **A modernidade no sótão**: educação e arte em Guido Viaro. Curitiba: Ed. UFPR, 2008.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. (Org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. 2. ed. reimp. Porto Alegre: Sulina, 2012.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia. (Org.). **Pistas do método da cartografia**: a experiência da pesquisa e o plano comum. Porto Alegre: Sulina, 2014. 2 v.

PEREIRA, Denise Aparecida Lima. **Experiência, singularização, ecosofia**: cartografia de processos de formação. 127 f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e em Matemática) - Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

POZZANA, Laura. A formação do cartógrafo é o mundo: corporificação e afetabilidade. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia. (Org.). **Pistas do método da cartografia**: a experiência da pesquisa e o plano comum. Porto Alegre: Sulina, 2014. 2 v.

\_\_\_\_\_. Oficina de movimento e expressão com deficientes visuais: uma aprendizagem coletiva. In: MORAES, Marcia; KASTRUP, Virgínia. (Org.). **Exercícios de ver e não ver**: arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual. Rio de Janeiro: Nau, 2010.

PIRES, Rita de Cássia Baduy. **Pequenas grandezas**: miniaturas de Hélio Leites. Curitiba: Museu Oscar Niemeyer, 2010.

REGIS, Vitor Martins; FONSECA, Tania Mara Galli. Cartografia: estratégias de produção do conhecimento. **Fractal: Revista de Psicologia**, Niterói, v. 24, n. 2, p. 271-286, maio/ago. 2012.

RESENDE, Otto Lara. Vista cansada. **Folha de São Paulo**. São Paulo: 23. fev. 1992. Disponível em: <[http://www.releituras.com/olresende\\_vista.asp](http://www.releituras.com/olresende_vista.asp)>. Acesso: em 01 dez. 2015.

RODRIGUES, Augusto. (Org.). **Escolinha de Arte do Brasil**. Brasília: INEP, 1980.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

SADE, Christian; FERRAZ, Gustavo Cruz; ROCHA, Jerusa Machado. O ethos da confiança na pesquisa cartográfica: experiência compartilhada e aumento na potência de agir. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia. (Org.). **Pistas do método da cartografia**: a experiência da pesquisa e o plano comum. Porto Alegre: Sulina, 2014. 2 v.

SANTOS, Juliano dos. **Experimentações e(m) processos de formação**: entre marcas, corpos e invenções. 166 f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e em Matemática) - Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

SOCIEDADE DOS POETAS MORTOS. Direção: Peter Weir. Estados Unidos: Touchstone Pictures, Disney / Buena Vista, 1989. 1 DVD (128 min), color.

SOUZA, Edson Luiz André. Entrevistar. In: FONSECA, Tania Mara Galli; NASCIMENTO, Maria Lívia; MARASCHIN, Cleci. (Org.). **Pesquisar na diferença**: um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2012.

TEDESCO, Silvia Helena; SADE, Christian; CALIMAN, Luciana Vieira. A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia. (Org.). **Pistas do método da cartografia**: a experiência da pesquisa e o plano comum. Porto Alegre: Sulina, 2014. 2 v.

VAZ, Suzana Terezinha Gruber. Vivências do cotidiano infantil: educação e arte como prática de si. In: CORRÊA, Ayrton Dutra. (Org.). **Cartografias contemporâneas da arte-educação**. Santa Maria: UFSM, 2008.

VEIGA-NETO, Alfredo. Literatura, experiência e formação: uma entrevista com Jorge Larrosa. In: Costa, Marisa Vorraber. (Org.). **Caminhos investigativos I**: novos olhares na pesquisa em educação. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

VERMELHO COMO O CÉU. Direção: Cristiano Bortone. Itália: Orisa Produzioni, 2006. 1 DVD (96 min), color.

ZANELLA, Andrea Vieira. Olhar. In: FONSECA, Tania Mara Galli; NASCIMENTO, Maria Lívia; MARASCHIN, Cleci. (Org.). **Pesquisar na diferença**: um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2012.





## APÊNDICE 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE EDUCAÇÃO  
Programa de Pós-Graduação em Educação: Teoria e Prática de Ensino  
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhores pais, ou responsáveis:

Seu(a) filho(a) está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa, que intitula-se “Clube de Arte na escola: espaço de criação e formação”, que será realizada no segundo semestre letivo de 2015, no Colégio [REDACTED], com alunos(as) do Clube de Arte, no qual seu(a) filho(a) participa. A pesquisa tem por objetivo construir e analisar processos experimentais de formação, no qual os(as) estudantes produzirão imagens editadas. Será analisado todo o processo de construção do clube, bem como depoimentos dos(as) participantes. As imagens produzidas e os depoimentos serão utilizados apenas para finalidades científicas (para apresentação da pesquisa em eventos acadêmicos, publicação de artigos, e defesa pública da dissertação de mestrado). Os(as) estudantes (através de manifestação de seu responsável) têm total liberdade de recusar a participar, ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa.

Eu, \_\_\_\_\_, estando ciente das condições de realização e dos objetivos da pesquisa citada acima, concordo e autorizo a participação de meu(a) filho(a) \_\_\_\_\_ nesta pesquisa - cujas imagens serão utilizadas integralmente ou em partes, para a realização das atividades citadas acima, sem restrição de prazos, ficando seu controle vinculado à UFPR, através da assinatura em duas vias deste termo de consentimento livre e esclarecido, do qual receberei uma via assinada, e outra via ficará na posse do pesquisador responsável.

**Identificação do responsável:**

Nome: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Telefone para contato: \_\_\_\_\_

**Identificação da pesquisa:**

Título da pesquisa: Clube de Arte na escola: espaço de criação e formação

Professora responsável: Dra. Kátia Maria Kasper – UFPR

Pesquisadora responsável: Flávia Gisele Nascimento – UFPR

Telefone para contato: (41) [REDACTED]

E-mail: flaviagisele51@yahoo.com.br

Nos colocamos à disposição para maiores esclarecimentos.

Data: 15/10/2015

\_\_\_\_\_  
Flávia Gisele Nascimento\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) responsável